



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS



Renata Soares Dias

MODALIZADORES LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS:
construção do sentido do gênero Artigo de Opinião no Ensino
Fundamental

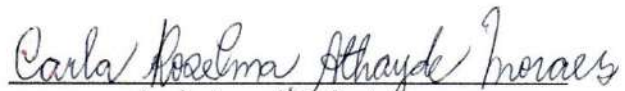
Montes Claros-MG
2018

Renata Soares Dias

MODALIZADORES LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS:
construção do sentido do gênero Artigo de Opinião no Ensino Fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito obrigatório para a conclusão do curso e obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Roselma Athayde Moraes


Assinatura da orientadora

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes

Sublinha: Ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual

Montes Claros-MG
2018

D541m Dias, Renata Soares.
Modalizadores linguístico-discursivos [manuscrito] : construção do sentido do gênero Artigo de Opinião no Ensino Fundamental / Renata Soares Dias. – Montes Claros, 2018.
199 f. : il.

Bibliografia: f. 161-165.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Roselma Athayde Moraes.

1. Modalizadores. 2. Argumentatividade. 3. Artigo de Opinião - Gênero. 4. Letramento. I. Moraes, Carla Roselma Athayde. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Construção do sentido do gênero Artigo de Opinião no Ensino Fundamental.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



RENATA SOARES DIAS

*MODALIZADORES LINGUISTICO-DISCURSIVOS: construção de sentidos do gêneros
artigo de opinião no ensino fundamental*

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras Doutoras:

Prof.^a Dr.^a Carla Roselma Athayde Moraes – Orientadora (Unimontes)

Prof.^a Dr.^a Marli Silva Fróes (IFNMG)

Prof.^a Dr.^a Maria Alice Mota (Unimontes)

Montes Claros (MG), 5 de março de 2018.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte divina, o meu guia e a minha proteção.

Aos meus pais, José Dias e Iracema, pelo apoio fiel e exemplo de vida, que, pacientemente, suportaram minha ausência e apoiam tudo o que me proponho a fazer.

Ao meu irmãozinho, João Pedro, que sempre se preocupa comigo.

Ao meu marido, Anderson, pelo companheirismo, pela tranquilidade que me passa nos momentos difíceis, me encoraja a dar o melhor de mim sempre.

À minha orientadora, Carla Roselma, fonte de sabedoria, a minha gratidão pelo empenho e cooperação neste trabalho.

A todo corpo docente, pelo ensinamento partilhado, cujas vozes ainda ecoam em minha mente, fortalecendo-me na profissão que escolhi para minha vida.

À minha família e aos meus amigos, que sempre contribuíram, dando-me apoio e torcendo por mim neste caminho percorrido.

Às minhas amigas de mestrado, Adriana, Clarice e Karina, pela parceria, palavras de ânimo e amizade construída.

Aos meus colegas de turma, pela experiência compartilhada, pelo carinho e pela disponibilidade sempre presente.

À direção (anterior e atual) e aos colegas de trabalho da Escola Estadual Dom Lúcio, que colaboraram nesta trajetória e no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus alunos, que tiveram uma participação ímpar, despertando, ainda mais, em mim, o prazer de ensinar.

Ao Profletras, pela oportunidade de realizar esta formação.

À Capes, pela bolsa de estudos.

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. (FOUCAULT, 2005, p. 43-44)

RESUMO

A língua oferece aos falantes variados mecanismos de (re)construção dos sentidos na linguagem. Nesse aspecto, defendemos, aqui, a importância de conhecer os modalizadores linguístico-discursivos e compreender os efeitos semântico-discursivos que eles proporcionam ao enunciado, pois são condições básicas para o uso adequado da linguagem verbal, em sua manifestação oral e escrita, principalmente em textos argumentativos. Essa prática contribui para nos inserirmos na sociedade, na qual as práticas de letramento são amplas em todas as classes sociais, por isso torna-se necessário utilizar, de forma consciente, esses elementos linguístico-discursivos. Constatamos, através de diversas situações, não só no ambiente escolar, que muitas pessoas são alfabetizadas, mas não utilizam de forma efetiva os referidos recursos linguísticos e, conseqüentemente, prejudicam a geração dos efeitos de sentido pretendidos em seus textos, fazendo, também, com que eles não sejam adequados ao exercício pleno de comunicação. É primordial que a formação do aluno tenha como meta a aquisição de conhecimentos básicos, competências e habilidades, como uso adequado dos modalizadores linguístico-discursivos e utilização da coerência e coesão textuais, que contribuem para que o processamento adequado do seu texto escrito aconteça. A proposta deste estudo é, pois, proporcionar que os alunos reconheçam os efeitos de sentido provenientes dos usos de modalizadores linguístico-discursivos, utilizando-os, adequadamente, no processo discursivo. Quanto aos aspectos metodológicos, esta pesquisa é de cunho qualitativo, a qual tem um caráter exploratório, que estimula os envolvidos a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Os dados foram compostos de análises de textos produzidos pelos alunos do 8º ano de escolaridade, da Escola Estadual Dom Lúcio, município de Espinosa, além de uma amostra específica referente às respostas de um questionário aplicado aos discentes. Esses dados serviram de instrumentos essenciais para este trabalho. A intervenção se desenvolveu através de oficinas de leitura e escrita, por meio das quais o aluno passou a compreender a importância do uso adequado desses elementos no texto. Para isso, serviram de norteadores teóricos os estudos de Koch e Elias (2014), Benveniste (1976), Charaudeau (2008), Bakhtin (2006), Machado (2001), Mainguenu (2005), Marcuschi (2008), Antunes (2010), Koch (2011) Castilho e Castilho (1993), entre outros, os quais apresentam estudos importantes sobre essa temática. Nas oficinas, utilizamos a metodologia da Sequência Didática, pautada numa adaptação do que foi sugerido por Dolz *et al.* (2004). Com base na experiência em sala de aula, nos resultados das avaliações diagnósticas e produções textuais, observamos a necessidade de intervir com ações que proporcionassem resultados satisfatórios na realidade do ensino em questão. Ao desenvolvermos e concluirmos as ações propostas nesta pesquisa, por meio do trabalho de leitura e escrita, percebemos que os alunos pesquisados compreenderam e passaram a utilizar, com competência, os elementos modalizadores linguístico-discursivos e seus efeitos de sentido, sobretudo no gênero Artigo de Opinião. Assim, possibilitamos ressignificar o ensino de leitura e escrita para nossos alunos, de forma que foram ampliadas suas práticas de letramento. Conseguiram fazer uso da linguagem de forma dinâmica e consciente.

Palavras-chave: Modalizadores. Argumentatividade. Artigo de opinião. Letramento.

ABSTRACT

Language offers to the speakers many mechanisms of (re) construction of the senses in the language. In this respect, this study defends the importance of knowing the linguistic-discursive modalizers and knowing the semantic-discursive effects they provide to the utterance, as they are basic conditions for the proper use of verbal language, in its oral and written manifestation, especially in argumentative texts. This practice contributes to our insertion in society, in which literacy practices are broad in all social classes, so it becomes necessary to use these linguistic-discursive elements, consciously. We find out through many situations, not only in the school environment, that many people are alphabetized, but they do not use these language resources effectively and, consequently, they harm the generation of the intended sense effects in their texts, so that they become not suitable for the full exercise of communication. It is essential that the aims in the student's formation be the acquiring basic knowledge, skills and abilities, such as the appropriate use of linguistic-discursive modalizers and the use of textual coherence and cohesion, which contribute to the proper processing of their written text. The purpose of this study is to allow students to recognize the effects of meaning from the use of linguistic-discursive modalizers, using them appropriately in the discursive process. As methodological aspects, this research has a qualitative character, which has an exploratory character, which stimulates those involved to think and express themselves freely on the subject in question. The data were composed of analyzes of texts produced by the students of the 8th year of the Dom Lúcio State School in Espinosa city, in addition to a specific sample regarding the answers of a questionnaire applied to the students. These data served as essential tools for this work. The intervention developed through reading and writing workshops, through which the student could understand the importance of using these elements appropriately in the text. For this, we used as studies guiding Koch and Elias (2014), Benveniste (1976), Charaudeau (2008), Bakhtin (2006), Machado (2001), Mainguenau (2005), Marcuschi (2008), Antunes (2010), Koch (2011) Castilho and Castilho (1993), among others, which present important studies on this subject. In the workshops, we used the methodology of the Didactic Sequence, based on an adaptation of what was suggested by Dolz *et al* (2004). Based on the experience in the classroom, on the results of diagnostic evaluations and textual productions, we observed the need to intervene with actions that provide satisfactory results in the reality of the teaching in question. In developing and concluding the actions proposed in this research, through the work of reading and writing, we perceive that the students understood and began to use competently the linguistic-discursive, modifying elements and their effects of meaning, especially in the genre Article of Opinion. Therefore, we made it possible to re-signify the teaching of reading and writing for our students, so that their literacy practices were expanded. They were able to use language in a dynamic and conscious way.

Keywords: Modifiers. Argumentativity. Opinion article. Literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Categorias dos gêneros	35
Figura 2 - Elementos que podem nortear um texto	36
Figura 3 - Foto da entrada da escola	61
Figura 4 - Esquema da Sequência Didática	84
Figura 5 - Lápis personalizados	87
Figura 6 - Aula inicial	90
Figura 7 - Alunos desenvolvendo a atividade em dupla	105
Figura 8 - Atividade de registro em grupo	113
Figura 9 - Aula expositiva e dialogada em <i>slide</i>	116
Figura 10 - Júri simulado	122
Figura 11 - Escrita de texto coletiva	127
Figura 12 - Vídeo do cordel apresentado	136
Figura 13 - Cartaz 1	137
Figura 14 - Cartaz 2	138
Figura 15 - Cartaz 3	138
Figura 16 - escrita de texto individual	140
Figura 17 - A turma escolar	157
Gráfico 1 - Nível de formação dos pais/responsáveis	62
Gráfico 2 - Frequência de leitura de livros	63
Gráfico 3 - Como você se considera em relação ao empenho escolar.....	64
Quadro 1 - Composição do gênero	42
Quadro 2 - Tipos de argumentos	43
Quadro 3 - Classes e subclasses de modalização	52
Quadro 4 - Classes e subclasses de modalização	54
Quadro 5 - Detalhamento das ações	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Ocorrências dos modalizadores nas produções textuais dos alunos	77
Tabela 2- Ocorrências dos modalizadores nas produções textuais dos alunos após a intervenção	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBC - Conteúdo Básico Comum

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Linguagem e interação	20
2.2 Leitura e escrita	24
2.3 Gêneros discursivos/textuais.....	28
2.4 Artigo de Opinião	38
2.5 Argumentação e modalização	45
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1 Pesquisa-ação	58
3.2. Universo da pesquisa	60
3.2.1 <i>A escola.....</i>	60
3.2.2 <i>Amostra de alunos</i>	61
3.2.3 <i>Diagnóstico.....</i>	64
4 PLANO DE AÇÃO	80
4.1 Proposta de intervenção	80
4.2 Detalhamento das ações	81
4.3 Intervenção e Análise dos dados	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS.....	161
ANEXO A – Questionário aplicado aos alunos	166
ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP	171

ANEXO C – Texto da pausa protocolada	174
ANEXO D – Texto do cordel	176
APÊNDICE A – Atividade de intervenção 2	177
APÊNDICE B – Atividade de intervenção 3	183
APÊNDICE C – Atividade de intervenção 4	185
APÊNDICE D – Atividade de intervenção 5	187
APÊNDICE E – <i>Slide</i> com exposição do assunto	191
APÊNDICE F – <i>Slide</i> com atividade	193
APÊNDICE G – Atividade de intervenção 7	194

1 INTRODUÇÃO

A língua dispõe para os falantes de vários mecanismos de construção dos sentidos na linguagem. Nesse aspecto, citamos, aqui, a necessidade de conhecer os Modalizadores do Discurso e compreender os efeitos de sentido que eles proporcionam ao enunciado, pois são condições básicas para o uso adequado da linguagem verbal, em sua manifestação oral e escrita, principalmente em textos argumentativos. O domínio de habilidades no uso da linguagem contribui para nos inserirmos na sociedade, portanto, torna-se necessário utilizar, de forma consciente, esses elementos linguístico-discursivos.

Constatamos, através de diversas situações, não só no ambiente escolar, que muitas pessoas são alfabetizadas, mas não utilizam de forma adequada os referidos recursos linguísticos e, conseqüentemente, prejudicam a geração dos efeitos de sentido pretendidos em seus textos, fazendo, também, com que eles não sejam adequados ao exercício pleno de comunicação.

Soares (2009, p. 45-46) diz que “as pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para envolver-se com as práticas sociais de escrita”.

Logo, são necessárias práticas que possibilitem ao aluno utilizar os variados recursos que a língua nos oferece para, assim, estabelecer melhores condições de veicular os efeitos de sentido pretendidos em seu discurso. É primordial que a formação do aluno tenha como meta a aquisição de conhecimentos básicos, competências e habilidades, tais como: uso adequado dos modalizadores do discurso, utilização da coerência e coesão textuais, que contribuam para que o processamento adequado do texto escrito aconteça. Nesse sentido:

É preciso, então, trazer a linguagem para o centro de atenção na vida escolar, tendo em vista o papel do discurso nas **sociedades densamente semiotizadas** em que vivemos. São muitos os discursos que nos chegam e são muitas as necessidades de lidar com eles no mundo do trabalho e fora do trabalho, não só para o desempenho profissional, como também para saber fazer escolhas éticas entre discursos em competição e saber lidar com as incertezas e diferenças características de nossas sociedades atuais. Ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola **na construção da cidadania**, a menos que queiramos deixar grande parte da população no mundo do face a face, excluída das benesses do mundo contemporâneo das comunicações rápidas, da tecnologia e da possibilidade de se expor e fazer escolhas entre discursos contrastantes sobre a vida social. (LOPES & ROJO, 2004 *apud* ROJO, 2009, p. 89).

Diante do que foi exposto, verificamos que caminhos e metas devem ser traçados, a fim de que os objetivos necessários à prática consciente de leitura e escrita sejam alcançados. É neste momento que esta proposta de pesquisa começa a se delimitar, visto que detectamos na turma de 8^{o1} ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Dom Lúcio, um baixo índice de desempenho dos alunos, no que se refere a práticas de leitura e escrita, especificamente quando são estimulados a realizar abordagens de argumentação, expor aos outros suas concepções, ou ainda, conquistar apoio e convencer seus interlocutores a aderirem ou aceitarem seu posicionamento diante de determinadas temáticas.

Essas habilidades são fruto de um exercício que dura a vida toda e que inclui tarefas como a de organizar e de selecionar ideias, colocar-se no lugar do interlocutor e ter uma atenção constante a tudo o que ouvimos e falamos. É a esse aspecto que o nosso estudo se refere, pois os modalizadores linguístico-discursivos, foco do nosso trabalho, são responsáveis por delinear a relação que o locutor do texto constrói com o conteúdo do enunciado e com seu interlocutor, demarcando o seu posicionamento em relação ao conteúdo apresentado. Nessa ótica, os modalizadores tornam-se um elemento de argumentação que pode conduzir o raciocínio do leitor em direção ao ponto de vista defendido no discurso.

Em determinados enunciados, uma pretensa neutralidade já indica uma tomada de postura frente ao que se está dizendo, neles o que há são efeitos de sentido de objetividade ou de subjetividade. Nessa concepção, Koch (2011, p. 17) afirma que “a neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade”. Para a geração dos referidos efeitos, o usuário de uma língua pode utilizar-se desses procedimentos para fazer criar tais resultados. Os estudos em torno dos índices de modalização demonstram tais ocorrências. Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem Modalização como uma possibilidade de determinada voz permitir que apareçam marcas de sua concepção diante de um determinado conteúdo temático, de intenção diante do que é enunciado, bem como sua intervenção avaliativa no conteúdo da mensagem (BRASIL, 1998).

Dessa forma, a utilização de índices modalizadores linguístico-discursivos é um recurso que o locutor utiliza para, em sua enunciação, explicitar o seu ponto de vista, a posição assumida no enunciado. Eles permitem demonstrar como o enunciador se manifesta, as posturas do sujeito, diante do que diz, ao elaborar o seu discurso.

¹ É importante esclarecer que, na época em que o diagnóstico foi aplicado, os alunos cursavam o final do 8º ano de escolaridade. Quando a intervenção foi aplicada, já estavam inseridos no 9º ano.

Nossa proposta de trabalho é, pois, proporcionar que os alunos reconheçam os efeitos de sentido provenientes dos usos de modalizadores do discurso, utilizando-os, adequadamente, no processo discursivo. Isso se desenvolverá através de um trabalho integrado de leitura e escrita, no qual o aluno possa compreender os variados sentidos que esses elementos conferem aos textos. Assim, possibilitará que práticas conscientes de leitura e escrita sejam constantes. Ao aprenderem a utilizar esses elementos linguístico-discursivos coerentemente, poderão tornar sua argumentação mais efetiva, fortalecida pela via da utilização adequada de tais recursos.

É relevante ressaltar que este trabalho situa-se na área “Linguagens e Letramentos” do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras, na linha de pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”; na sublinha “Ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual”.

Esta pesquisa é uma oportunidade de articularmos fundamentação teórica e prática e estabelecermos metas e caminhos para que os objetivos almejados sejam concretizados. A partir da experiência da prática docente e diagnóstico de produção textual, detectamos um problema e propomos um trabalho de intervenção com o objetivo de ensinar a utilizar os elementos modalizadores e estratégias de argumentação no texto de opinião. Este estudo servirá de apoio a outros professores que apresentam essas mesmas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, estabelecendo-se, dessa maneira, uma proposta que vise ao aperfeiçoamento do trabalho docente.

De acordo com os resultados obtidos pelas avaliações diagnósticas, produções textuais dos nossos alunos no cotidiano em sala de aula, constatamos um baixo índice de aprendizagem de leitura e escrita dos alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dom Lúcio, situada na cidade de Espinosa. As dificuldades constatadas são especificamente relacionadas ao uso dos elementos modalizadores para indicar atitudes, posturas dos sujeitos, plausibilidade, sustentação dos argumentos em textos opinativos. Diante do problema apresentado, perguntamos: o trabalho sistematizado com os modalizadores linguístico-discursivos, a compreensão de suas funções e efeitos discursivos e utilização desses recursos contribuirão com resultados satisfatórios na produção textual escrita do gênero Artigo de Opinião dos alunos pesquisados?

Nesta etapa de escolarização formal, já é preciso que os alunos tenham bem consolidadas as habilidades de compreender e usar, produtiva e autonomamente, mecanismos de modalização em textos de diferentes gêneros. É necessário, portanto, um trabalho de

intervenção, de forma efetiva, que vise à compreensão dos efeitos de sentido de tais recursos linguístico-discursivos para adquirir as referidas habilidades.

Percebemos, especificamente, uma necessidade maior de desenvolvermos uma intervenção, no que concerne aos modalizadores linguístico-discursivos, pois os alunos não fazem uso desses recursos adequadamente. Isso é perceptível, pois, no momento de analisar esses recursos dentro de um texto, não compreendem os efeitos de sentido produzidos. A falta de reflexão sobre o uso dos modalizadores por parte dos alunos também é notável com base nos problemas relativos ao sentido dos textos que costumam produzir.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, no Eixo Temático I, no tópico “Modalização e Argumentatividade”, apresentam, enfaticamente, que a forma como falamos algo pode expressar pontos de vista, atitudes, sentimentos em relação ao que pronunciamos; pode enunciar fatos tidos como certos, duvidosos, desejáveis, entre outros. Ou seja, o locutor pode usar a linguagem de modo explicitamente argumentativo, guiando seus enunciados para conduzir a determinadas conclusões. Sinalizar para que o interlocutor reconheça se essa voz está criticando ou não, concordando ou não, além de outras marcas de enunciação.

Para Neves (2006, p. 152), todo ato de enunciar implica modalizar: “[...] se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados”, seja por palavras ou até mesmo organização textual. Dessa forma, é um fenômeno natural ao uso da linguagem sinalizar o posicionamento do autor do texto, seus objetivos e intenções e, assim, o direcionamento do texto.

Portanto, efetivar o estudo de recursos de modalização da língua é direcionar os alunos à compreensão de textos e favorecer uma construção de sentido coerente em suas argumentações. Além disso, é contribuir, efetivamente, para melhorar os resultados das avaliações sistêmicas, uma vez que, nos últimos anos, eles não foram favoráveis, evidenciando o baixo desempenho dos alunos em leitura e escrita.

Objetivo geral

Desenvolver e aplicar atividades de intervenção, proporcionando estratégias para que o aluno reconheça os efeitos de sentido dos modalizadores linguístico-discursivos no texto e utilize adequadamente esses recursos em seus próprios textos, especificamente, no Artigo de Opinião.

Objetivos específicos

- Descrever e analisar os resultados obtidos no que concerne às atividades diagnósticas, com o propósito de construir estratégias para que os alunos reconheçam os efeitos de sentido provenientes dos usos dos modalizadores linguístico-discursivos.
- Buscar contribuir para a compreensão dos alunos nos usos dos modalizadores linguístico-discursivos, de forma que possam constatar a importância da utilização adequada desse recurso.
- Sistematizar as categorias de modalizadores, buscando contribuir, por meio de estratégias, para uma prática mais atenta ao contexto de produção de texto opinativo, com a consciência de que a linguagem é uma prática social.

Esperamos que o aluno, ao realizar uma leitura mais reflexiva, aprofundada de textos do gênero Artigo de Opinião, reconhecendo e analisando os efeitos de sentido dos elementos modalizadores linguístico-discursivos utilizados no texto, os resultados, em relação à leitura e escrita, sejam mais satisfatórios. Essa é uma das práticas em que aluno/texto/professor possam interagir, compartilhando conhecimentos linguísticos e de mundo. É perceptível que o estudo dos recursos de modalização linguístico-discursivos, em variados gêneros discursivos/textuais, permite uma compreensão mais aprofundada do texto, assim como também o uso argumentativo que se pode fazer deles.

A perspectiva de estudo apresentada constitui-se como uma prática de letramento necessária, pois contribui para que os alunos adquiram mais consciência dos processos linguístico-discursivos de constituição do sujeito no texto, posições assumidas ou não por ele, ao se posicionar diante de situações determinadas de interlocução. Rojo (2009) comenta que é preciso estabelecer a compreensão do que se lê, recorrer ao conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, além de conhecimento de outros discursos. Ela declara, ainda, que é preciso também contrapor ao texto seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista do locutor, além de identificar o contexto em que o texto está inserido.

Na proposta de intervenção, uma série de atividades será aplicada para atingir os resultados propostos. Será necessário, por exemplo, realizar inferências nos textos em estudo e conduzir os alunos a um aprendizado construído a partir da compreensão dos efeitos de sentido causados no texto pelos modalizadores do discurso.

Nessa perspectiva, propomos desenvolver práticas de ensino que estabeleçam um trabalho efetivo com esses recursos e, por conseguinte, a concretização da aprendizagem, no

que diz respeito aos modalizadores linguístico-discursivos, necessária aos alunos pesquisados. No capítulo a seguir, apresentamos o nosso “Referencial Teórico”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos algumas considerações teóricas relacionadas à leitura, à escrita, aos aspectos da modalização, tais como as relações intersubjetivas, as posturas, posições que um locutor pode assumir, sugerir diante daquilo que diz. Também apresentaremos o propósito da argumentação no gênero Artigo de Opinião, a ser trabalhado com os alunos.

A leitura, a escrita de textos argumentativos e a adoção de posturas perante nossas ações no mundo são práticas necessárias no meio escolar e em outros meios sociais nos quais transitamos. Há, cada vez mais, a necessidade de produção de textos bem elaborados e que, acima de tudo, possam apresentar, de forma coerente, seu posicionamento. Vivemos em uma sociedade que ainda convive com dificuldades que se justificam, sobretudo, pela ausência do hábito de leitura e escrita.

O estudo teórico, sistematizado dos aspectos acima mencionados nos fornecerá o embasamento necessário para fundamentar a pesquisa, respaldando a nossa discussão. Buscaremos nos embasar nas teorias relacionadas à leitura, à escrita, à modalização e à argumentação, propondo compreender o baixo desempenho dos alunos no que se refere à utilização, de forma efetiva, dos modalizadores, ao construir uma argumentação.

Diante desses aspectos, um estudo aprofundado deve ser efetuado. Primeiramente, o conhecimento metodológico relacionado a nosso tipo de pesquisa deve ser contínuo, para tanto utilizaremos Chalmers (1993) com *O que é ciência afinal*, Marconi e Lakatos (2010), com *Fundamentos de Metodologia Científica*.

Em nosso trabalho, serão feitas reflexões em torno de teorias de leitura e escrita, de sua compreensão. Para isso, utilizaremos Koch e Elias (2014) com *Ler e compreender os sentidos do texto*, orientaremos-nos também pelos estudos de Benveniste (1976), no capítulo *Da subjetividade na linguagem*, da obra *Problemas de Linguística Geral*. Essa obra nos apresenta a teoria da subjetividade na linguagem; ela considera o sujeito e vê a língua como sendo essencialmente social, interacional, já que a língua é um meio de relação e comunicação entre sujeitos; assim, deixa evidentes os princípios da subjetividade predominantes na linguagem. Charaudeau (2008), com *Linguagem e discurso-modos de organização*, apresenta abordagens esclarecedoras, como a noção de ato de linguagem e os papéis dados aos diferentes sujeitos que dele participam. O autor faz compreender como as

pessoas que partilham visões de mundo produzem conhecimento e interagem com seus parceiros em diversas situações discursivas. Sua obra é um instrumento que permite analisar as especificidades dos discursos que transitam na sociedade. Com o mesmo intuito, Bakhtin (2006), no capítulo 6, *Interação verbal*, do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, apresenta a linguagem como um processo contínuo de criação que se efetiva na interação verbal. Neste capítulo, aborda, também, a definição e organização da expressão, apresentando-nos a fala como base da evolução da língua. Utilizaremos, ainda, o capítulo *Os gêneros do discurso*, do livro *Estética da criação verbal*, de Bakhtin (2000). Nele, o autor estabelece uma reflexão aprofundada sobre gêneros do discurso e sua constituição. Maingueneau (2005), em *Análise de textos de comunicação*, também trata dos gêneros do discurso e detalha as categorias, as tipologias e suas utilidades, fornecendo-nos vários elementos que envolvem sua composição. Essas informações contribuem na construção textual e, por conseguinte, no processo comunicativo. Estudaremos a obra de Marcuschi (2008), *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, na qual o autor ressalta os conceitos de língua e de texto, relacionando-os e propondo um ensino de língua com base na produção textual, na análise de gêneros e na leitura. No que diz respeito aos gêneros, fundamentaremos-nos na obra *Gêneros textuais e ensino* das organizadoras Dionísio, Machado e Bezerra (2010). A obra fornece o estudo de gênero discursivo/textual por meio de vários autores que apresentam um trabalho relacionado a este assunto, em que o objetivo é levar os alunos a desenvolverem competências no uso da linguagem por meio da utilização de gêneros textuais no ato comunicativo.

Nesta pesquisa, há também a necessidade de adentrarmos nas leituras de Antunes (2010). A autora, em sua obra *Análise de textos: fundamentos e práticas*, pontua exemplos de como se pode perceber, em textos, elementos de sua construção, de sua relevância comunicativa e de como se pode ultrapassar, nas atividades de análise, a simples identificação de elementos de sua superfície, evidenciando, assim, os recursos utilizados no discurso. Ela ressalta, ainda, a importância da leitura e da análise de textos em nossos dias, independentemente de idade ou nível de escolaridade, e, dessa maneira, a relevância do bom desenvolvimento da argumentação em qualquer âmbito.

Refletir sobre a leitura e a escrita não é tarefa tão fácil, pois, conforme destaca Antunes:

Analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação os efeitos de sentido

decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos [...] (ANTUNES, 2010, p. 49).

Nessa obra, Antunes (2010) expõe que um texto se estrutura a partir de um objeto, de uma ideia ou de núcleo de sentido e, através desses elementos, haverá a construção da continuidade e do sentido. Daí a necessidade de instaurarmos, em sala de aula, a prática de análise de textos escritos e orais que transitam nas atividades sociais, estabelecendo relações de sentido com a utilização (ou não) de elementos modalizadores nos textos. A partir de atividades de estudo como essas, alcançaremos competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Ressaltamos que utilizaremos, também, as concepções e orientações propostas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (doravante PCNs). Eles apresentam os objetivos gerais da área, que expressam capacidades que os alunos devem desenvolver ao longo da escolaridade obrigatória, explicitando a contribuição específica dos diferentes âmbitos do conhecimento. Esse documento explicita como, na nossa área, os professores podem contribuir para o desenvolvimento dos processos de letramento; dessa forma, o desenvolvimento dessas habilidades concorrerá para que esse processo aconteça.

A partir dessas e de outras leituras que serão realizadas, procuraremos embasar teoricamente nosso trabalho, pois esse referencial teórico tem a função de nortear a pesquisa, contribuindo para a efetivação significativa do plano de intervenção elaborado. Citaremos, a seguir, aspectos teóricos que iremos abordar em nossa pesquisa.

2.1 Linguagem e interação

As atividades humanas, em sua variedade, estão sempre relacionadas à utilização da linguagem. Esta pode ser considerada como a capacidade humana de manifestar conteúdos simbólicos, visando à expressão de sentimentos, à manifestação de desejos e opiniões, à troca de informações entre grupos sociais. Por outro lado, o uso da linguagem pode servir também à manipulação de ideias, à apropriação da língua com vistas à dissimulação de intenções, daí a necessidade de decifrarmos os sentidos dos textos com os quais nos deparamos e de, também, na escrita, aprendermos a operar com a língua na construção dos sentidos dos nossos textos. Por meio dela, sinalizamos para o nosso interlocutor os efeitos de sentido oriundos dos

elementos linguístico-discursivos utilizados, para que ele seja capaz de identificar a intenção presente em um determinado discurso. Num sentido mais genérico, a linguagem pode ser conceituada como um sistema de sinais de que se valem os indivíduos para comunicar-se. Tendo em vista essa concepção, Charaudeau afirma:

É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem, ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente (CHARAUDEAU, 2008, p. 07).

Assim, a linguagem está associada a fenômenos sociais de comunicação, em que se estabelece uma conexão entre locutor e interlocutor. Benveniste (1976, p. 286) assevera que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*.” Reafirmamos, aqui, através dessas teorias, o grau de relevância que a linguagem possui, visto que, nela, estão entrelaçados os atos comunicativos do sujeito.

Charaudeau faz, ainda, uma analogia ao expor que:

A linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um “savoir-faire”, o que é chamado de *competência*. Uma competência *situacional*, pois não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação. (CHARAUDEAU, 2008, p. 07).

Com esse olhar, evidenciamos que o ato da linguagem é um rico e complexo fenômeno, um exercício que se utiliza de vários componentes linguísticos e situacionais. E a palavra é um desses mecanismos da linguagem que serve de interação entre o locutor e interlocutor. Isso se confirma, claramente, nas palavras de Bakhtin (2006, p. 115): “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.

Postulando essa ideia, Bakhtin (2006, p. 116) pontua, ainda, que “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação.” Dessa forma, a linguagem é vista como um processo de interação entre sujeitos, não mais separada do contexto em que é produzida. Logo, o sentido não está nas formas da língua, mas num conjunto de elementos produtores de sentido, que se atualizam na interação. Cunha aponta dois desses elementos:

- (i) os verbais, formas da língua organizadas em enunciados;
- (ii) os não verbais, o olhar, os gestos, os movimentos faciais e corporais e a entoação, na fala; a estrutura visual do gênero e os elementos paratextuais – título, subtítulo, autor, gênero, suporte, tamanho e formato da letra, e os elementos tipográficos, na escrita. (CUNHA, 2010, p. 180-181).

Atualmente, é essa concepção que os PCNs adotam para o processo de ensino. Precisamos reconhecer os recursos linguísticos e não linguísticos utilizados no texto para compreender os efeitos de sentido proporcionados no ato comunicativo. Vale lembrarmos que esta pesquisa se refere aos processos de uso da língua capazes de, juntamente com os elementos situacionais, fazer gerar os efeitos de sentido pretendidos. Referimo-nos, especificamente, aos modalizadores linguístico-discursivos.

Bakhtin (2000) assevera que todo uso de linguagem retrata uma atividade sociointerativa a qual reflete as condições sócio-históricas da comunidade linguística ao tempo em que é por elas conduzido. Nota-se que o texto configura-se como um exercício intersubjetivo, uma vez que é na interação produtor-texto-leitor, em dada situação de interação, e sob condições sócio-históricas, que o sentido é construído. Assim, o texto é estruturado pelo produtor segundo as intenções e propósitos que movimentam a interação.

Exercemos um papel de atuentes na sociedade por meio do uso da linguagem, buscando o entendimento de nossos interlocutores com o intuito de participar das esferas de atuação discursivas em que estamos inseridos. Bakhtin (2000, p. 279) conceitua, em sua teoria, uma visão de linguagem como interação, pois “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. O autor detalha que:

Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Ainda que sejam únicos, os enunciados seriam ajustados pelos campos de atuação que se apresentam, com a finalidade de participarem deles, e, dessa forma, serem reconhecidos como linguagem.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se

indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2000, p. 279, grifos do autor).

Vemos que os enunciados constituem campos específicos às esferas da atividade humana, inseridos num contexto sócio-histórico. Eles se realizam conforme a necessidade e a evolução do ser humano. E por meio dos índices característicos dessas esferas que vão se dar esses gêneros discursivos/textuais, os quais podem ser peculiares e/ou flexíveis quanto ao tema, estilo e construção composicional.

A noção de gênero discursivo/textual não deve ser de aplicação classificatória, e, sim, uma maneira de conceber os diversos campos da comunicação humana, por isso são mais que regras de bem escrever; é algo inerente à linguagem, à sociedade: o homem se comunica por meio dos gêneros discursivos/textuais.

Bakhtin (2000, p. 293) frisa que “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”. Pela perspectiva bakhtiniana, o discurso são os valores e os conhecimentos veiculados pelos sujeitos, como seres sociais. Esses valores e saberes só podem manifestar-se através de enunciados, isto é, aquilo que é efetivamente dito em um processo de enunciação concreta. O discurso e o enunciado estão interligados e são, de acordo com a perspectiva adotada, interdependentes.

Nas palavras de Bakhtin (2006, p. 132), “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as entonações, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”. O real elemento da comunicação discursiva é o enunciado, é aquilo que pode ser visto ou ouvido; o enunciado é a materialidade linguística, e como tal, pode ser repetido em diversas outras situações comunicativas. Entretanto, a cada vez que o enunciado for repetido, receberá outro sentido, porquanto estará inserido em uma nova situação, em outro momento histórico, ou seja, o sentido do enunciado está irremediavelmente ligado à situação de produção, portanto não há como separá-los.

Contudo, é necessário atentar aos esclarecimentos que o autor sintetiza no que concerne às colocações acerca da língua e de seus processos comunicativos.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 125, grifos do autor).

Verifica-se, com essa observação, que os sentidos só podem se constituir se houver a materialidade linguística, ou seja, mediante às proposições efetivamente ditas. Outra propriedade importante do enunciado está no fato de ele sempre responder a outro enunciado e de suscitar respostas aos enunciados que irão surgir em decorrência do surgimento do primeiro. Assim,

[os] enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 2000, p. 316).

Nesse aspecto, podemos frisar um ponto importante do nosso trabalho, qual seja: os textos produzidos são ecos de outros enunciados, enunciados que são, constantemente, deslocados de diversos campos sociodiscursivos da sociedade.

2.2 Leitura e escrita

Escrever não é algo simples, visto que um simples bilhete, para ser escrito, deve-se conhecer desde a sua estrutura até a intensidade com que as palavras nele contidas irão provocar no seu interlocutor. Dessa forma, para que o texto produzido cause o efeito desejado, é imprescindível que o seu produtor esteja apto a utilizar todos os recursos que tornem sua escrita significativa. É o que diz Antunes (2005):

Escrever é como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com o outro, trocar com alguém alguma informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha, sem uma intenção particular. (ANTUNES, 2005, p. 28).

A fim de que a elaboração textual se concretize de forma satisfatória, cabe ao produtor ter “uma bagagem textual”, ou seja, possuir determinados conhecimentos adquiridos através de muita prática de leitura no dia a dia e, também, uma riqueza de conhecimentos enciclopédicos e experiências decisivas no processo. Quando lidamos com a escrita, devemos ter em mente o nível de complexidade desse processo para todos que o executam. Nesse sentido, Antunes acrescenta:

[...] produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita (ANTUNES, 2003, p. 54).

O hábito de escrita deve ser incentivado e o aluno deve perceber que é uma prática fundamental para seu desempenho escolar e, conseqüentemente, social. A escrita é um artifício de poder que influencia em nosso cotidiano, o sujeito não escreve por acaso, sempre possui uma finalidade por trás das palavras, a escrita faz com que a experiência de cada pessoa resulte em um meio de comunicação com o mundo. Essa ação está estritamente ligada à leitura, já que, conforme afirma Cagliari (1997, p. 103), “a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura”. Assim, verificamos que, em consonância com a prática de escrita, deve estar a de leitura. Esta, realizada de forma eficaz, possibilita uma atitude crítica diante da realidade, é um aperfeiçoamento constante que permite continuar a “ler o mundo”. Kleiman, a respeito da atividade de leitura, afirma:

A concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social [...]. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler (KLEIMAN, 2004, p. 14).

A autora supracitada demonstra que, na visão atual, a realidade social exerce um papel imprescindível nas práticas de leitura, e o leitor precisa relacionar conteúdos e contextos socioculturais com os quais lida permanentemente. O processo de leitura deve ocorrer através

de um exercício conjunto, pois compreender um texto é uma atividade que se dá por meio da interação entre autor-texto-leitor.

Os PCNs de Língua Portuguesa apresentam a seguinte concepção de leitura:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p. 69-70).

Koch e Elias reforçam essa ideia, argumentando que:

A leitura é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2014, p. 11, grifos das autoras).

Essas autoras afirmam ainda que a leitura é um exercício no qual se levam em consideração os conhecimentos do leitor. E que a leitura de um texto requer do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, haja vista que o texto não é um simples elemento da codificação de um emissor a ser decodificado passivamente. Na prática de leitura, é necessária a presença de leitores ativos para estabelecerem pontes entre os conhecimentos prévios e as novas informações contidas no texto, a fim de realizarem inferências, comparações, ou seja, estabelecerem relações de sentido. Sabe-se que a leitura e a relação de sentido são exercícios direcionados por nossa “bagagem” sociocognitiva, pelos conhecimentos da língua, relacionados aos lugares sociais, a crenças, a valores e a vivências.

Koch (2011) comenta que, nas aulas de leitura, é essencial ensinar ao aluno sobre a presença, em cada texto, de vários graus de sentido, visto que cada texto pode possuir uma pluralidade de interpretações ou leituras. Nesse sentido, a autora enfatiza que [...] “cumprir mostrar-lhe que, além da significação explícita, existe toda uma gama de significações implícitas, muito mais sutis, diretamente ligadas à intencionalidade do produtor.” (KOCH, 2011, p. 155). A autora continua dizendo que a compreensão de um texto reside na apreensão de suas significações possíveis, as quais se retratam nele, em grande número, através de marcas linguísticas. Essas marcas operam como sinais dados ao interlocutor para possibilitar-

lhe uma decodificação apropriada. Vemos, portanto, a necessidade de o aluno ser preparado para identificar essas marcas, além de compreendê-las. Koch acrescenta ainda:

É preciso, pois, mostrar ao educando que as pistas que lhe são oferecidas no texto tornam possível não só **reconstruir** o evento da sua enunciação, no sentido de permitir-lhe apreender a intencionalidade subjacente ao texto, como também **recriá-lo** a partir de sua vivência, de seu conhecimento e de sua visão de mundo. (KOCH, 2011, p. 156-157, grifos da autora).

Práticas de incentivo à leitura precisam ser constantes, possibilitando ao aluno reconhecer a finalidade e intenção textuais, realizar as inferências e reconhecer o(s) sentido(s) do texto. Dessa forma, atingirá as competências e habilidades necessárias para se posicionar satisfatoriamente no ato comunicativo. “Deixará de ser um elemento passivo e passará a participar, como **sujeito ativo**, do ato de ler.” (Koch, 2011, p. 157, grifos da autora). Para que isso se efetue, o aluno precisa aprender a identificar e compreender as marcas textuais deixadas pelo locutor, apreendendo, assim, a intencionalidade presente no texto. Isso lhe permitirá reconhecer os artifícios discursivos produzidos pelo produtor, com o intento de direcioná-lo a uma determinada interpretação.

É notório que os problemas que envolvem a prática de leitura são uma das questões mais debatidas na esfera escolar. Há várias discussões a respeito do ensino e da contribuição dessa atividade interativa para a formação de um leitor social e crítico. Antigamente, a leitura era vista somente como um meio de receber uma mensagem importante; atualmente, já se tornou mais perceptível que o ato de ler contribui no processo de desenvolvimento e entendimento do mundo. A leitura é um mecanismo imprescindível para o ser humano, haja vista que atinge muitas dimensões no processo educativo.

O conhecimento obtido através da leitura intervém de várias maneiras na escrita, já que, por meio da leitura, acontece uma refinação da memória e do conhecimento sobre os múltiplos assuntos que se podem discutir. Por essa via se consegue mais efetividade no desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

O exercício de leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, pois diversos tipos de conhecimentos são construídos através da atribuição de sentidos ao texto.

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81).

Diante dessa discussão, verifica-se que o professor deve resgatar o prazer pela leitura e escrita na escola, e ele precisa ser o mediador do conhecimento, portanto carrega essa importante tarefa, buscando, sobretudo, novas formas e tentativas de se trabalhar no ensino de Língua Portuguesa através de uma perspectiva mais fundamentada nas dificuldades de leitura dos alunos. Nesse aspecto, faz-se necessário que a escola intensifique, em suas aulas, o processo de ensino por via da leitura e da escrita, acrescentando ao meio escolar o prazer de ler e escrever. Com isso, serão formados alunos capazes ler e escrever variados tipos de textos.

2.3 Gêneros discursivos/textuais

Por estar situado em várias atividades humanas, o exercício de comunicação manifesta-se de maneiras diversificadas; isso ocorre em decorrência de necessidades da vida cotidiana. Os sujeitos, em sua atividade de linguagem, utilizam-se de variados textos no processo de comunicação.

Bakhtin (2000) estabelece que a comunicação acontece através da utilização da língua, que se configura em forma de enunciados, orais e escritos, originados de diversos sujeitos, nas mais variadas atividades. Ou seja, da necessidade de comunicação, surgem os diversos tipos de textos. Nessa concepção, Bronckart pontua que texto é uma unidade comunicativa e acrescenta ainda:

[...] os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de **gêneros de texto**) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2012, p.137, grifo do autor).

Sendo assim, cada situação comunicativa oferece uma organização discursiva, e essas organizações não são estanques, variam à medida que a necessidade de interação verbal surge na sociedade. Para Bakhtin, é por meio dos gêneros do discurso que estabelecemos nossas intenções verbais, tendo em vista que

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. (BAKHTIN, 2000, p. 301).

O autor teoriza que o usuário da linguagem, ao aprender a reconhecer diferentes gêneros discursivos/textuais², utiliza-se desse conhecimento para construir sua fala (oral ou escrita). Uma vez que há o reconhecimento do gênero discursivo/textual, conseqüentemente ele consegue adequar a linguagem para que seja possível participar de determinada esfera social. Ele teoriza, ainda, que reproduzimos nossa fala aos moldes precisos de gêneros, por vezes padronizados, por vezes maleáveis. Acrescenta que “[e]sses gêneros nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade, antes mesmo que lhe estudemos a gramática.” (BAKHTIN, 2000, p. 301). Bakhtin explica:

Aprendemos a moldar nossa fala às formas dos gêneros e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 2000, p. 302).

Quanto maior a experiência do locutor com determinado gênero discursivo/textual, maior será sua possibilidade de participar na esfera de atuação sociodiscursiva, tendo em vista que ele poderá produzir enunciados que também serão reconhecidos pelos seus interlocutores no campo em exercício.

É pertinente dizer que, à luz de uma perspectiva bakhtiniana, não podemos pensar somente no formato do texto como sendo a principal característica do gênero do discurso, tendo em vista que a simples classificação de textos é insuficiente para compreendermos os elementos relativos a cada gênero. Vale enfatizar, mais uma vez, que os gêneros estão ligados aos campos de atuação humana, logo precisamos entender que um gênero se constitui pela sua ligação com uma situação social de interação, e não apenas pelas suas propriedades formais. Para o autor, reconhecer e dominar determinados gêneros do discurso possibilitam que o

² Optamos pelo uso da expressão “gênero discursivo/textual” por abranger a dimensão discursiva e a textual, mas, em algumas passagens, preservamos a forma designada pelos autores que citamos.

falante se torne mais independente ao produzir um discurso. Quando efetuamos nosso discurso, este está vinculado a outros discursos que permeiam nossa memória discursiva.

Nessa perspectiva, Barbosa expõe que a apropriação de um gênero vincula-se ao contexto sócio-histórico-cultural de circulação.

A noção de *gênero* permite incorporar *elementos da ordem do social e do histórico* (que aparecem na própria definição da noção); permite considerar a *situação de produção* de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro, etc.); abrange o *conteúdo temático* – o que pode ser dizível em um dado gênero, a *construção composicional* – sua forma de dizer, sua organização geral que não é inventada a cada vez que nos comunicamos, mas que está disponível em circulação social – e seu *estilo verbal* – seleção de recursos disponibilizados pela língua, orientada pela posição enunciativa do produtor do texto. (BARBOSA, 2000, p. 152, grifos da autora).

Reportando a essas noções citadas acima, Bronckart (2012, p. 48, grifo do autor) sintetiza que “conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua **adequação** em relação às características desse contexto social”.

Nessa concepção, precisamos destacar que:

Todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um *gênero de discurso*. Os locutores dispõem de uma infinidade de termos para categorizar a imensa variedade dos textos produzidos em uma sociedade: “conversa”, “manual”, “jornal”, “tragédia”, “reality show”, “romance sentimental”, “descrição”, “polêmica”, “soneto”, “narrativa”, “máxima”, “seminário”, “panfleto”, “relatório de estágio”, “mito”, “cartão de boas festas” etc. [...]. Essas categorias variam em função do uso que delas se faz [...] (MAINGUENEAU, 2005, p. 59, grifos do autor).

A partir dessa observação, Maingueneau (2005) enfatiza a diversidade de gêneros do discurso. Eles se efetivam conforme o contexto social, com base na situação de interação da língua, pois os textos se concretizam em articulação com a necessidade discursiva. Sob tal perspectiva:

Todo gênero de discurso está associado a uma certa *organização textual* que cabe à linguística textual estudar. Dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores. (MAINGUENEAU, 2005, p. 68, grifos do autor).

Essas palavras reforçam a ideia de que uma organização textual dada pode ser tecida em torno do gênero discursivo/textual, contribuindo para sua estruturação e, por conseguinte, sua caracterização, proporcionando que o objetivo comunicativo seja exercido de forma efetiva. Observa-se, também, que as possibilidades linguísticas de um texto são influenciadas pelo contexto situacional. Mainguenu (2005) explica, ainda, que alguns gêneros apresentam organização textual rígida e outros mais flexíveis, sem seguir rigorosamente algumas características próprias do gênero utilizado.

Além dessas definições já citadas sobre gêneros, destacamos, também, a fala de Marcuschi (2010), no capítulo 1, “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa (MARCUSCHI, 2010, p. 19).

Marcuschi (2010) veicula a ideia de que os gêneros não são estanques, devido à necessidade de alterações no processo comunicativo, uma vez que a sociedade está em constante transformação, e isso também influencia no aparecimento de novos gêneros. Identificamos bastante essas modificações, sobretudo quando se relacionam às inovações tecnológicas. Segundo o entendimento de Marcuschi:

[...] uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a.C, multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 20, grifos do autor).

Com base no que foi citado e diante da realidade social e comunicativa, percebemos que os avanços tecnológicos, principalmente os ligados à área da comunicação, influenciam no surgimento de novos gêneros discursivos/textuais.

Os textos manifestam-se sempre em um gênero, e um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros é essencial para a produção de textos bem como para sua compreensão. Os PCNs ressaltam essa necessidade de que as atividades em sala de aula com

textos, tanto orais como escritos, devam ser voltadas para os gêneros. Podemos dizer que um maior esclarecimento sobre gêneros deve sempre acontecer, já que, muitas vezes, no ambiente escolar, alguns equívocos acontecem no processo de ensino-aprendizagem. Marcuschi realiza uma exemplificação com base nessa ideia:

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero (MARCUSCHI, 2010, p. 31).

O estudo sobre gêneros discursivos/textuais tem instigado um aperfeiçoamento na maneira de desenvolver o ensino de Língua Portuguesa. Diversas experiências didáticas descrevem a transposição de vários gêneros para a sala de aula e a necessidade de aproximar a linguagem presente neles aos conteúdos propostos para as aulas de língua materna, uma vez que isso possibilita ao aluno desenvolver sua capacidade interativa como leitor e autor.

Bakhtin (2000) apresenta a concepção de que os gêneros estão vinculados às diferentes atividades da esfera humana, constituindo-se como mediadores de diversos discursos étnicos, culturais e sociais. Dessa forma, porque eles estão intimamente ligados às mais variadas atividades humanas, cabe à escola protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada gênero, considerando-se as necessidades enfrentadas no dia a dia. Pode-se afirmar que a representação de mundo e a possibilidade de interação entre os sujeitos de uma sociedade, ações possíveis pela linguagem, estão intrínsecas na concepção de gênero discursivo/textual.

Marcuschi (2005) referenda essa visão na medida em que assegura que os gêneros são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentido. Segundo o autor, quando ensinamos a operar com um deles, ensinamos um modo de atuação sociodiscursivo numa cultura, e não um simples modo de produção textual. Sob essa visão, Bronckart (2012) assevera que a apropriação dos gêneros é um elemento fundamental de socialização e de inserção prática no exercício de comunicação. Logo, torna-se indispensável que o aluno conheça as características de cada um e as situações comunicativas em que se realizam. Isso lhe possibilitará aperfeiçoar a linguagem da qual já tem conhecimento e (re)conhecer outras estratégias que permitem uma interação social mais eficiente. Verifica-se, pois, que o “todo” do gênero deve ser estudado, não apenas suas características estruturais ou a construção de seu sentido, de forma desarticulada da sua constituição como um “todo significativo”.

Alguns fatores se configuram em equívocos no momento de ensinar um gênero, são aspectos que dificultam a sua compreensão e sua produção. Referimo-nos às questões de definições e funcionalidade entre tipo textual, gênero discursivo/textual e domínio discursivo. Marcuschi (2008) explica, de maneira mais sistemática, como devemos compreender esses termos, uma vez que, geralmente, eles não são apresentados de modo claro:

- a. Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, *os tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. [...]
- b. Gênero textual refere os (*sic*) textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...]
- c. Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.) Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155, grifos do autor).

Tais definições nos permitem observar que os gêneros não podem ser vistos separados do âmbito social, estão estritamente ligados às atividades humanas. Eles têm uma funcionalidade, por isso, no momento de sua produção, o locutor deve estar atento à escolha, utilizando o gênero adequado à situação de comunicação. Existem esferas comunicacionais em que cada um se enquadra. Elas, por sua vez, reproduzem um conjunto de gêneros que apresentam características constitutivas específicas segundo as condições e o tema da esfera social e sua função sociodiscursiva. Essas características individuais se revelam na abordagem do tema, nas relações dialógicas, uma vez que o enunciado representa um elo no discurso, pois se realiza com base em outros enunciados já ditos ou pressupostos, na concepção de autor e destinatário, no estilo que cada ser carrega consigo. É válido salientar que um dos itens para um eficaz desempenho discursivo nas diferentes esferas sociais está relacionado à compreensão e ao domínio dos gêneros que nela circulam. As esferas sociais se estabelecem como requisito relevante, visto que mostram indicações dos gêneros necessários para a efetiva participação social, que se fundamentam em unidade de aprendizagem no espaço escolar. Bakhtin discute que

[a] riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Assim, tendo em vista a função social de cada esfera de ações humanas, pode-se ressaltar que o processo de ensino direcionado à produção escrita deve se orientar para aqueles gêneros cuja aptidão é necessária para um efetivo desempenho escolar e para eficaz participação na vida social pública.

Os gêneros discursivos/textuais (orais e escritos) incluem desde uma curta réplica de um diálogo cotidiano, um relato familiar, uma carta, até as variadas formas de exposição científica e de modos literários. Consoante Bakhtin (2000), os gêneros do discurso se diferenciam de forma essencial em dois aspectos: o simples e o complexo. Sendo que os gêneros de aspecto simples são os de discurso primário e os de aspecto complexo são os de discurso secundário. O autor classifica os gêneros do discurso primários como sendo os constituídos de comunicação verbal cotidiana de circunstância menos complexa, e os gêneros de discurso secundários, como os que aparecem nas circunstâncias de comunicação cultural mais complexas, principalmente escritas. Bakhtin (2000) expõe que os gêneros primários são os que se formaram em situações de uma comunicação verbal espontânea e eles servem de componentes aos gêneros secundários. Esses gêneros primários estão ligados, muitas vezes, ao diálogo oral. Os gêneros secundários do discurso são os que aparecem em situações de uma comunicação culturalmente complexa e evoluída, transmutando e absorvendo, em seu processo de formação, os gêneros primários. Elaboramos, a seguir, um esquema para melhor visualizarmos essas duas categorias:

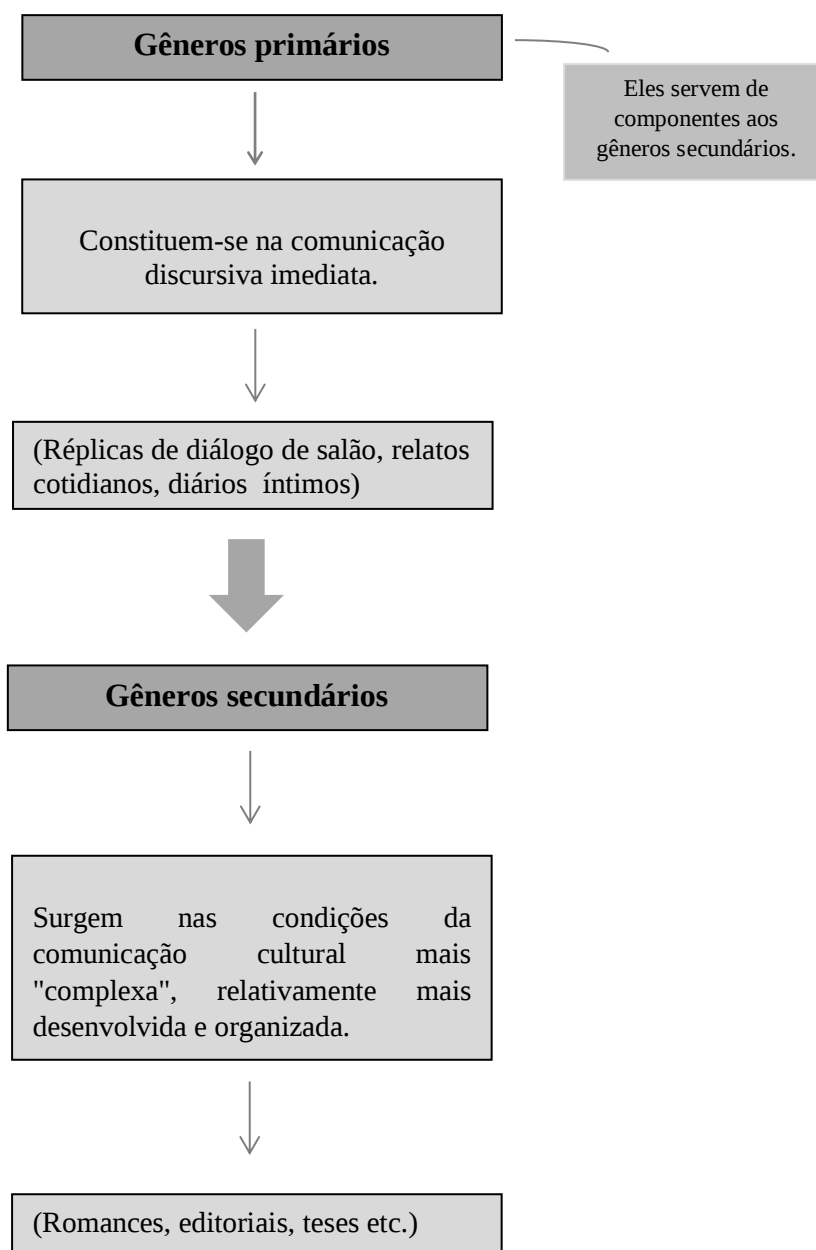


FIGURA 1- Categorização dos gêneros

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, com base na teoria bakhtiniana.

Dessa forma, a relação entre gêneros primários e secundários permite também a explicitação do princípio dialógico da linguagem, que permaneceria sem estudo se a teoria dos gêneros se concentrasse exclusivamente sobre os gêneros secundários.

Um texto se estrutura dentro de um determinado gênero em função da intencionalidade comunicativa, dessa maneira o gênero se funda em aspectos sociocomunicativos e discursivos.

Atrelado ao gênero, é necessário um estudo detalhado dos recursos linguístico-discursivos, que, a partir do uso adequado, permitem a construção do sentido ao texto, pois este é uma unidade de manifestação do discurso, e o desenvolvimento do ato de linguagem implica, além de outros aspectos, a utilização da língua em prol da produção discursiva.

Se observarmos as práticas comumente realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, notaremos outro equívoco no ensino, visto que muitos docentes não compreendem, e, conseqüentemente, não estabelecem de forma coerente esse processo de ensino sobre o texto, calcado nos gêneros. Torna-se necessário que as propostas curriculares da área de Língua Portuguesa sejam articuladas de forma que o trabalho com diferentes gêneros discursivos/textuais desenvolva-se em contraposição a um trabalho baseado apenas em diferentes tipos de textos, definidos apenas por sua estrutura e função. A superação desse tipo de trabalho baseado apenas em tipologias textuais beneficiará o desenvolvimento das capacidades discursivas. Barbosa elenca alguns motivos em defesa da adoção dos gêneros do discurso como objeto de ensino:

- os gêneros do discurso permitem capturar, para além de aspectos estruturais em um texto, também aspectos sócio-históricos e culturais, cuja consciência é fundamental para favorecer os processos de compreensão e produção de textos;
- os gêneros do discurso nos permitem concretizar um pouco mais a que forma de dizer em circulação social estamos nos referindo, permitindo que o aluno tenha parâmetros mais claros para compreender ou produzir textos, além de possibilitar que o professor possa ter critérios mais claros para intervir eficazmente no processo de compreensão e produção de seus alunos;
- os gêneros do discurso (e seus possíveis agrupamentos) fornecem-nos instrumentos para pensarmos mais detalhadamente as sequências e simultaneidade curriculares nas práticas de uso da linguagem (compreensão e produção de textos orais e escritos). (BARBOSA, 2000, p. 158).

Diante do que estamos discutindo, baseado em diversos autores que trabalham com o texto e o discurso, infere-se que um trabalho fundamentado em gêneros discursivos/textuais promove uma melhoria considerável no desempenho dos alunos, no que diz respeito à compreensão e à produção de textos. Essas são práticas coerentes, apoiadas no processo discursivo do texto e vinculadas às práticas sociais.

É importante destacar, também, neste estudo, relações entre suporte e gênero, o que não é sempre feito com precisão. Muitas pessoas identificam, por exemplo, o outdoor como gênero, entretanto ele é um suporte público para vários gêneros, com preferência para publicidades, anúncios, propagandas, comunicados, convites, declarações, editais. Não é qualquer gênero que aparece num outdoor, pois este é um suporte para certos gêneros, preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política. É viável que se trate o suporte na

relação com outros aspectos, a saber: domínio discursivo, formação discursiva, gênero e tipo textual.

O esquema a seguir apresenta essa ideia. É elaborado com base no que Marcuschi apresenta, mas adaptado ao nosso contexto de pesquisa.

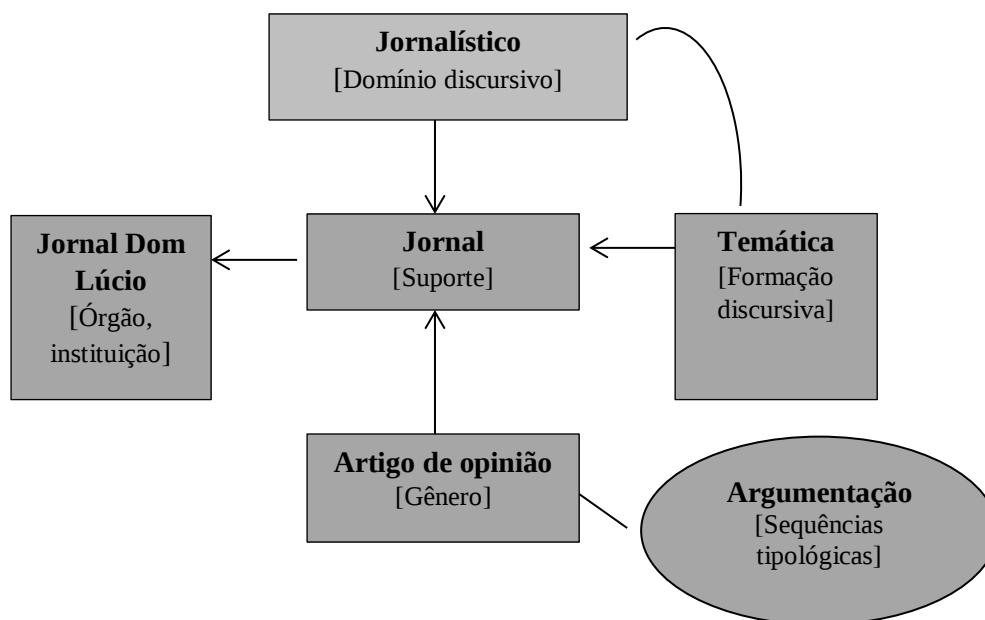


FIGURA 2 - Elementos que podem nortear um texto.

Fonte: Adaptado pela pesquisadora, com base no que foi elaborado por Marcuschi (2008, p. 177).

O esquema sintetiza, de forma eficaz, elementos que podem nortear um texto. A relação entre eles não constitui uma ordem hierárquica, já que não há um sistema de subordinação interna. Assim, dentro de cada conjunto, há distinções claras, embora não se possa estabelecer uma hierarquia.

Marcuschi (2008, p. 174) expõe que há vários sentidos possíveis para um texto, e isso pode ocorrer dependendo, também, do suporte:

Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder. Te espero no fone 55443322.
Verônica

Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um bilhete; se for passado pela secretária eletrônica, é um recado; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um telegrama; exposto num outdoor, pode ser uma declaração de amor. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar esse aspecto com um caso de coemergência, já que o gênero ocorre

(surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente. (MARCUSCHI, 2008, p. 114).

Marcuschi (2008, p. 174-175) define suporte sendo “[...] um *lócus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico, que suporta, fixa e mostra um texto”.

O autor classifica o suporte em duas categorias: (a) convencional; b) incidental. *Suportes convencionais* são os que foram criados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos, ou seja, produzidos para esse fim. Alguns exemplos: livro, livro didático, jornal, revista, rádio, televisão, telefone, quadro de avisos, outdoor, encarte, folder, luminosos, faixas. *Suportes incidentais* são os que operam como suportes ocasionais, pois não são destinados a esse fim de modo sistêmico. Alguns exemplos: embalagem, para-choques e paralamas de caminhão, roupas, corpo humano, paredes, muros, paradas de ônibus, estação de metrô, calçadas, fachadas, janelas de ônibus (meio de transporte em geral). Com base nesses exemplos, pode-se analisar, ainda, a dimensão que os gêneros discursivos/textuais atingiram e atingem a cada dia. Eles se fixam na sociedade e nos costumes, são parte dessa sociedade. Nesse aspecto, os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que servem como um modelo comunicativo que representa um saber social firmado em situações concretas.

Diante do que foi exposto, depreende-se uma necessidade de se firmar um comprometimento cada vez maior com o ensino norteado pelos gêneros discursivos/textuais. Diante das observações do cotidiano da sala de aula e dificuldades detectadas, notamos que é inevitável um trabalho intenso nesses aspectos, daí a escolha do trabalho com um gênero determinado como um dos aspectos a abordar na nossa pesquisa.

A propósito, nosso enfoque se ancora nos recursos linguístico-discursivos utilizados em gêneros, especificamente os modalizadores do discurso, um recurso que manifesta opiniões no texto, proporcionando ao aluno a prática eficaz desses recursos, com o intuito de que possam desenvolver processos argumentativos de comunicação de forma adequada. Temos o intuito de que o aluno se “debruce” sobre os textos com uma visão reflexiva do ato de ler e escrever, a fim de que possa constituir-se como sujeito discursivo em qualquer âmbito social.

2.4 Artigo de Opinião

Em meio à vivência no dia a dia, estamos a todo instante nos posicionando a respeito de um determinado assunto. Essa liberdade que nos é concedida faz com que nos tornemos seres ímpares, dotados de pensamentos e opiniões acerca da realidade circundante. A vida em sociedade desencadeia uma série de posicionamentos divergentes, os quais são debatidos e confrontados por meio das práticas interativas - fato que confere uma característica dinâmica à sociedade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos trabalhar os índices de modalização no gênero Artigo de Opinião. Com base em experiências e observações dos textos dos alunos, notamos que uma dificuldade recorrente na maioria deles é a escrita do texto opinativo. Os alunos têm muitas dificuldades em posicionar-se diante de fatos, em seus textos.

Nessa perspectiva de interação, há a necessidade de citarmos algumas especificidades da argumentação, um importante recurso em textos opinativos. Passarelli pontua que é

[...] a argumentação, propriamente dita, entendida como um procedimento por meio do qual quem argumenta, valendo-se em especial de argumentos, objetiva levar o interlocutor a adotar uma posição, conduzi-lo a aceitar o que é transmitido, fazê-lo crer naquilo que é dito (PASSARELLI, 2012, p. 240).

Há uma necessidade de a escola ampliar as oportunidades de se trabalhar com gêneros que oferecem a possibilidade de o aluno expor argumentos. Essa prática precisa ser desenvolvida não apenas a partir dos anos finais do ensino fundamental, mas inserida desde as séries iniciais, pois o aluno desenvolverá a argumentação oral e, posteriormente, a escrita, algo necessário no seu processo de formação escolar e desenvolvimento social.

Segundo Costa, assim se define o gênero Artigo de Opinião:

ARTIGO DE OPINIÃO (V. ARTIGO, ARTIGO CIENTÍFICO, CIBERPADER, EDITORIAL, POST VERBETE): num jornal, numa revista ou num periódico, ou na TV e no web jornalismo, trata-se de um texto de opinião, chamado ARTIGO DE OPINIÃO (v.), dissertativo (v. DISSERTAÇÃO) ou expositivo (v. EXPOSIÇÃO) que forma um corpo distinto na publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato noticiado ou tema variado (político, cultural, científico, etc.). Ao contrário do editorial (v.), que nunca vem assinado e traz sempre a opinião do jornal, da revista, etc. em que circula, o artigo geralmente vem assinado pelo articulista e não reflete necessariamente a opinião do órgão que o publica. A estrutura composicional

desse tipo de texto varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial na Introdução; Argumentação/Refutação no Desenvolvimento e Conclusão), mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas. Em suma, a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, o articulista (jornalista ou pessoa entendida no tema) tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições (COSTA, 2009, p. 36).

Passarelli (2012, p. 243-244) fornece definição semelhante ao expor que o texto argumentativo não precisa seguir uma organização estrutural fixa em relação aos elementos de sua composição. Entretanto, um texto bem elaborado deve apresentar claramente o assunto em pauta, o ponto de vista assumido, os argumentos que defendam a posição assumida, os contra-argumentos, as possíveis posições contrárias e os argumentos que refutam tais posições e, na conclusão, a retomada da tese defendida.

Ao observar os procedimentos adotados em Artigos de Opinião para provocar efeito persuasivo no leitor, verificamos que os modalizadores assumem um papel indispensável no delineamento das ideias e das opiniões circunscritas pela forma como o produtor se relaciona com seu enunciado. A modalização retrata pontos de vista e sinaliza o tipo de interlocução pretendida. Considerando o texto argumentativo, a modalização está relacionada a um dos recursos linguísticos que orientam na construção de sentido, agindo sobre o interlocutor conforme os intuitos que motivam a interação desejada.

A respeito dessas intenções comunicativas e pensando no foco de nosso estudo, sabemos que a argumentação está presente em várias modalidades de texto, todavia é possível perceber textos dotados de maior ou menor argumentatividade. O Artigo de Opinião pode ser visto como um dos gêneros que apresentam maior grau de argumentatividade, pois é sustentado pelo propósito discursivo de manifestação de pontos de vista.

O texto argumentativo é delineado como um texto fundamentado em argumentos e opiniões, no qual o produtor assume uma posição frente a um tema e tenta persuadir o interlocutor a aderir a tal posição. Fiorin (2015, p. 19) destaca que “Os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. Portanto, estratégias linguísticas adequadas precisam ser utilizadas para conquistar a adesão do interlocutor ao seu discurso, levar o leitor a aceitar a orientação argumentativa proposta. Perelman ressalta:

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se

desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN, 1999, p. 50).

É fundamental frisar que, quanto mais conhecemos os elementos/mecanismos linguísticos que podem ajudar nessa tarefa, mais podemos aprimorar a nossa argumentação. Fiorin (2015, p. 15) postula que “É um lugar-comum na linguística atual afirmação de que a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e de que, portanto, todos os enunciados são argumentativos”. Resta-nos, então, saber adequá-la à situação de uso e ao contexto social. Dessa maneira, vamos participando efetivamente de diferentes situações comunicativas nas quais temos de argumentar em função dos vários papéis que precisamos assumir na sociedade. Isso tanto em situações de exames que exigem essa competência quanto ao longo de nossa existência.

O produtor organiza seu texto em função de um querer dizer (KOCH, 2003), valendo-se de estratégias diversas que possam favorecer seu projeto do dizer. Portanto, o texto precisa de um planejamento, desde a sua estrutura, as palavras, os argumentos, os exemplos para convencer e chegar a persuadir o leitor. Vários recursos precisam ser utilizados para que o texto alcance o objetivo desejado. Nessa perspectiva, Perelman estabelece: “Toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes. As questões de forma se mesclam com questões de fundo para realizar a presença”. (PERELMAN, 1999, p. 136).

Perelman (1999, p. 18) acrescenta ainda que “[...] para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental”. Sob essa ótica, Cunha pontua:

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já dito. (CUNHA, 2010, p. 193).

Evidencia-se que, no processo de produção, o autor coloca-se no lugar do leitor e antevê suas posições para poder refutá-las. Ou seja, ele justifica suas afirmações, visando a possíveis questões ou conclusões opostas, suscitadas pelo interlocutor, assim, contribuirá para que o texto atinja o desenvolvimento do discurso pretendido.

O Artigo de Opinião é um gênero discursivo/textual pertencente à esfera midiática. É frequente encontrar circulando na televisão, nas revistas, nos jornais, temas polêmicos, geralmente, de ordem social, econômica, política ou cultural, que necessitam de uma posição por parte dos ouvintes, espectadores e leitores, por isso o autor comumente apresenta seu ponto de vista sobre o tema em questão através do Artigo de Opinião. Nesse gênero, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, é antes de tudo a sua análise e a posição do autor.

O ingresso dos diferentes gêneros midiáticos na escola como objetos de ensino e aprendizagem encontra seu amparo na necessidade de compreensão e domínio de produção e significação dos discursos dessa esfera de atividades humanas, concebendo condições para que os discentes construam os conhecimentos linguístico-discursivos necessários para a compreensão e produção desses gêneros, caminho para a prática da cidadania, que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos. Assim, a escolha desse gênero justifica-se pelo seu valor sociodiscursivo, dada a sua relevância como um dos mecanismos para a efetiva participação do aluno-cidadão, um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental.

O exercício de escritura do Artigo de Opinião na esfera escolar, além de ajustar-se às atividades regulares de ensino e aprendizagem, pode ser desenvolvido também dentro de organizações didáticas especiais mencionadas pelos PCNs, os projetos e os módulos didáticos, “sequências de atividades e exercícios, organizados de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros, ao produzir seus próprios textos” (BRASIL, 1998, p. 88). Dessa maneira, os PCNs orientam condições pedagógicas de atividades a serem elaboradas para enfatizar determinadas características do discurso, articuladas com as necessidades dos alunos. Com base também nessas concepções postuladas pelos PCNs, pretendemos desenvolver nossa intervenção enfatizando o texto opinativo.

Bräkling (2000) afirma que o Artigo de Opinião é um gênero discursivo cuja maior intenção é convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio de argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes. A autora afirma, ainda, que é um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações, realizada por meio da apresentação de dados consistentes, capazes de persuadir o interlocutor.

Com base em Köche, para a produção de um Artigo de Opinião, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação. Em regra, o Artigo de Opinião pode ser estruturado da seguinte forma:

QUADRO 1
Composição do gênero

	Composição do Artigo de Opinião
a) Situação-problema	Coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado por meio de afirmações gerais e/ou específicas. É comum, nesse momento, evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de discutir o tema.
b) Discussão	Expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição assumida e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relação entre conceitos e fatos.
c) Solução-avaliação	Evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver a reafirmação da posição assumida ou a apreciação do assunto abordado. Nessa parte, não se faz apresentação de um simples resumo ou mera paráfrase das afirmações anteriores.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base no conceito de KÖCHE, 2014, p. 34-35.

Para dar consistência argumentativa ao Artigo de Opinião, é importante utilizar exemplificações, dados, argumentos de autoridades, entre outros. Apesar de o produtor do Artigo constituir-se numa autoridade sobre o que é pronunciado, muitas vezes ele busca outras vozes para a construção de seu ponto de vista. Apoia-se ainda nas evidências dos fatos que corroboram a validade do que diz. De acordo com Köche, apresentaremos no quadro a seguir, os principais tipos de argumentos:

QUADRO 2
Tipos de argumentos

	Tipos de argumentos
a) Argumento de autoridade	O argumento de autoridade baseia-se na citação de autores renomados ou de autoridades no assunto para comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista. Seu emprego torna o discurso mais consistente, pois outras vozes reforçam o que o produtor de um texto quer defender.
b) Argumento de consenso	O argumento de consenso consiste no uso de proposições evidentes por si mesmas ou universalmente aceitas como verdade.
c) Argumento de provas concretas	O argumento de provas concretas apoia-se em fatos, dados estatísticos, exemplos e ilustrações para comprovar a veracidade do que se diz.
d) Argumento de competência linguística	O argumento de competência linguística consiste no emprego da linguagem adequada à situação de interlocução. A

escolha dos vocábulos, locuções e formas verbais, entre outros aspectos linguísticos, é essencial para que ocorra a interação entre o autor e seu leitor.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base no conceito de KÖCHE, 2014, p. 35-36.

Percebemos, também, a importância na produção textual, tanto oral como escrita, de o aluno ter informação sobre o assunto, conhecimentos prévios, além dos conhecimentos linguísticos. A construção da argumentação textual precisa de embasamento, e os argumentos devem ser consistentes. Tais elementos contribuem para que o texto tenha uma grande possibilidade de adesão do leitor à tese defendida, sendo um dos objetivos desse tipo discursivo. São aspectos que necessitam ser bem posicionados em sua construção, para tanto, em sua composição, alguns elementos necessitam de uma atenção especial, pois não basta ter argumentos, o texto precisa ser coerentemente apresentado para que as ideias sejam veiculadas conforme o projeto global de comunicação.

Diante do que foi exposto acerca do gênero Artigo de Opinião, nota-se a grande relevância em trabalhar com ele em sala de aula, uma vez que os alunos apresentam dificuldades ao produzir esse gênero, ao expor seus argumentos, algo necessário no convívio em sociedade, além de tratar-se de um gênero discursivo/textual requisitado em exames de vestibulares e concursos públicos de uma forma geral. Sendo assim, torna-se imprescindível incorporá-lo aos nossos conhecimentos e, sempre que necessário, colocá-lo em prática. É válido ressaltar que a estrutura do Artigo de Opinião não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros e facilitando os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensino-aprendizagem.

No momento de produção, enfatizaremos pontos pertinentes à realidade do aluno: contextos, situações da sua comunidade, do meio em que vive. Nos PCNs, encontramos várias passagens que destacam a importância do papel da escola na formação de cidadãos:

A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas [...] por constituir-se uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo. A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. Para tanto ainda é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola, por ser uma

instituição social com o propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. (BRASIL, p. 45-46).

Portanto, o processo de ensino, ao ser baseado em práticas sociais, relacionado a situações de uso reais, torna-se enriquecedor, com resultados reais. Se o objetivo do ensino da língua é instrumentalizar o aluno para que possa compreender e participar de situações comunicativas relativas às diversas esferas sociais de atividade, não há como cumpri-lo, senão tomando as situações de comunicação como ponto de partida. Ao exercer essa prática de ensino, o aluno se tornará cada vez mais consciente de sua cidadania e a exercerá, buscando soluções que visem ao bem-estar pessoal e da coletividade.

2.5 Argumentação e modalização

Os modalizadores são elementos linguístico-discursivos responsáveis por demarcar a relação que o locutor do texto estabelece com o conteúdo do enunciado que produz e com seu interlocutor, pontuando o seu posicionamento em relação ao conteúdo proposto. Esse posicionamento pode ser de completa adesão ao enunciado ou não, pois pode querer demonstrar apenas uma pretensa neutralidade sobre o assunto, como estratégia, também, de persuadir o interlocutor.

Machado (2001) expõe, em seu artigo, três definições a respeito de modalização, as quais contribuem para entender essa questão nos enunciados. Respectivamente, por Bally, Le Querler e Charaudeau:

i)³A definição de *modus* fornecida por (BALLY In MACHADO, 2001, p. 65): “[...] a forma linguística de um julgamento intelectual, de um julgamento afetivo ou de uma vontade, que um sujeito falante enuncia sobre uma percepção ou sobre uma representação de seu espírito [no sentido de “sua interioridade, suas emoções”, etc.] (Tradução e comentário nossos).

³i) a definição de *modus* fornecida por BALLY (1965, p. 38): “[...] la forme linguistique d'un jugement intellectuel, d'un jugement affectif ou d'une volonté, qu'un sujet parlant énonce sur une perception ou sur une représentation de son esprit.”

ii)⁴A definição de *modalidade*, fornecida por (LE QUERLER In: MACHADO, 2001, p. 65): “Eu proporia, pois, como definição de modalidade: expressão da atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado.” (Tradução nossa).

iii)⁵E finalmente, a definição de *modalização*, proposta por (CHARAUDEAU In MACHADO, 2001, p. 65): “A modalização se constitui, pois, como parte do fenômeno da enunciação, mas ela constitui o pivô da enunciação na medida em que é ela que permite explicitar as posições do sujeito falante em relação ao seu interlocutor [...], a si mesmo [...] e à sua proposta [...]. (Tradução nossa).

Vemos, portanto, que os modalizadores podem ser classificados como um procedimento linguístico de construção da argumentação e também uma estratégia de progressão textual, já que possibilita que ela ocorra, mediando o processo avaliativo dos sujeitos enunciadore sobre sua própria enunciação. Servem como determinantes de uma orientação de sentido, que pode conduzir o raciocínio do leitor em direção ao ponto de vista defendido no discurso. Tal averiguação é concedida por uma tomada de posição dos enunciadore, diante de um conteúdo proposicional e/ou a forma como ele é enunciado.

Seu estudo é pertinente, pois contribui para a interação autor/texto/leitor, uma vez que os leitores tornam-se também co-autores no processo interativo de leitura e, conseqüentemente, eficientes na escrita, visto que saberão utilizar, adequadamente, esses recursos no texto, tornando o discurso mais próximo de atingir o propósito comunicativo. Assim, fortalecemos a ideia de que, para uma produção textual mais produtiva, é preciso considerar o processo discursivo, a estrutura do enunciado e o sentido, pois esses elementos refletem o posicionamento dos seres envolvidos no discurso, os interlocutores. É relevante ressaltar que o discurso também reflete certos contextos de situação, lugares sociais, cultura e crenças socialmente estabelecidas.

A língua oferece aos locutores uma série de recursos que apontam os sentidos da linguagem e de sua utilização. Reconhecer e saber utilizar, adequadamente, esses mecanismos de modalização possibilitam verificar o posicionamento do enunciadore frente ao enunciado, assim o locutor construirá sua avaliação relacionada ao conteúdo da mensagem. Ao realizar essa análise, é possível pontuar o grau de engajamento do locutor ou de seu afastamento em

⁴ii) A definição de *modalidade*, fornecida por LE QUERLER (1996, p. 61): “Je proposerai donc comme définition de la modalité: *expression de l'attitude du locuteur par rapport au contenu propositionnel de son énoncé.*”

⁵iii) E finalmente, a definição de *modalização*, proposta por CHARAUDEAU (1992, p. 572): “*La modalisation ne constitue donc pas qu'une partie du phénomène de l'Énonciation, mais elle en constitue le pivot dans la mesure où c'est elle qui permet d'expliciter ce que sont les positions du sujet parlant par rapport à son interlocuteur /.../, à lui-même /.../ et à son propos /.../.*”

relação ao que comunica. E, conseqüentemente, esse exercício de averiguação do compromisso assumido pelo enunciador possibilita verificar o papel da subjetividade na construção do discurso.

Sabemos que são diversas as maneiras que demarcam a subjetividade no discurso, mas trataremos dos modalizadores, que tanto contribuem para a construção do texto argumentativo, e, especificamente voltado ao nosso trabalho à contribuição na produção do gênero Artigo de Opinião. Conforme Perelman (1999), um estudo relacionado à ótica de graus de engajamento do enunciador ao enunciado permite uma análise bastante proveitosa dos processos de argumentação, sendo relevante sua aplicação ao trabalho de interpretação e produção textual, posto que permite observar a importância do papel da subjetividade no discurso.

Os traços de subjetividade estão demarcados em determinados elementos linguísticos que revelam um maior ou menor grau de envolvimento do enunciador, no que se refere ao conteúdo proposicional. Machado (2001) comenta a esse respeito, baseada na teoria da subjetividade postulada por Benveniste. Ela ressalta que um certo ato de linguagem poderá ser configurado para ocultar seu enunciador ou, o oposto disso, para revelar uma certa paixão ou um certo distanciamento daquele que assume a palavra face ao objeto desta. Partindo desse pressuposto, a autora diz que podemos afirmar que “todos os atos de linguagem são, de uma forma ou de outra, modalizados.” (MACHADO, 2001, p. 64).

Nessa ideia, a autora relembra o que Charaudeau diz: o “não-dizer” ou o “dizer implícito” estabelecem também marcas da atitude modalizadora do sujeito enunciador. E acrescenta que o sentido do texto não se constitui apenas no explícito ou só no implícito, ele deve ser procurado na junção dos dois. Ainda fazendo menção a Charaudeau, Machado (2001, p. 67) propõe que tomemos a enunciação como um evento complexo, como uma “testemunha” da maneira pelo qual o sujeito falante se apropria da língua, com o intuito de organizar seu discurso. E, por meio desse mecanismo de apropriação, tal sujeito é conduzido a se posicionar diante do seu interlocutor, do mundo que o rodeia e do que foi dito. Assim, ele é movido a “modalizar” o seu discurso. Dessa maneira, a utilização adequada dos recursos de modalização do discurso denota não só o quanto o enunciador acredita no que está expondo, como aponta o grau de adesão ao ponto de vista defendido, ou seja, às teses defendidas.

Assim, estabelecemos a ideia de que os modalizadores linguístico-discursivos possibilitam monitorar o texto por seu enunciador, propiciando uma construção efetiva de persuasão, um procedimento interativo com seu leitor. Nesse processo de utilização da língua como mecanismo ativo de interação, os recursos linguísticos não apenas veiculam

informação, mas são vistos como mecanismos de convencer e persuadir o interlocutor. Nessa perspectiva, a língua é carregada de estratégias de manipulação que traduzem os propósitos dos locutores, estes objetivam exercer a argumentatividade sobre seus interlocutores.

Koch apresenta uma definição em relação aos modalizadores:

Dentro de uma teoria da linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se **modalizadores** todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso (KOCH, 2011, p. 133, grifo da autora).

Ao darmos enfoque ao estudo dos modalizadores linguístico-discursivos no texto argumentativo, estamos proporcionando aos alunos a possibilidade de expor, coerentemente, suas opiniões em tais textos, pois eles têm a função de determinar o sentido, as posições que o sujeito/locutor assume ao dizer algo. Tais mecanismos da língua caracterizam os tipos de atos de discurso que deseja realizar. Diversas expressões linguísticas se estabelecem como formas modalizadoras de um enunciado, conferindo a ele o posicionamento pretendido pelo sujeito comunicante. Algumas ocorrências podem aparecer através de expressões verbais como: “Eu penso que...”, “É possível que...”, “É evidente que...”; por meio de advérbios e locuções verbais; através de pontuações que possibilitam identificar o tom do enunciado. Além desses exemplos citados, outros elementos linguísticos se realizam, modalizando o discurso.

Esses recursos contribuem para construção do texto, uma vez que eles possibilitam que os argumentos a serem apresentados sejam construídos, de forma coerente, no processo textual. Logo, no processo de interação, os sujeitos modalizam seu discurso para atingir seus objetivos no ato comunicativo.

Machado (2001) fornece uma série de exemplificações, apoiadas nas concepções formuladas por Charaudeau (1984; 1992), acerca dos índices de modalização. Essas teorias servirão de norte para detalhar o nosso objeto de estudo. Machado (2001) mostra que se pode verificar a eclosão dos marcadores que remetem ao ato de enunciação. Segundo essa pesquisadora, tais índices podem ser verificados:

-através de sistemas formais (ou seja, aos pronomes pessoais, demonstrativos, tempos, modos verbais, etc.); - de modo “mais discreto” (ou seja, através de adjetivos ou advérbios); - na organização do discurso (e aí Charaudeau está se referindo a sua classificação do discurso em categorias tais como os modos de organização enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo) (MACHADO, 2001, p. 67-68).

Nessa ótica, Machado (2001) esclarece que a modalização é vista como uma categoria conceitual, abrange vários meios de expressão, que possibilitam ao sujeito falante demarcar suas posições e intenções na comunicação. Assim, a modalização vai ser constituída por atos enunciativos, que equivalem a uma tomada de posição individual do locutor em relação ao seu ato de locução.

Concomitante a essa ideia, Koch (2011, p. 111) acrescenta que “o uso da linguagem é inerentemente argumentativo.” Percebemos, assim, que essa interação social, através da linguagem, configura-se pela argumentatividade. Nesse aspecto, a linguagem oferece ao locutor elementos que lhe permitem agir sobre o interlocutor de determinada forma, extraindo dele alguma reação.

Observaremos, a seguir, um trecho de um texto de Tania Tatit, publicado no *Jornal Gazeta do Povo*, em 28 de abril de 2014:

Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares, a expansão da internet se dá de forma assustadora e seu uso passa de esporádico para instantâneo. Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de “computador onde a pessoa se encontra, a qualquer hora e lugar”, referindo-se aos aparelhos móveis, modifica também comportamentos como o chamado “vício eletrônico”. Antes, a expressão indicava o vício das pessoas que não conseguiam se desligar de seus computadores para entrar nas redes sociais, jogar, fazer comentários ou verificar o que está sendo postado. Hoje, a situação se torna mais complexa e alarmante. Basta observar ao redor: pessoas caminhando e usando celular; pessoas em bares e restaurantes que não interagem com outras pessoas, mas com seus aparelhos. Crianças e adolescentes conectados o tempo todo. Adultos usando aparelhos de comunicação em festas e cerimônias formais. Imagens sendo postadas e divulgadas em cada momento. O chamado vício agora se irradia: as pessoas podem acessar suas informações em qualquer lugar e horário, pois carregam os aparelhos consigo [...]⁶.

O texto apresenta, em sua construção, elementos que conferem coerência às ideias que foram organizadas, possibilitando a sua compreensão. A autora utilizou, satisfatoriamente, elementos que colaboram para a construção de sentido do texto. Inseriu advérbios, como “antes” e “hoje”, para situar os argumentos. Apresentou marcas formais explícitas, através de verbos, como “basta observar”, que procuram persuadir o leitor a buscar fatos, lembrar-se de fatos, utilizou-se de pontuações que deram o tom e destaque adequado às ideias do enunciado, tais como o uso de “dois pontos” que antecedem trechos que explicam e exemplificam argumentos anteriormente citados. Uso de “aspas” nas expressões que são mencionadas por muitas pessoas no dia a dia, contribuindo para a veracidade dos argumentos.

⁶ Texto extraído do Jornal online “Gazeta do Povo”, intitulado “As redes sociais digitais: necessidade ou vício?” Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio-8jnamnfke5oj65eam8x5a3d5a>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

A autora, em seu texto, apropriou-se, também, de adjetivos, enfatizando suas ideias, como nas passagens “forma assustadora”, “complexa e alarmante” que intensificam o grau de seriedade do problema. Utilizou-se de expressões verbais que indicam certeza, como “as pessoas podem acessar”, indicando veracidade, com argumentos contundentes. Os recursos de modalização em questão conferem ao texto uma maior expressividade na construção de sentido, possibilitando, ainda mais, a adesão do leitor aos argumentos citados, uma vez que a autora utiliza-se do discurso argumentativo.

Ainda com base nas ideias de Charaudeau, Machado (2001) mostra a modalização como uma espécie de categoria formal. Isso acontece por vários motivos: uma mesma marca linguística pode apresentar diversos significados, de acordo o contexto. A título de exemplo, utilizaremos três ocorrências com o verbo “querer”: (1) *Quero chegar cedo.* (2) *Quero que você chegue cedo.* (3) *Você quer chegar cedo?* Observamos que em (1), “querer” transmite um desejo; em (2), uma ordem; e em (3), um pedido.

Vemos, também, com base em Machado (2001) que uma mesma marca linguística, inserida em um mesmo contexto linguístico, pode apresentar vários propósitos de comunicação. Observamos como exemplo, o enunciado a seguir: (4) *Maria, estou confiante que fez uma boa prova!* Esse enunciado poderá significar, segundo as intenções de comunicação: (4') *O locutor demonstra pensamento positivo em relação à prova que Maria realizou.* (4'') *O locutor pretende, implicitamente, mostrar que ela precisa ter realizado boa prova.* Assim, é imprescindível analisar a situação de comunicação.

A autora supracitada ressalta, por fim, que pode ocorrer de uma mesma intenção de modalização ser transmitida por marcas linguísticas diferentes. Isso pode ser verificado nos exemplos: (5) *Cale-se!* (6) *Faça silêncio!* (7) *[gesto com o dedo indicando silêncio]*. É possível, ainda, que a modalização não seja expressa por nenhuma marca linguística; a organização do enunciado, como um todo, irá mostrar a presença de uma determinada modalidade enunciativa. Vemos, então, que a modalização pode estar no implícito do discurso, um processo que pode ser configurado de diversos modos. Podemos pensar, por exemplo, em determinados usos da ironia, do eufemismo.

Machado expõe que o sujeito-enunciador pode expressar sua atitude, no tocante ao conteúdo proposicional de seu enunciado, das seguintes maneiras:

I) *através de marcas formais explícitas, que podem estar presentes em:*-verbos: “*Eu penso que...*”, “*Eu devo...*”, “*Eu duvido que...*” etc.;- advérbios e locuções adverbiais: “*sem dúvida*”, “*talvez*”, “*incontestavelmente*”, etc.;-adjetivos, em construções pessoais: “*É lindo, lindo!*”ou “*horrível*”, “*espantoso*”; “*É provável*

que”, “ *Isso é meio duvidoso...* ”, etc.;-entonações, pontuações, que darão, conforme o caso, um tom imperativo, interrogativo ao ato de linguagem.

II) *através do contexto ou situação de comunicação*:- às vezes, hesitações ou repetições na enunciação podem ser índices de modalidades. Neste caso, é difícil definir qual é o tipo de modalidade: ela vai se inserir no implícito do discurso e este depende da situação de comunicação. Uma coisa é certa para Patrick Charaudeau: o estudo dos implícitos está relacionado à análise do discurso e não às categorias da língua (MACHADO, 2001, p. 70, grifo da autora).

Na visão de Machado (2001, p. 70-71), esses marcadores de modalidade citados podem estar presentes e/ou relacionar às seguintes categorias por ela propostas⁷:

- i) a das **modalidades lógicas**, suscetíveis de refletir as diferentes nuances do provável, do possível, da necessidade e da eventualidade;
- ii) a das **modalidades apreciativas** que podem evidenciar as opiniões, os julgamentos, as apreciações;
- iii) a das **modalidades de topicalização** que colocariam em destaque uma determinada parte do enunciado;
- iv) a das **modalidades intersubjetivas** que tratariam das relações que os enunciadorees mantém (*sic*) com seus interlocutores;
- v) a das **modalidades autoreferenciais**, onde incluiremos a auto-ironia, a auto-crítica, a retificação do dito, enfim, todos os atos linguageiros pelos quais nos referimos aos nossos próprios ditos;
- vi) a das **modalidades interdiscursivas**, ou seja, aquelas em que são evidenciadas a heterogeneidade dos sujeitos participantes do ato de linguagem. (MACHADO, 1954, p. 154).

Ao realizar essa categorização, a autora esclarece que as marcas formais explícitas em um texto podem gerar modalidades que são possíveis de serem encaixadas em uma ou em várias das categorias supracitadas.

Vimos, então, que a produção do enunciado pode ser perpassada por vários elementos modalizadores, sejam eles explícitos, sejam eles implícitos. São elementos que contribuem para deixar as marcas que demonstram sua posição face à determinada situação comunicativa, pois o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de elementos modalizadores. Estes se apresentam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece, isto é, os operadores modais.

Koch (2011) realiza uma apresentação exemplificada dos tipos de lexicalização possíveis que as modalidades podem possuir. Nessa exemplificação, há um detalhamento maior em relação ao que foi apresentado por Machado (2001) em relação às marcas formais:

- a) Performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito etc.;
- b) Auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar etc.;

⁷Categorias citadas por Ida Lúcia Machado e elaboradas pela própria autora em seu trabalho de Dissertação de mestrado, defendido na USP em setembro de 1985, página 154.

- c) Predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável etc.;
- d) Advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente etc.;
- e) Formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer etc. + infinitivo;
- f) Modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade etc.;
- g) Verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho etc.;
- h) Entonação: (que permite, por ex.: distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral);
- i) Operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo etc. (KOCH, 2011, p. 84).

Esse exemplo retirado de Koch (2011) permite observar o grau de importância que os modalizadores apresentam no discurso, possibilitando ao locutor efetivar marcas que ora demonstram distanciamento do que é enunciado, ora revelam maior grau de engajamento com relação ao que é enunciado, indicando os tipos de envolvimento e intenções que pretende veicular ao interlocutor.

Embasaremos, também, esta pesquisa nas definições dos linguistas Castilho e Castilho (1993). Eles postulam que o termo modalização transmite um julgamento do falante diante da proposição e agrupam os modalizadores em três categorias, são elas: Modalização Epistêmica, Deontica e Afetiva.

Apresentaremos as classes e subclasses postuladas por esses autores em uma tabela, para uma melhor compreensão. Convém ressaltar que um mesmo item lexical pode expressar diferentes modalidades, proporcionando efeitos de sentido diferentes, conforme demonstra o QUADRO 03.

QUADRO 3
Classes e subclasses de modalização

Classificação e subclasses dos modalizadores			
Classe de Modalização	Subclasses	Efeito de sentido no enunciado	Exemplos
Epistêmica Expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. Ou seja, ocorre quando o locutor	Asseverativa	O falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica.	É verdade que os filmes eram muito ruins. Realmente , ele mereceu a vitória. De forma alguma duvidei da sua opinião.
		O falante considera o valor da proposição	

expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.	Quase-asseverativa	quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende da confirmação, e por isso mesmo ele se furta “a toda responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade [da proposição]”. Dessa forma, decorre uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo do que está sendo verbalizado, não se responsabiliza pelo valor de verdade da proposição.	Parece que esse salário fará diferença. Provavelmente , os gastos serão maiores.
	Delimitadora	Estabelece os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo da proposição. [...] Os Delimitadores têm uma força ilocucionária maior que os Asseverativos e os Quase-Asseverativos, pois implicam uma negociação entre os interlocutores, necessária à manutenção do diálogo.	Na primeira fase, teoricamente , nosso adversário terá mais chances de vencer. Tecnicamente , eles são mais preparados.
Deôntica Indica que o falante considera o conteúdo da proposição como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer obrigatoriamente.	-	-	Toda cirurgia tem de implicar despesas. Informamos que o curso deverá acontecer na próxima semana.
Afetiva O falante verbaliza suas reações emotivas em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter Epistêmico ou Deôntico.	-	-	Felizmente os alunos apresentaram compromisso com o trabalho. Sinceramente , todos receberão resultados satisfatórios.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base na teoria de Castilho e Castilho (1993, p. 222-223).

Bronckart realiza sua definição sobre modalizações e cita a dimensão em que esses elementos se enquadram no texto:

As modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático. [...] as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático. (BRONCKART, 2012, p. 330).

Ao analisarmos as classificações que o autor supracitado propõe, identificamos que estão em consonância com a que Castilho e Castilho (1993) definem. Bronckart apenas utiliza-se de outras nomenclaturas ao estabelecer a relação dos modalizadores. Apresentamos, a seguir, um quadro com as classificações realizadas por Bronckart (2012), com seus detalhes para um maior esclarecimento do nosso objeto de estudo.

QUADRO 4
Classes e subclasses de modalização

Classificação e subconjuntos dos modalizadores			
Classificação	Definição	Exemplo	Subconjunto
Modalizações Lógicas	[...] apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc.	<i>É necessariamente isto...não há outras possibilidades</i> [...] (A. Pérez-Reverte)	Marcadas por tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios, orações impessoais.
Modalizações Deônticas	[...] consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, [...], apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas de uso.	<i>[...] e já jamais deve ser esquecida</i> [...] (A. Negri)	Marcadas por tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios, orações impessoais.

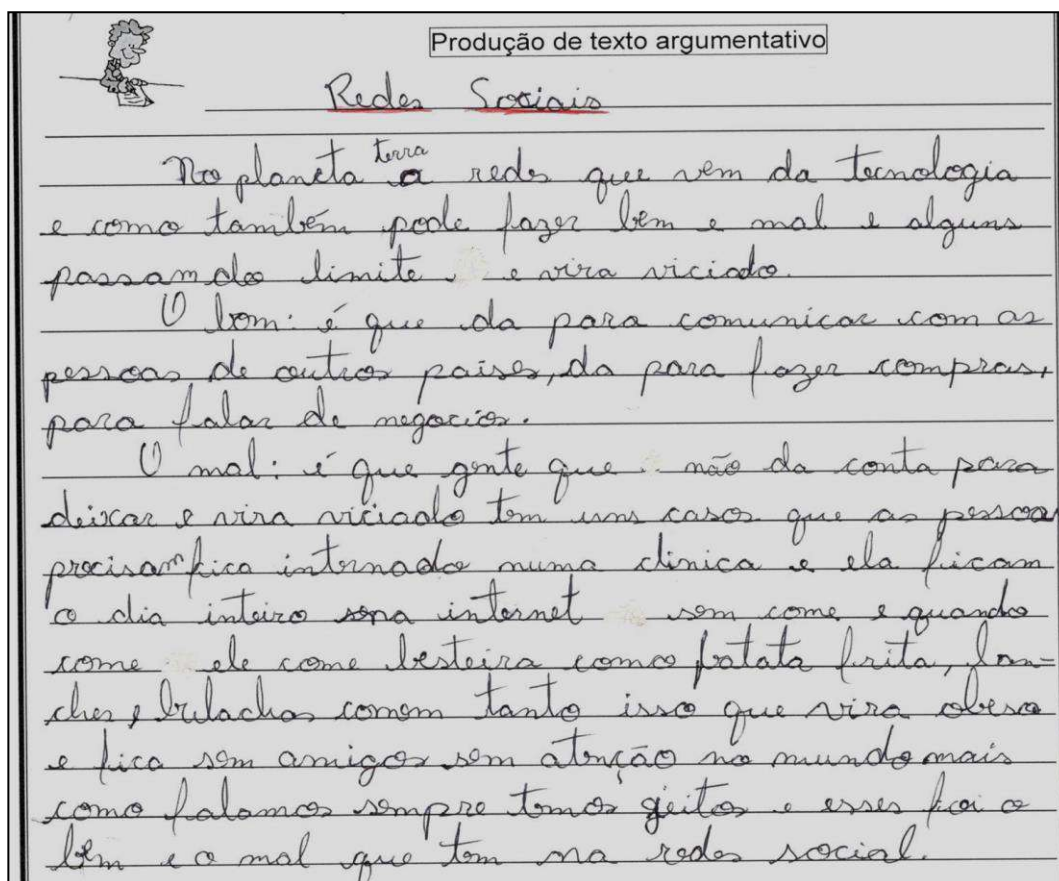
Modalizações Apreciativas	[...] consistem em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático, procedente do <i>mundo subjetivo</i> da voz que é a fonte desse julgamento, [...], do ponto de vista da entidade avaliadora.	<i>Infelizmente</i> , versos de W.B. Yeats <i>não cessavam de se interpor entre ele e sua musa</i> [...] (D. Lodge)	Marcadas, preferencialmente, por advérbios ou orações adverbiais
Modalizações pragmáticas	[...] contribuem para a explicação de alguns aspectos da <i>responsabilidade</i> de uma entidade [...] em relação às ações de que é o agente, e atribuem a esse agente intenções, razões [...] ou, ainda, capacidades de ação.	<i>Seus dentes rangiam, ela estava cinza: quis dar um passo em direção à janela em busca de um pouco de ar, mas não pôde</i> [...]. (A. Dumas)	Marcadas, preferencialmente, pelos auxiliares de modo, em sua forma estrita ou ampliada.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base na teoria Bronckart (2012, p. 330-334, grifos do autor).

Após analisar os quadros baseados nas categorias definidas por Castilho e Castilho (1993) e Bronckart (2012), notamos que Castilho e Castilho (1993) distinguem três tipos de modalização: a Epistêmica, a Deôntica e a Afetiva. Essa classificação equivale, respectivamente, às modalizações Lógica, Deôntica e Apreciativa, na terminologia de Bronckart, vista acima.

Como breve exemplificação, analisamos um fragmento inicial de texto produzido por uma aluna do 8º ano de escolaridade, em que a proposta de produção é argumentativa⁸. Anteriormente à produção, discutimos sobre a temática sugerida.

⁸ Na apresentação do diagnóstico, detalhamos como o processo ocorreu.



Verificamos que, nesse texto⁹, ocorreram problemas relacionados à utilização inadequada de alguns elementos que contribuiriam para a organização do sentido textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a aluna não organizou as ideias, não explicitou ao leitor de que rede se tratava (embora fosse possível ao leitor resgatar isso no título). Por outro lado, a aluna empregou índices de modalização que demonstraram coerência no ponto de vista apresentado: “O bom: é que da para comunicar com as pessoas de outros países”, “O mal: é que gente que não da conta para deixar”, “vira viciado”. Observamos que a modalização sinalizada e introduzida pelo uso de “O mal” prenuncia a utilização dos argumentos “vira viciado”, “fica internado numa clínica”, entre outras consequências que a aluna enuncia logo após. Mas, no trecho “vira viciado”, se fundamentado por um modalizador que indicasse princípio de possibilidade, por exemplo, “é possível que vire viciado”, sua argumentação ganharia outra dimensão.

Observamos que a aluna empregou alguns elementos modalizadores, todavia, em algumas passagens, o não uso de índices de modalização ocasionou algumas complicações ao

⁹Nesse trecho apresentado, há vários desvios na escrita. Problemas de acentuação, ortografia, pontuação, concordância, entre outros, serão trabalhados no momento de revisão formal e reescrita do texto, mas não constituirão objeto de estudo formal por nós.

texto. Os alunos, nessa etapa de escolaridade, já deveriam utilizar melhor certas estruturas indicativas de opinião como forma de articular melhor o texto; há problemas nesse texto que acabam por atrapalhar sua construção de sentido. Na segunda linha, por exemplo, a aluna poderia ter usado “e que, **em minha opinião**, podem fazer bem, mas podem também fazer mal”; assim ela generalizaria os benefícios e malefícios das redes sociais, para depois fazer o que fez: especificá-los. Situações como essas requerem um trabalho que aborde tais aspectos, para que essas habilidades sejam desenvolvidas.

Como observamos até aqui, nossa pesquisa terá como norteadores as categorias de modalização postuladas por Koch (2011), Castilho e Castilho (1993), Machado (2001), Bronckart (2012). Verificamos que as propostas de modalização apresentadas por eles se assemelham, além de serem complementares. Por isso, julgamos pertinente elencar aqui as definições, classificações e categorias que cada um desses autores utiliza. Dessa forma, servirão de base às análises da nossa pesquisa.

Com base no que foi exposto, verificamos que os recursos de modalização são constituintes das estratégias argumentativas, porque pressupõem a intenção do sujeito argumentante, os propósitos discursivos do texto. Diante disso, percebemos a importância da ênfase deste trabalho nos modalizadores linguístico-discursivos, uma vez que os alunos pesquisados apresentam dificuldade de argumentar linguística e discursivamente.

Assim, delimitamos nesta pesquisa um aspecto importante de construção de sentido envolvendo o texto argumentativo: os modalizadores linguístico-discursivos. Enfatizaremos esses elementos por serem de grande relevância no processo de articulação das ideias no texto opinativo.

No próximo capítulo, intitulado “Procedimentos Metodológicos”, apresentamos aspectos relacionados ao tipo de pesquisa em que nos respaldamos, o universo de pesquisa, com detalhamento da escola, dos alunos e do diagnóstico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Pesquisa-ação

Esta pesquisa possui cunho qualitativo (embora use gráficos e dados, mas estes apenas para deixar as análises mais precisas para o leitor), uma vez que a pesquisa qualitativa possui um caráter exploratório, que estimula os envolvidos a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Os dados serão retratados por meio de análises de textos produzidos pelos alunos pesquisados, além de uma amostra específica do corpo discente através das respostas de um questionário. Esses dados servirão de instrumentos essenciais para nosso trabalho.

De acordo com Minayo,

[a] pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p. 21-22).

Com essa mesma ideia, Gil (2002) complementa que a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; quer dizer, existe um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser apresentado em números.

A partir da pesquisa qualitativa, tendo como referência uma pesquisa bibliográfica que servirá de respaldo às reflexões, será desenvolvida a pesquisa-ação, que propõe uma forma de ação planejada. Este trabalho justifica-se ao unir teoria e prática, por meio da metodologia que envolve a pesquisa-ação, possibilita uma ação concreta dentro do universo pesquisado, não se limitando, então, apenas à pesquisa bibliográfica. Ao discutir a pesquisa-ação, Thiollent (1994) afirma que esse tipo de pesquisa deve provocar algum tipo de transformação na realidade dos participantes.

Dessa maneira, o presente trabalho possibilita essa mudança através de uma ação efetiva, associada ao estudo da bibliografia que trata do assunto proposto. Sua utilização como

forma metodológica possibilita aos participantes maneiras de investigar sua própria prática de forma crítica e reflexiva. Nela, estão envolvidos pesquisadores e pesquisados, todos estão engajados na solução ou minimização de problemas, portanto consiste na busca de estratégias que visam intervir em determinado problema, a fim de solucioná-lo ou minimizar prejuízos causados por ele. A pesquisa-ação proporciona condições para que o docente realize reflexões sobre suas ações, construindo novos saberes. Esse tipo de pesquisa é entendido como uma forma de contínua intervenção no sistema pesquisado (THIOLLENT, 1994).

Quanto aos objetivos, serão de natureza exploratória, pois proporcionam maior familiaridade com o problema, com a intenção de torná-lo mais evidente, alicerçado em um amplo embasamento teórico, com o intento de encontrar respaldo para fundamentar os questionamentos, as reflexões e as ações. Utilizaremos, também, da pesquisa descritiva, com vistas a fazermos uso da descrição, tanto ao caracterizar os alunos pesquisados quanto ao momento de descrever todo o processo de intervenção realizado. E servirá de suporte para o trabalho, ainda, a pesquisa explicativa, que, em consonância com as citadas anteriormente, constituirá a explicação dos fenômenos observados neste trabalho e detalhamentos da proposta planejada e, posteriormente, aplicada.

A partir dessa reflexão, a professora participante poderá desenvolver uma maior abertura para revisão de sua prática docente, utilizando o trabalho coletivo, pois a abertura do universo escolar para os pesquisadores deve ocorrer de maneira interativa com os participantes. Faz-se necessária, também, uma relação muito próxima entre teoria e prática. Com base nos fatos diagnosticados, ao desenvolver a pesquisa, uma série de ações deve ser elaborada. Nesse aspecto, elencamos algumas ações a serem aplicadas: a) produção textual, com a finalidade de dar visibilidade ao que vimos constatando, e aplicação de questionário; b) análise dos dados; c) formulação do problema, construção de hipóteses e objetivos; d) embasamento teórico, de acordo com o problema tratado; e) elaboração de estratégias de ação; f) desenvolvimento da proposta; g) detalhamento, interpretação dos dados; h) resultados da pesquisa e conclusões.

Levando em conta a proposta de ação, no decorrer da intervenção, que será por meio de oficinas, os alunos serão observados e avaliados com o intuito de percebermos se as práticas aplicadas estão conduzindo aos objetivos esperados.

3.2. Universo da pesquisa

3.2.1 A escola

A Escola Estadual Dom Lúcio¹⁰ está situada na Rua Montes Claros, nº 330, no Bairro São Cristóvão, na cidade de Espinosa-MG.

A Escola funciona em 02 (dois) turnos, com 06(seis) turmas do Ensino Fundamental I e 09 (nove) turmas do Ensino Fundamental II.

Apesar de a escola estar localizada em um bairro central, o corpo discente é oriundo, em sua maioria, de bairros bem periféricos. O grau de escolaridade da maioria dos pais e/ou responsáveis é o Ensino Fundamental incompleto, também de baixo conhecimento escolar, razões estas que influenciam na dificuldade de acompanhar e auxiliar no processo de formação escolar dos filhos.

Tendo em vista os fins e objetivos da educação básica nacional, e atendendo à sua lógica da organização escolar, esta escola, a partir do seu processo de ensino-aprendizagem, propõe-se a promover o domínio dos conteúdos básicos do Ensino Fundamental e, através de técnicas, métodos e procedimentos didáticos modernos, bem como, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos, enfatizar a educação concebida como resgate de todas as dimensões do aluno do ponto de vista ético, estético, afetivo e cognitivo; desenvolver ações para incentivar toda forma de participação e expressão do aluno, inclusive na normalização de seus direitos e deveres; adequar as atividades às características dos alunos; direcionar o aluno ao desenvolvimento progressivo de competências e habilidades necessárias à sua interação com a realidade; criar oportunidades de convívio em grupo para favorecer e harmonizar as relações intra e extraescolares e desenvolver espírito de liderança.

Com esse olhar, a escola tem, como compromisso, a formação do educando como cidadão capaz de interferir na realidade de forma crítica e consciente, possibilitando a melhoria da qualidade de vida e o exercício pleno da cidadania.

Nessa perspectiva e com base na experiência em sala de aula, nos resultados das avaliações diagnósticas e produções textuais, observamos a necessidade de intervir com ações que proporcionem resultados satisfatórios na realidade do ensino em questão.

¹⁰ Dados encontrados no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Com este trabalho¹¹, temos a pretensão de colaborar com uma inserção maior dos nossos alunos na realidade de que fazem parte, possibilitando a eles, a partir das intervenções, adquirir competências e habilidades de que precisam para estar aptos à produção de textos opinativos, orais e escritos, e, assim, poderem utilizar-se efetivamente da linguagem em suas manifestações a respeito de temas e problemas do seu mundo.



FIGURA 3 - Foto da entrada escola
Fonte: Arquivo pessoal.

3.2.2 Amostra de alunos

Através de um questionário aplicado aos alunos, foi possível averiguar o perfil da turma pesquisada. Ela é composta por alunos oriundos da zona rural e da zona urbana. Enquadram-se na faixa etária entre 14 e 15 anos, ou seja, idade adequada a essa etapa de escolaridade. A maioria dos alunos é de família de baixa renda, filhos de domésticas, costureiras, funcionários da prefeitura e pequenos produtores rurais. Foi possível detectar,

¹¹Ressaltamos que este projeto foi submetido à análise do comitê de ética, sendo devidamente aprovado.

também, por meio do questionário, que a maior parte dos pais ou responsáveis cursou apenas até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental, como podemos observar no GRAF. 1.

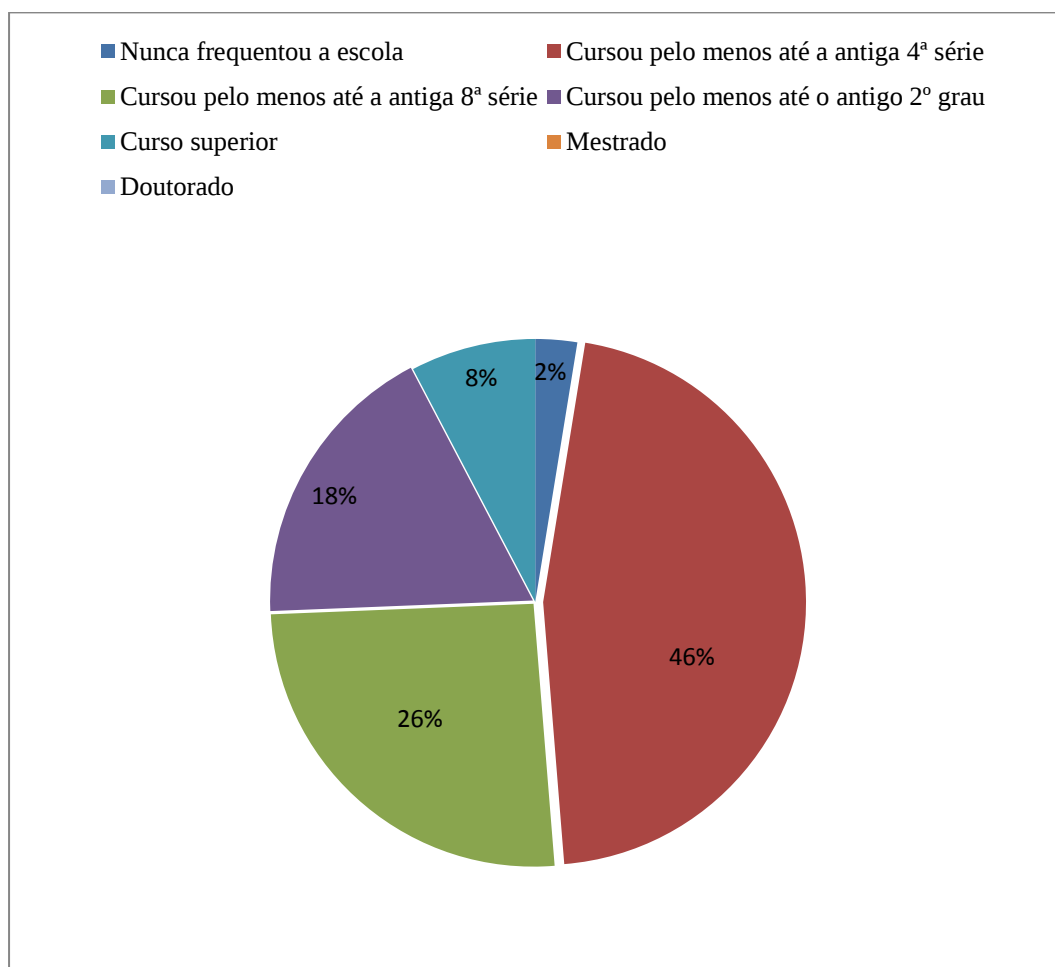


GRÁFICO 1 - Nível de Formação dos pais/responsáveis
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quando questionados em relação à prática de leitura dos pais ou responsáveis, uma parcela considerável respondeu que os pais leem e muitos afirmaram não saberem se liam. Isso implica o pouco envolvimento entre filhos e pais com o hábito de leitura. É importante ressaltar tal fato, pois sabemos da grande relevância que é a participação dos pais na vida escolar do aluno e muito importante, ainda, o incentivo que deve vir de casa.

Sobre o tempo que os alunos utilizam fora da escola para se dedicarem aos estudos, a maioria admitiu dedicar uma hora ou menos. Essa grande maioria também afirmou ter acesso à internet e ler vários assuntos com frequência na Rede, utilizando muito tempo para sites de entretenimento. No que diz respeito à leitura, uma grande parcela afirmou não

ler, e os que têm o hábito, dizem ler livros em uma média de três ou mais ao ano, como mostra o GRAF. 2 a seguir.

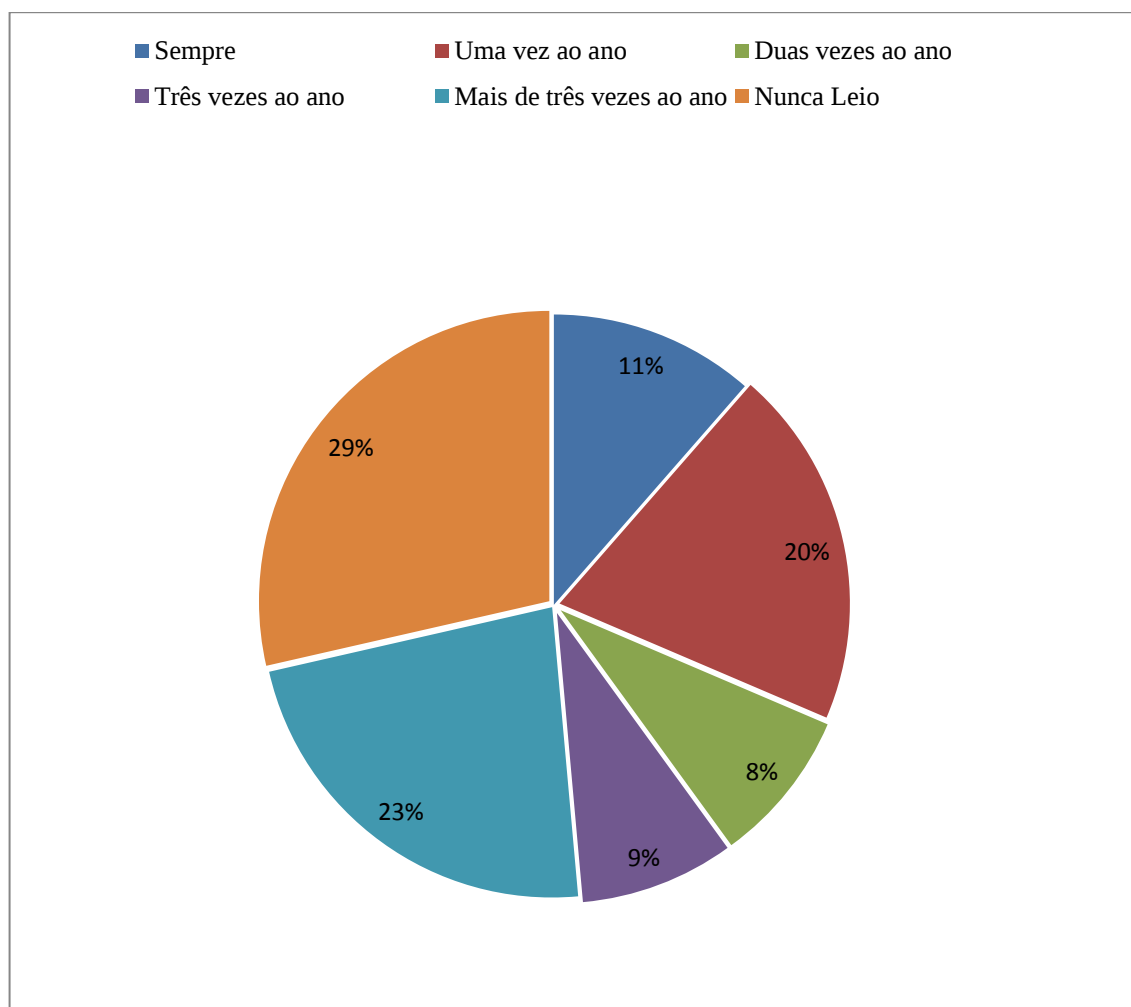


GRÁFICO 2 - Frequência de leitura de livros
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os alunos pesquisados também foram interrogados sobre como se consideravam nos estudos em relação à leitura e à escrita, de forma geral, no empenho escolar. Obtivemos o seguinte resultado, exposto no Gráfico 3.

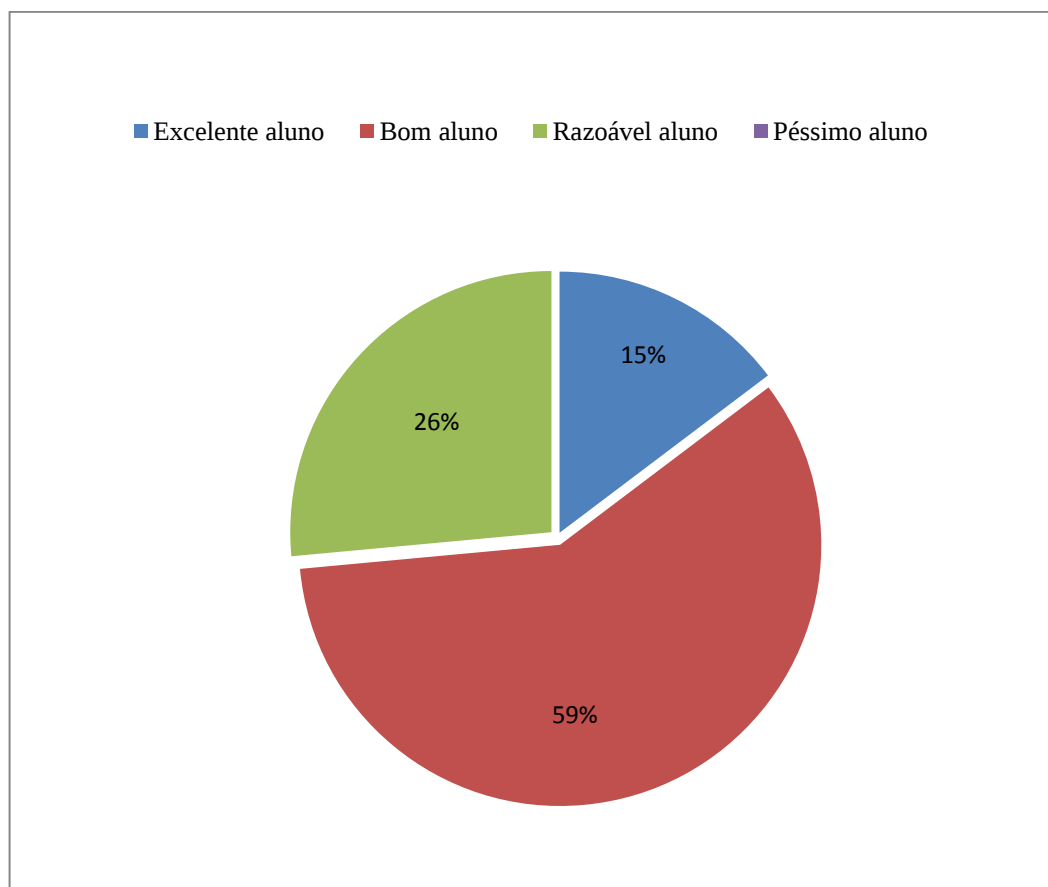


GRÁFICO 3 - Como você se considera em relação ao empenho escolar?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao observar os gráficos, notamos que a qualidade de leitura e escrita ainda é pouco presente no cotidiano dos alunos. E a perspectiva quanto aos estudos é insuficiente, eles próprios, em grande escala, consideram-se apenas bons alunos. Diante desses dados e experiências em sala de aula, este trabalho visa contribuir para a mudança no quadro constatado.

3.2.3 Diagnóstico

Realizamos uma coleta de dados na turma pesquisada para desenvolvermos um estudo mais específico, no que diz respeito a esta pesquisa. O planejamento da aula foi elaborado com o objetivo de desenvolvermos atividades direcionadas à produção textual e, particularmente, observando como os alunos constroem o posicionamento diante de um determinado assunto. Portanto, o planejamento foi realizado com o intuito de proporcionar ao

aluno a produção de textos opinativos e, conseqüentemente, a oportunidade de utilizar índices de modalização.

A aula foi desenvolvida numa turma de 8º ano de escolaridade. De início, realizamos uma roda de discussão acerca da temática “Benefícios e malefícios do uso da internet e redes sociais”. Muitos alunos sentiram-se à vontade para opinar, foram participativos, outros participaram porque o professor direcionou a pergunta a eles e alguns permaneceram calados, só ouvindo o debate. Logo em seguida, apresentamos à turma dois textos: um Artigo de opinião, intitulado “As redes sociais digitais: necessidade ou vício”, da autora Tania Tait, extraído do Jornal *online* “Gazeta do Povo”, e o outro, do gênero Charge, também relacionada ao assunto. Esses textos encontram-se expostos a seguir.



Produção textual

Componente curricular: Língua Portuguesa
Professora: Renata Soares
Turma: 8º ano



Leia os textos abaixo com atenção:

Texto 01



As redes sociais digitais: necessidade ou vício?¹²

Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares, a expansão da internet se dá de forma assustadora e seu uso passa de esporádico para instantâneo. Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de “computador onde a pessoa se

¹² Texto extraído e adaptado do Jornal *online* “Gazeta do Povo”, intitulado “As redes sociais digitais: necessidade ou vício?”, da autora Tania Tait. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

encontra, a qualquer hora e lugar”, referindo-se aos aparelhos móveis, modifica também comportamentos como o chamado “vício eletrônico”.

Antes, a expressão indicava o vício das pessoas que não conseguiam se desligar de seus computadores para entrar nas redes sociais, jogar, fazer comentários ou verificar o que está sendo postado. Hoje, a situação se torna mais complexa e alarmante. Basta observar ao redor: pessoas caminhando e usando celular; pessoas em bares e restaurantes que não interagem com outras pessoas, mas com seus aparelhos; crianças e adolescentes conectados o tempo todo; adultos usando aparelhos de comunicação em festas e cerimônias formais; imagens sendo postadas e divulgadas em cada momento. O chamado vício agora se irradia: as pessoas podem acessar suas informações em qualquer lugar e horário, pois carregam os aparelhos consigo.

Ao lado dos inúmeros serviços ofertados na internet, tais como a realização de pesquisas, serviços bancários, serviços públicos e a comercialização de produtos e serviços, entre outros, encontra-se uma forma de comunicação via redes sociais, que se tornou parte do dia a dia das pessoas em todo o mundo. O próprio conceito de redes sociais é antigo e indica a integração de pessoas que têm um objetivo comum e se comunicam para compartilhar ideias ou realizar ações conjuntas. No caso das redes sociais digitais, essa comunicação se dá por meio de uma tecnologia que fornece acesso por meio de diversos tipos de aparelhos (celulares, tablets, etc.)[...].

Além dos problemas psicológicos de vício e isolamento social que estão sendo estudados, não se podem negligenciar outros itens no quesito saúde, devido à radiação e ao contato direto com os aparelhos, que trazem problemas como diminuição da visão, tendinite, dor nas costas, má postura e ansiedade, entre outros.

Destaca-se, por sua vez, o lado fantástico dessa tecnologia que possibilita comunicação em tempo real, com fotos, imagens e comentários, o que pode aproximar as pessoas e colocá-las a par dos acontecimentos familiares, de relacionamentos e de acontecimentos de interesse público, mesmo a longa distância. Inclusive, comenta-se que as pessoas nunca escreveram ou leram tanto como após o advento das tecnologias de informação e comunicação. Não vamos entrar aqui no mérito do que e de como se escreve, o que tem se tornado preocupação dos professores e professoras de Língua Portuguesa pela qualidade duvidosa e pelos incontáveis erros de escrita que circulam pela internet.

Enfim, devemos aprender a dosar o uso das novas tecnologias de comunicação para que seus benefícios possam ser aproveitados de maneira a contribuir para a real

aproximação e o compartilhamento entre as pessoas, com liberdade e não como escravidão e dominação.

Texto 02



Fonte: Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55817>>. Acesso em: 22 de nov. 2016.

Proposta para elaboração de um texto escrito:

Com base na leitura dos textos, nos seus conhecimentos e na discussão em sala de aula, redija um texto que expresse sua opinião sobre o tema **“Quais os benefícios e malefícios do uso da internet e das redes sociais?”**, apresentando proposta de conscientização em relação ao uso das tecnologias. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos (ideias que justificam, fornecem a base para a opinião) para a defesa de seu ponto de vista a respeito dessa temática.

A partir dos textos, realizamos mais discussões, em que a maioria concordou com posicionamento dos autores dos textos apresentados.

Após opinarem oralmente, solicitamos que registrassem, na escrita, o posicionamento deles sobre a temática discutida. Antes de iniciarem a produção, fizemos um esboço, estruturando, no quadro, o tipo de texto a ser produzido para facilitar a compreensão. Ao iniciar a produção, a grande maioria da turma sentiu muita dificuldade. Mostraram interesse em realizar a atividade, entretanto demonstraram bastante dúvida. Alguns tinham dificuldades para introduzir o texto, outros demonstraram que não estavam conseguindo argumentar, expor o posicionamento. Solicitaram várias vezes que o professor fosse até a

carteira para que lhes explicasse novamente, que os orientasse de forma individual. O horário previsto no plano de aula foi de duas horas/aulas, porém foi necessário ultrapassar o tempo programado, uma vez que os alunos sentiram dificuldades, necessitaram de mais tempo para concluírem a atividade.

Notamos que toda a turma demonstrou interesse. Mesmo assim, de início, quando apresentamos que a proposta de atividade seria uma produção de texto opinativo, sentiram-se retraídos, deixando transparecer que possuíam dificuldades. Mas quando iniciaram a produção, esforçaram para realizá-la, atingindo o que foi proposto.

Coletamos 35 textos, realizamos as análises de cada um, relacionadas à construção de sentido produzida pelo aluno no momento em que opinaram, uma vez que foi solicitado que expusessem a opinião através de argumentos sobre a temática. A partir da análise dessa atividade, apresentaremos o diagnóstico de como os alunos utilizam os mecanismos de modalização nos textos, se os utilizam e quais apresentam uma maior frequência. Essa análise nos ajudará a direcionar o foco do nosso trabalho. Decidimos por selecionar, para expor aqui, os textos que demonstram exemplos dos índices que foram mais recorrentes. Segue o texto do aluno A14¹³:

¹³ Usaremos essa identificação ao referir-se a determinado aluno. Exemplo: A1, A2, A3...

Produção textual



Internet: necessidade ou vício?

Atualmente os aparelhos móveis estão cada vez mais ampliando e a expansão da internet e sé dá forma assustado do seu uso excerssivo.

Essa evolução, ao estabelecer o paradigma de onde as pessoas se encontram, a qualquer hora e lugar, está reforçando nos aparelhos móveis muitas operações e que esses aparelhos trazem para nossa vida malefícios como por exemplo a diminuição de visão, dores nas costas na postura e ansiedade e entre outros.

Então, devemos aprender a desistir de uso dos novos tecnologia da comunicação para que as pessoas possam com o uso excessivo de internet e aparelhos móveis, podem com apresentadas de maneiras a contribuir para a aproximação das pessoas e comportá-las entre as pessoas com liberdade e não como carcereiro da internet e os aparelhos móveis.

Versão digitada

Texto - Aluno A14

internet: Necessidade ou Vício?

Atualmente os aparelhos moveis estão cada vez mais ampliando e a expansão da internet e sé dá forma assustado do seu uso excerssivo.

Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de onde as pessoas se encontra-se, a qualquer hora e lugar, e se referindo aos aparelhos moveis minha opinião e que esses aparelhos trazem para nossa vida malefícios como por exemplo: diminuição de visão, dores nas costas má postura e ansiedade e entre outros.

Enfim, devemos aprender a dosar o uso das nova tecnologias da comunicação para que as passuas parem com o uso exercivo de internet e aparelhos moveis e podem ser aproveitado de maneira a contribuir para a aproximação das pessoas e compartilhar entre as pessoas com liberdade e não como escravo da internet e os aparelhos moveis.

Ao averiguar a produção textual do aluno A14, notamos que, no título, ele faz uma alusão ao título do texto, base da nossa atividade, além de, no decorrer de todo o texto produzido, utilizar-se de trechos desse mesmo texto, usando-os como se fossem palavras dele. O aluno não usa os recursos de apresentar uma citação, não deixou marcas de que as palavras eram de outro autor. Esse processo de utilizar uma citação foi ensinado a esses alunos, inclusive, isso foi retomado no dia dessa atividade, justamente para que os alunos estivessem cientes de como fazer uso desse recurso, caso achassem necessário. O trecho a seguir é um dos exemplos de que o aluno apropriou-se do texto do apresentado: “Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de onde as pessoas se encontra-se, a qualquer hora e lugar, e se referindo aos aparelhos moveis” faz o recorte fiel do trecho.

Logo em seguida, inseriu “minha opinião”, que é uma marca de que o autor do texto irá deixar um ponto de vista, mas isso não ocorre, pois ele mais uma vez expõe algo do texto base e não faz nenhum acréscimo de informações, apenas apresenta como se fosse a exposição de uma opinião construída por ele. Isso se exemplifica também nesta passagem: “por ele que esses aparelhos trazem para nossa vida malefícios como por exemplo: diminuição de visão, dores nas costas má postura e ansiedade e entre outros”. Isso demonstra a insegurança que os alunos possuem no momento de expor a opinião. Podemos observar, ainda, nesse mesmo parágrafo, que, nas linhas iniciais e a partir do momento em que ele insere o termo “minha opinião”, não é estabelecida uma construção de sentido, uma progressão das ideias, fala do mesmo assunto, mas não sabe realizar uma articulação das ideias, uma ligação entre os argumentos.

Na conclusão, ele aproveita fielmente, mais uma vez, trechos do texto de suporte, e, em outras partes, acrescenta algumas ideias. O texto se constitui numa verdadeira “colcha de retalhos”, pois é construído por emendas. Esse texto apresenta poucos modalizadores a serem analisados, pois os que ele utiliza são do texto de base, ou seja, de outro autor.

Verificamos apenas, no início, quando o aluno coloca a expressão “Atualmente” um modalizador que situa no tempo o contexto. Ele insere, também, o termo “na minha opinião”, esse que anuncia uma marca subjetiva, mas, na verdade, isso não ocorre, pois, logo em seguida, verificamos que ele utiliza trechos de marcas subjetivas citadas pelo autor do texto discutido no início da aula. Ou seja, não foram opiniões formuladas pelo aluno, ele apropriou-se da ideia fiel de outro autor. É válido expor que isso que ocorreu no texto do aluno A14 foi identificado em muitos outros. Os alunos fizeram uso dos argumentos do texto apresentado, alguns acrescentaram ideias e outros utilizaram o recorte fiel do texto.

Utilizaremos outra exemplificação de ocorrências comuns em vários textos, com este texto do aluno A31:

Produção textual



Malefícios e Benefícios

na sociedade as pessoas estão fazendo o uso errado da internet, temos o benefício, e os malefícios das redes sociais.

As pessoas estão muito viciadas nas redes sociais, isso não do bem, não come, não pode, causar muito prejuízo a saúde, os malefícios sempre estão nos cercando e nós nunca percebemos isso.

Os benefícios são muitos as pessoas dizem que é bom e outras dizem que é ruim, mas na verdade tudo tem seus benefícios e malefícios. O legal da internet é que pode conectar com um amigo é de mesmo com um parente. Podemos publicar na internet ou na rede social momentos ruins e bons.

Por fim tudo nessa vida tem seus malefícios basta usar com moderação.

Versão digitada

Texto - Aluno A31

Malefícios e benefício

Na sociedade as pessoas estão fazendo o uso exercivo da internet, temos o benefícios, e os malefícios dos uso das redes sociais.

As pessoas está muito viciadas nas redes sociais, quase não dorme não come isto pode causar muito risco á saúde, os malefícios sempre estão nos sercado e nós nunca percebemos isso.

Os benefícios são muitos, as pessoas dizem que é bom e outras dizem que é ruim, mas na verdade tudo têm seus benefícios e malefícios. O legal da internet é que você pode conectar com um amigo é até mesmo um parente, podemos publicar na internet ou na rede social momentos ruins e bons.

Enfim tudo nessa vida tem seus malefícios basta usar com moderação.

Ao analisarmos esse texto, notamos que também há nele a presença de marcas de um dos textos que propomos na discussão. Verificamos que o aluno tenta expor as ideias, mas não consegue realizar uma progressão do assunto. O texto fica comprometido com o uso das palavras “malefícios” e “benefícios”, pois, desde o parágrafo inicial, cita esses termos, e até o final da produção, pouco desenvolve acerca desses dois itens. Não utiliza argumentos para expressar os benefícios nem os malefícios que cita, vemos isso, por exemplo, no trecho: *Os benefícios são muitos, as pessoas dizem que é bom e outras dizem que é ruim, mas na verdade tudo têm seus benefícios e malefícios*, vemos que não há uma progressão na argumentação. Na conclusão, ele utiliza de um operador conclusivo, porém não apresenta ideias consistentes sobre a temática, já que é, também, na conclusão o momento de deixar marcas da sua opinião ou proposta de intervir nos problemas tratados. Durante o texto, ainda, percebemos algumas marcas modais, por exemplo, *nunca percebemos isso*, ele se mostra engajado no discurso. Utiliza-se do *muito*, um intensificador da proposição, *quase não dorme*, expressa uma delimitação, usa, também, a expressão *pode causar muito risco*, já aqui o autor não demonstra uma certeza, indica apenas uma possibilidade.

Portanto, observamos, nesse texto, que há poucas marcas de modalização, algumas o autor não soube articulá-las aos argumentos, para dar consistência ao texto.

Percebemos, na maioria dos textos analisados, que algumas marcas de modalizadores aparecem, em alguns casos raros, de forma adequada, mas, logo em seguida, identificamos que, em outro parágrafo, o aluno não soube posicionar-se adequadamente. Verificamos, assim, que há a necessidade de uma intervenção que intensifique o trabalho com o uso dos modalizadores, proporcionando ao aluno conhecer e compreender os sentidos que provocam no texto, articular para que utilizem os conhecimentos enciclopédicos e contribuir para o enriquecimento da argumentação. Acreditamos que, a partir daí, desenvolverão textos opinativos melhores.

Analisaremos, agora, o texto do aluno A29:

Produção textual



Rede sociais Benefícios ou malfícios

A maioria das pessoas são viciadas, em Redes sociais, jogos e não percebem que estão perdendo tempo com e use o excesso de uma coisa que nos faz mal.

Isto não está certo as pessoas tem que se conscientizar que aquilo não está certo porque em todos lugares estão conectados a internet, mas isso mesmo é um grande problema, as pessoas enquanto estão mexendo e não percebem que está vindo um caso ou moto e pode acontecer um acidente.

Então, as pessoas tem que perceber que temos uma vida para-se viver, e não passar o tempo inteiro dia e noite até a madrugada mexendo naquilo pois somos seres humanos e temos uma vida inteira para viver.

Versão digitada

Texto - Aluno A29

Redes sociais Benefício ou malefícios

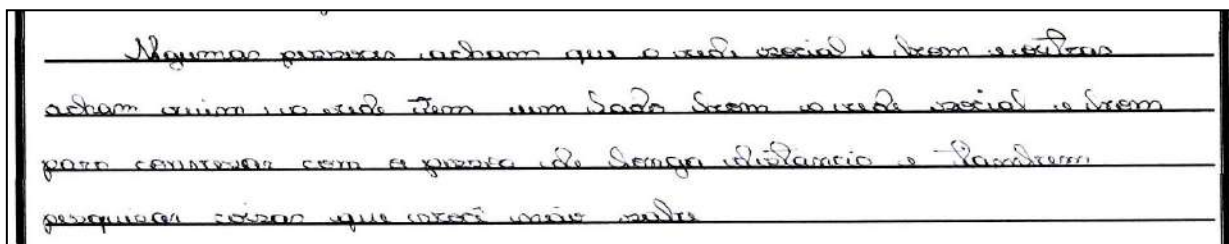
A maioria das pessoas são viciadas, em Redes sociais, jogos e não percebem que está perdendo tempo com o uso excessivo de uma coisa que nos faz mal.

Isto não está certo as pessoas tem que se conscientizar que aquilo não está certo porque em todos os lugares estão conectados a internet, nas ruas mesmo é um grande problema, as pessoas enquanto estão mexendo e não percebem que está vindo um carro ou moto e pode acontecer um acidente.

Enfim, as pessoas tem que perceber que temos uma vida para se viver, e não passar o tempo inteiro dia, noite até a madrugada mexendo naquilo pois somos seres humanos e temos uma vida inteira para viver.

Esse texto foi um dos em que mais observamos a adesão do aluno ao discurso argumentativo, apesar de ainda apresentar pouca argumentação, aproximou-se mais das características desse tipo de texto. O aluno faz uso de recursos modalizadores, percebemos isso, ao apresentar no primeiro parágrafo o trecho *A maioria das pessoas são viciadas*, ele não generaliza na sua afirmação, faz uma delimitação, e ainda assevera uma proposição, afirma de forma que dá um tom de verdade ao que foi anunciado. Apresenta um aspecto avaliativo ao citar [...] *está perdendo tempo com o uso excessivo de uma coisa que faz mal e*, em outro trecho como *Isto não está certo*. Logo em seguida, ele elabora uma proposição de algo que precisa ocorrer [...] *as pessoas tem que se conscientizar*, demonstra uma obrigatoriedade, busca a adesão do leitor à sua afirmação. Na argumentação, cita como exemplo situações do cotidiano. Ele se inclui no discurso, mostra engajamento nas afirmações. Percebemos nesse texto que o aluno faz um uso embrionário dos elementos modalizadores que, simultaneamente, favoreceram a construção da argumentação. Notamos, mais uma vez, a necessidade de um aprimoramento, a partir de um trabalho integrado de leitura e escrita, particularmente com os elementos modalizadores linguístico-discursivos e com estratégias de argumentação.

Ainda, a título de exemplificação, citaremos um recorte de outro texto, um parágrafo de argumentação, do aluno A26:



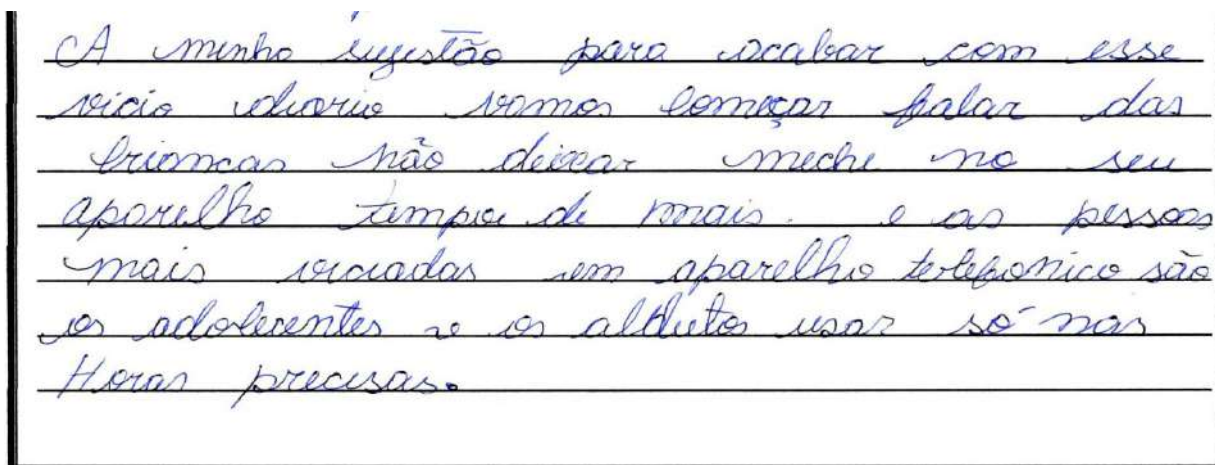
Versão digitada

Texto – Aluno A26

Algumas pessoas acham que a rede social é bom e outras acham que é ruim a rede tem um lado bom a rede social é bom para conversar com a pessoa de longa distância e também pesquisar coisas que você não sabe

Nesse trecho, percebemos que o aluno ao utilizar, “Algumas pessoas acham”, uma expressão delimitadora, ele fala de uma forma geral, não se insere explicitamente, no discurso. O aluno informa o que as pessoas acham, no entanto não exemplifica, cita também que existem coisas boas e ruins na rede, mas não cita as ruins, comenta apenas algumas coisas boas. E os argumentos usados são comentários comuns, não se apoiam em uma argumentação consistente. Vemos a necessidade de trabalhar a argumentatividade, instigando os conhecimentos prévios dos alunos ou proporcionando novos conhecimentos, a partir dos textos que iremos trabalhar.

Vários textos não apresentaram conclusão e, nos que apresentaram, elas não estão elaboradas adequadamente. O aluno teve intenção de expor a opinião, mas não a construiu coerentemente. Vejamos no exemplo a seguir, extraído do último parágrafo, a conclusão do texto do aluno A13:



A minha sugestão para acabar com esse vício diário vamos começar falar das crianças não deixar meche no seu aparelho tempo de mais e as pessoas mais viciadas em aparelho telefonico são os adolescentes e os adultos usar só nas horas precisas.

Versão digitada

Texto – Aluno A13

A minha sugestão para acabar com esse vício diário vamos começar falar das crianças não deixar meche no seu aparelho de mais e as pessoas mais viciadas em aparelho telefônico são os adolescentes e os adultos usar só nas horas precisas.

Ao contrário do trecho do aluno citado anteriormente, esse apresenta, no início do parágrafo, a expressão *A minha sugestão*, nela deixa transparecer que o autor demonstra engajamento na proposta que irá apresentar, transmite que irá propor algo da opinião dele. Ele comenta a respeito do uso excessivo de aparelhos pelas crianças, solicitando que isso seja evitado, entretanto, logo em seguida, ao colocar *e as pessoas mais viciadas são os adolescentes e adultos*, produz uma incoerência, um enunciado que não apresenta construção adequada. Ele não soube expor adequadamente o argumento, pois havia citado anteriormente a respeito da criança. A ideia que veiculou transmitiu foi de não deixar as crianças usarem muito, mas as viciadas são os adolescentes e os adultos, faltou uma articulação no trecho. E, por fim, utiliza-se de um vocabulário formal na expressão *horas precisas*. Percebemos que esse aluno compreende a intenção desse tipo de gênero, porém teve dificuldade em organizar as ideias, em construir a progressão textual, de forma que o sentido acontecesse. O aluno não demonstra, ainda, habilidades com a especificidade da escrita. Um dos elementos que pode contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades é o uso adequado dos modalizadores linguístico-discursivos. Observamos que ocorre o uso de expressões que modalizam o

discurso, porém, ao expor os argumentos, não soube articulá-los adequadamente, como, por exemplo, no trecho *A minha sugestão*, elemento que evidencia o posicionamento do autor.

Optamos por elaborar, também, uma tabela para que verificássemos, em síntese, os modalizadores presentes nos textos dos alunos. Logo em seguida, comentaremos a forma com que foram dispostos nos textos. Continuamos a utilizar a classificação postulada por Castilho e Castilho (1993). É válido ressaltar que todos os modalizadores inseridos no quadro foram categorizados com base nas análises de acordo com o contexto do texto. Isso é pertinente citar, pois um mesmo modalizador pode apresentar sentidos diferentes, conforme o contexto no qual está inserido.

Fizemos uma tabulação de dados através dos textos produzidos para percebermos qual a predominância dos tipos de modalizadores linguístico-discursivos, com que frequência aparecem nos textos e se os utilizam de forma adequada. Como sabemos, o discurso é permeado de marcas, sendo elas explícitas ou implícitas, dependendo da intenção do locutor. Sendo assim, um dos motivos de que o aluno precisa conhecer para saber utilizar de forma adequada esses recursos nos momentos de argumentação.

TABELA 1
Ocorrências dos modalizadores nas produções textuais dos alunos.

Tipo de Modalização	Subtipos	Exemplos	N.º de ocorrências
Epistêmica: Ocorre quando o locutor expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.	Asseverativa	<i>Nós podemos, estão fazendo, são viciadas, já não está, realmente, precisa sim, não sabem, nunca, pode tirar fotos, a internet ajuda.</i>	10
	Quase asseverativa	<i>Pode viciar, pode ter, pode necessitar, pode prejudicar, pode trazer, pode causar, pode proporcionar, pode acontecer, pode ter consequência, pode afastar, pode dar, pode aproximar.</i>	12
	Delimitadora	<i>Atualmente, hoje em dia, para algumas pessoas, já</i>	12

		<i>outras, antigamente, últimos anos, algumas, mas outras, às vezes, agora, no dia de hoje, na sociedade de hoje.</i>	
Deôntica Indica que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer	-	<i>Teriam que ter, devemos aprender, devemos usar, deveriam se conscientizar, basta usar, tem que perceber, temos que saber, possam ser, deveriam ter, temos que usar</i>	10
Afetiva O falante verbaliza suas reações emotivas em face do conteúdo da proposição.	-	<i>Já fica dominada, viciado, mais informado, bem, alto desenvolvimento, muito difícil, abusivo, constantemente, legal, coisa boa, coisa ruim, benéfica, maléfica, muito bom, insatisfatório, perigosa, bom.</i>	17
Total			61

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base em Castilho e Castilho (1993, p. 222-223).

Foram analisados 35 textos, do gênero Artigo de opinião, com uma temática acessível aos alunos, lembrando que, na aula em que foi proposta a produção, ocorreu uma discussão prévia, proporcionando aos alunos a reativação dos conhecimentos enciclopédicos, eles tiveram a oportunidade de discutir oralmente sobre o assunto. O gênero em questão possibilita que o aluno exponha seus argumentos, seu ponto de vista acerca da temática, com o intuito de que o interlocutor se convença de suas ideias, ou seja, posicione-se a favor da sua opinião.

Averiguamos que, nos textos coletados, a ocorrência de modalizadores foi muito baixa, em todas as categorias citadas. É válido ressaltar que a análise apresentada na tabela refere-se aos modalizadores explícitos. Verificamos que a modalização Epistêmica Asseverativa, que revela, conforme Castilho e Castilho (1993), uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição, foi pouco usada, apenas 10 ocorrências, esperávamos que tivesse presença maior por apresentar o conteúdo como algo certo, verdadeiro. Para que isso

ocorresse, o locutor responsável deveria se comprometer, mostrar um engajamento com o que foi enunciado por ele e isso ocorreu vagamente. Em relação à Epistêmica Quase-asseverativa, houve pouca presença em todos os textos, um total de 12. Essa modalidade indica que o locutor considera o conteúdo da proposição quase certo, algo provável ou possível. Isso implica que o conteúdo, apresentado como uma possibilidade ou probabilidade isenta o locutor da responsabilidade com o que foi dito. Os Delimitadores, que estabelecem os limites dentro dos quais deve aceitar o conteúdo do enunciado como verdadeiro, também foram poucos, 12 ocorrências, e, nos exemplos citados no quadro quanto a essa categoria, predominaram os que estão vinculados com a questão de delimitar o tempo, de delimitar de que forma o que é dito está situado no contexto.

Tínhamos a perspectiva de que a modalização Deôntica iria ser predominante nos textos, pelo fato de o gênero trabalhado exigir um explícito, pontual posicionamento do autor. Além da apresentação de sugestões para amenizar o problema em questão, uma vez que a modalização Deôntica estabelece um caráter de imperatividade ou facultatividade, predica um estado de como as coisas precisam acontecer, mas isso praticamente não ocorreu nos textos, enumeramos apenas 10 dos modalizadores presentes.

Por fim, a modalização Afetiva apresentou 17 ocorrências, um número expressivo em relação às outras categorias presentes, através de adjetivos e advérbios.

Outro fator de pouca presença, apesar de ser um texto de caráter opinativo, foram as marcas explícitas de opinião, como: *Na minha opinião, eu acho, eu acredito, o meu ponto de vista*. Os locutores se posicionaram com pouco engajamento nas proposições apresentadas.

A partir dessa análise e com base nos conhecimentos vindos de experiências com a turma pesquisada, verificamos que os recursos de modalização ainda são pouco utilizados, ou não são explorados pelo professor como fator de enriquecimento do texto de demonstração, e, quando ocorreram, muitas vezes, não contribuíram para a construção de sentido textual, pois não foram usados adequadamente no contexto, se observarmos de forma geral. Precisamos realizar um trabalho com tais recursos, mostrando aos alunos a relevância deles na construção de sentido do texto opinativo e levá-los a compreender que as marcas intencionais, ou não, ficam registradas no enunciado, portanto é preciso usá-las adequadamente. No capítulo seguinte, intitulado “Plano de Ação”, apresentamos a proposta de intervenção, o detalhamento das ações e, por fim, a intervenção com análise dos dados.

4 PLANO DE AÇÃO

4.1 Proposta de intervenção

Escola Estadual Dom Lúcio

TURMA: 9º ano - Responsabilidade

OBJETIVO GERAL: Proporcionar aos alunos a identificação dos elementos modalizadores linguístico-discursivos, a compreensão dos efeitos de sentido proporcionados por eles e a utilização desses mecanismos, de forma adequada, na construção de sentido em textos argumentativos, especificamente, do gênero Artigo de Opinião.

Ações - Realização de oficinas pedagógicas de leitura e escrita, conduzindo os alunos a identificar os modalizadores linguístico-discursivos, a compreender os efeitos de sentido produzidos por eles e utilizá-los, adequadamente, na construção de sentido de textos argumentativos.

Objetivos específicos

- Desenvolver práticas de leitura;
- Conduzir os alunos a reconhecer e compreender os efeitos de sentido dos modalizadores linguístico-discursivos no texto;
- Estimular o desenvolvimento da escrita argumentativa;
- Publicar, no jornal da escola, os textos produzidos pelos alunos pesquisados.

Habilidades com base no CBC

24.8. Interpretar, em frases apresentadas, o valor semântico e/ou argumentativo de sintagmas nominais, adjetivos e adverbiais.

24.9. Interpretar, em frases apresentadas, o valor semântico e/ou argumentativo de sintagmas adverbiais que funcionam como modalizadores do discurso.

12.0. Reconhecer e usar, produtiva e autonomamente, estratégias de textualização do discurso argumentativo, na compreensão e na produção de textos.

12.1. Reconhecer e usar as fases ou etapas da argumentação em um texto ou sequência argumentativa.

12.2. Reconhecer e usar estratégias de organização da argumentação em um texto ou sequência argumentativa.

12.7. Reconhecer e usar recursos linguísticos e gráficos de estruturação de enunciados argumentativos.

12.11. Usar, na produção de textos ou sequências argumentativas orais ou escritas, recursos de textualização adequados ao discurso, ao gênero, ao suporte, ao destinatário e ao objetivo da interação.

Recursos

- *Banner*;
- Cartazes;
- Computador;
- *Data show*;
- Fotocópias;
- Quadro e giz;
- Som;
- Vídeos.

4.2 Detalhamento das ações

Os alunos serão estimulados a interagir através da intervenção. Esta se realizará através de oficinas pedagógicas, com o intuito de desenvolvermos habilidades com os modalizadores linguístico-discursivos. Assim, proporcionar a eles práticas de leitura e escrita adequadas ao entendimento e à utilização de elementos de modalização com usos argumentativos em textos do gênero Artigo de Opinião. Nas oficinas, serão realizadas diversas estratégias de leitura, por meio de análises de textos, motivando-os a essa prática, tais como:

QUADRO 5
Detalhamento das ações.

Carga horária prevista: 30 h/a

Sujeitos envolvidos: Alunos do 9º ano de escolaridade

- a) Atividade a partir de texto oral com a realização de interpretações e inferências nos textos apresentados, identificação dos modalizadores utilizados e as marcas linguísticas deixadas pelo locutor;
- b) Atividades de registros, a partir de textos opinativos, identificando as manifestações do locutor. Debate com os alunos sobre a importância de manifestar a opinião, além do uso adequado dos recursos linguísticos modalizadores do discurso;
- c) Atividade com texto lacunado, possibilitando ao aluno perceber os efeitos de sentido provocado pelos modalizadores discursivos utilizados por eles ao preencher lacunas textuais;
- d) Júri simulado;
- e) Pausa protocolada;
- f) Produções textuais com temáticas voltadas para a realidade social dos nossos alunos, que dizem respeito à comunidade mais restrita deles;
- g) Refacção de textos, com o auxílio do bilhete orientador, discussões e revisões dos aspectos básicos referentes à sua construção;
- h) Apresentação dos textos produzidos;
- i) Publicação, no jornal da escola, dos textos produzidos.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.3 Intervenção e Análise de Dados

Esta etapa do nosso trabalho constitui-se como o Relato de um trabalho de intervenção pedagógica colocado em prática por nós, com o objetivo de ampliar as

habilidades de produção textual dos nossos alunos do Ensino Fundamental, no que se refere à utilização de elementos linguísticos necessários ao desenvolvimento do texto opinativo, a partir de artifícios eficazes e adequados ao âmbito da realidade escolar.

Com o intento de colocar em execução a proposta de intervenção, optamos por utilizar, de forma adaptada, a metodologia Sequência Didática, profícua para direcionar o trabalho com gêneros textuais.

De acordo com os PCNs, o aluno precisa ter vontade de aprender. No entanto, se o professor espera uma atitude de desejo, atitude investigativa e curiosa da parte do aluno, necessita estabelecer atividades que exijam essa postura, deixando de lado a passividade. Ademais, deve valorizar o processo e a qualidade, e não apenas a rapidez na realização dessas atividades, e esperar estratégias criativas e originais, e não a mesma resposta de todos.

Por esse viés, percebe-se a necessidade do trabalho com a Sequência Didática, porquanto essa metodologia direciona os discentes ao conteúdo proposto e favorece uma construção de sentido coerente no processo de aquisição do conhecimento.

Para o uso desse instrumento de ensino, tivemos respaldo em Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004), além de utilizarmos as concepções de Marcuschi (2008) que se baseia nesses autores, para quem

[u]ma “sequência didática” é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...]. Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 82-83)

Em termos simples, é uma sequência de atividades, pensada de modo articulado e sequencial, que permite o estudo e a análise das três dimensões de um gênero (discursiva, textual e linguística). Assim, diferentes enfoques serão trabalhados em distintas oficinas, visando à produção de textos de qualidade.

É importante ressaltar que o enfoque da Sequência Didática são os gêneros textuais, mas, independente do componente curricular que se ministra, pode e deve ser desenvolvido esse trabalho, visto que não há como desarticular qualquer conteúdo em que se trabalhe com o texto, leitura e escrita de sua relação com o gênero textual. As Sequências Didáticas servem para dar acesso aos alunos a práticas novas e dificilmente domináveis.

A estrutura de base de uma Sequência Didática pode ser representada pelo seguinte esquema:

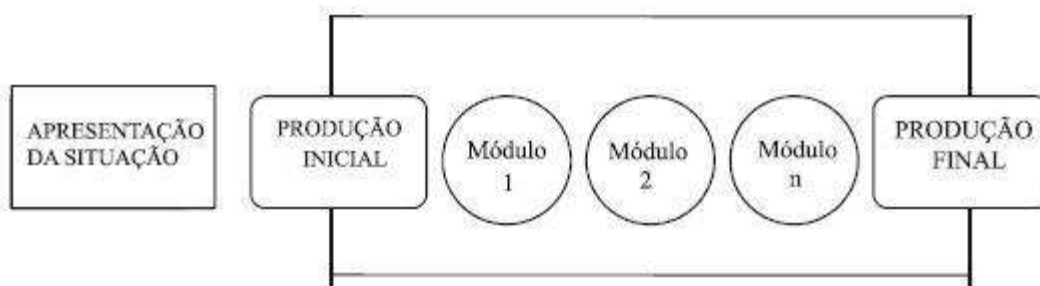


FIGURA 4 - Esquema da Sequência Didática

Fonte: (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83).

Com base no diagrama, verifica-se que, na sequência proposta por esses autores, a apresentação inicial refere-se à atividade de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar. Eles elaboram um primeiro texto inicial que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção que permite ao professor verificar as habilidades adquiridas, assim como as dificuldades da turma. Por conseguinte, os módulos constituídos por várias atividades possibilitam aos alunos atingir as competências, até então, não alcançadas, haja vista que os problemas inicialmente apresentados são trabalhados de maneira sistemática e mais aprofundada. No momento final, o aluno pode colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, analisar os progressos alcançados.

Na verdade, uma série de atividades sequenciais deve ser aplicada para atingir os resultados propostos. É necessário realizar inferências nos textos em estudo e conduzir os discentes a um aprendizado construído a partir da compreensão.

Vale destacar que o processo da sequência ocorre por meio de módulos. Dolz *et al* pontuam que:

A modularidade é um princípio geral das sequências didáticas. O procedimento deseja pôr em relevo os processos de observação e de descoberta. Ele distancia-se de uma abordagem “naturalista”, segundo a qual é suficiente “fazer” para provocar a emergência de uma nova capacidade. O procedimento evita uma abordagem “impressionista” de visitação. Ao contrário, este se inscreve numa perspectiva construtivista, interacionista e social que supõe a realização de atividades intencionais, estruturadas e intensivas que devem adaptar-se às necessidades particulares dos diferentes grupos de aprendizes. (DOLZ *et al*, 2004, p. 93).

Ao esclarecer sobre os módulos, os autores reforçam a ideia de que esse processo deve acontecer de forma interacionista entre aluno/conhecimento/ professor, com uma dinâmica articulada à intensificação das atividades. É primordial ressaltar, ainda, que o

professor deve ser o mediador em todo o processo, estabelecendo pontes entre o aluno e o conhecimento.

Constata-se que a essência desse procedimento de ensino é a divisão e execução. Dessa forma, as etapas da intervenção podem ser assim esquematizadas:

I - Instigando a argumentatividade.

II - Analisando o posicionamento do autor.

III - Características e particularidades do gênero Artigo de Opinião.

IV - Elementos que revelam a intenção do locutor.

V - Desenvolvendo a oralidade: argumentos e contra-argumentos.

VI - Enfatizando a temática.

VII - Produção coletiva.

VII - Produção individual.

A intervenção pedagógica ocorreu em uma turma do 9º ano, tendo início no dia 25/10/17, com o planejamento previsto para 30 h/a. A turma de 9º ano apresenta a carga horária de 5 aulas semanais de Língua Portuguesa. Mas, no decorrer da intervenção, ocorreram algumas flexibilizações dessa carga horária. Houve semanas em que foi possível estender para mais aulas, de acordo a programação da escola e/ou maleabilidade dos professores, sendo possível, assim, agilizar as atividades sem interromper as aulas que tínhamos em outras turmas, pois essas negociações nos horários ocorreram em momentos em que não havia aula em outra turma, comumente conhecidos como horários de “gaveta”.

É válido esclarecermos que, na época em que o diagnóstico foi aplicado, a turma cursava o final do 8º ano e era composta de 35 alunos. No período da intervenção, já no 9º ano, eram 34 os matriculados, pois um aluno, no início do ano letivo, foi remanejado para outra turma.

Uma característica dessa turma, que se destacava na escola, era a assiduidade. No início do segundo semestre, recebemos um aluno que veio transferido de outro Estado. Ficamos novamente com 35 alunos. Mas no início do 4º bimestre, final do ano letivo, uma aluna foi transferida, pois se mudou da cidade. Assim que se iniciou a intervenção, uma aluna entrou em licença-maternidade. E o aluno que, no início do segundo semestre, foi matriculado nessa turma, era extremamente faltoso, quase não aparecia às aulas. A escola, ao ser informada pelos professores, realizou as medidas necessárias comuns quando esse caso ocorre, mas ele só retornou ao final do ano letivo, no período dos Estudos Periódicos de Recuperação. Teve o direito de realizar as avaliações, mas não conseguiu ser aprovado. Destacamos que as notas do início do ano letivo, apresentadas no histórico da escola de

origem, também eram insuficientes. Portanto, seguimos a intervenção com um total de 34 alunos matriculados, porém 32 assíduos.

A temática que norteou as oficinas foi “Intolerância”, considerando-se a necessidade de discutir esse problema tão atual e agravante na sociedade em geral, tendo por objetivo a conscientização e, juntos, a apresentação de propostas para intervir nesse problema social que causa tantos transtornos. Optamos, portanto, por alterar o tema em relação à produção inicial, realizada no diagnóstico, o qual era “Malefícios e benefícios da internet”, e passamos a tratar de “Intolerância”. Essa mudança ocorreu em razão da necessidade que observamos de abordar essa temática, no decorrer do ano letivo. Assim, desenvolvemos nossa intervenção tangenciando a estratégia pedagógica da Sequência Didática. Dessa maneira, efetivar o estudo através dessa metodologia é direcionar os alunos ao conteúdo proposto e favorecer uma construção efetiva e coerente no processo de aquisição do conhecimento.

Módulo 01- Instigando a argumentatividade

Ao iniciar o primeiro módulo, dia 25/10/17, os alunos foram orientados sobre a intervenção a ser aplicada. Incentivamos a participação de todos, explicando a importância da escrita, especificamente quanto à argumentação, não deixando de enfatizar também a oralidade. Ressaltamos a importância do saber articular a argumentação para conseguirmos atingir o propósito comunicativo e ainda convencer os interlocutores da importância da proposta presente na nossa argumentação.

Apresentamos aos alunos um *banner* sobre o tema a ser explorado, afixando-o na sala com o fim de servir de identificação no período da intervenção. Na oportunidade, ofertamos aos alunos lápis personalizados, com o título da oficina a ser desenvolvida (FIG. 5). (Optamos por identificar os lápis para evitar perdas, por ser este um dos problemas que causam transtornos nas aulas). Os alunos ficaram muito satisfeitos, podendo-se perceber que essa pequena lembrança despertou neles empenho e entusiasmo.



FIGURA 5 - Lápis personalizados
Fonte: Arquivo pessoal.

De início, foram expostas aos alunos três imagens para servirem de motivadoras e que instigassem e explorassem a argumentação oral de toda a turma. Em seguida, solicitamos que eles analisassem as imagens apresentadas no quadro negro e realizassem, em conjunto, a interpretação. As reflexões foram efetuadas e, a partir daí, a temática começou a ser desenvolvida. Exibimos ainda, em *slide*, dois pequenos trechos que retratavam o mesmo tema: um, o relato de um atleta e, o outro, uma notícia.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE

Profletr@s
mestrado profissional

Texto 1:



Disponível em: <<http://www.juniao.com.br/chargecartum/>>. Acesso em: jul. 2017.

Texto 2:



Disponível em: <<http://www.juniao.com.br/nao-nao-somos-racistas/>>. Acesso em: jul. 2017.

Texto 3-



Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=charge+intoler%C3%A>>. Acesso em: 12 de out. de 2016.

Texto 4:

Segue o relato do atleta olímpico de taekwondo **Diogo Silva**, medalha de ouro do Pan de 2007, que foi publicado em sua página do Facebook na quinta-feira, dia 29 de julho de 2015:

“Hoje, às 9 horas da manhã, indo para o treino, cheguei à região de Santo Amaro, zona sul de São Paulo. Estava no meu carro e passaram dois policiais, cada um em uma moto. Um deles passou direto. O outro ficou me medindo, olhando pra dentro do carro, e então me parou e perguntou: “Você já foi preso?” Olhei para o sujeito já sabendo o que aquela pergunta significava e respondi ironicamente: “Eu sou atleta olímpico, nunca fui preso.” Ele, não contente, perguntou: “Esse carro é seu, está no seu nome?” Respondi: “É meu e está no meu nome.” O policial ainda ficou me medindo e depois foi embora. Eles dizem que é abordagem de rotina. Nós sabemos que a cor é o que me faz suspeito.”

Chega, né?

Do cotidiano. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2016/06/02/do-cotidiano/>. Acesso em: 19 de jul. de 2017.

Texto 5:**Em São Januário, Flamengo bate Vasco em clássico com briga nas arquibancadas**

[...]



CONFUSÃO – Depois do apito final de Anderson Daronco, torcedores vascaínos passaram a jogar muitos objetos no gramado e alguns ameaçaram invadir o campo. Os jogadores do Flamengo e a arbitragem, preocupados, permaneceram no centro do campo, protegidos pelo policiamento que atuava dentro do estádio. “Isso aí é perigoso. Aí no meio tem criança. É triste demais”, lamentou Éverton, em entrevista ao Premiere, ainda no gramado. A PM atirou bombas de efeito moral em direção às arquibancadas para dispersar os mais agressivos.

Durante o intervalo, os vascaínos que estavam próximos às cordas que dividiam as torcidas já haviam provocado a ação da PM, que lançou spray de pimenta para conter os mais agressivos. Além disso, um torcedor do Vasco que tentou invadir o campo, depois do gol do Flamengo, pulando a proteção acrílica que separa o gramado ficou ferido e teve que ser atendido pela maca.

Estadão conteúdo. Disponível em: <http://istoe.com.br/em-sao-januário-flamengo-bate-vasco-em-classico-com-briga-nas-arquibancadas/>. Acesso em: 19 de jul. de 2017.

Atividade - Oral

1- Analise as imagens acima e responda:

- a) O que há de semelhante nesses cinco textos?
- b) É uma realidade distante da nossa? Comente:
- c) Você já presenciou situações desse tipo?
- d) O que levam as pessoas a agirem dessa maneira?
- e) O que isso pode gerar?
- f) O que deve ser feito para amenizar esse problema?
- g) Situações como essas podem ser denominadas como tipos de intolerância. Reflita e descreva quais outros tipos de intolerância existem?



FIGURA 6 - Aula inicial
Fonte: Arquivo pessoal.

Houve boa participação na discussão oral. Os alunos conseguiram, de forma geral, identificar, analisar e discutir as situações apresentadas. A maioria demorou a processar, apenas, a terceira imagem, a apreender sua compreensão e inferir seu sentido. Foi surpreendente o seguinte fato, o termo “Intolerância” citado, especificamente, na questão “G”, não foi familiar a eles, muitos, mesmo com a discussão e conhecendo esse problema social abordado, não assimilaram o significado. Para eles, era um termo novo. Na verdade, observamos que os alunos possuíam um pequeno conhecimento, pois souberam participar dos debates gerados em função dos textos propostos, conquanto ainda não houvessem efetuado, de fato, reflexões acerca desses problemas atuais: violência, desrespeito, indiferença, preconceito, não aceitação do outro, falta de tolerância. A partir dos exemplos abordados, inicialmente, e de outros para ampliar a discussão e efetivar a compreensão, os alunos alcançaram um entendimento maior do que se relaciona ao termo “Intolerância”.

Reforçamos, ainda, que a temática adotada justifica-se pelo papel que a escola possui de formar cidadãos críticos, conscientes dos deveres e direitos perante a sociedade. E

por meio desse tema, vários outros assuntos poderiam ser abordados, conforme as discussões eram norteadas. É pertinente lembrar que, ao final do Ensino Fundamental II, os alunos precisam ter consolidadas as competências relacionadas à habilidade de expor, argumentar e opinar.

Os cinco textos exibidos aos alunos retratam situações de intolerância. Os três primeiros textos, do gênero charge, apresentam, por meio do discurso dos personagens, situações claras de intolerância, geradas por preconceito. Nos dois trechos seguintes, não é diferente, pois, no depoimento, o atleta relata uma questão de racismo sofrida, e a notícia aponta uma situação de violência gerada, provavelmente, pela não aceitação da opinião do outro, em relação à escolha do time de futebol, ou pelo resultado do jogo.

Após as discussões orais, solicitamos aos alunos que consolidassem o assunto debatido, produzindo um pequeno trecho, expressando a opinião.

Atividade de registro

1-A partir dessa discussão, produza um trecho no qual você apresente a sua opinião sobre o tema debatido.

Alguns alunos, no momento de efetuar o registro escrito, apresentaram dificuldades, mesmo tendo participado das discussões orais. Perguntaram várias vezes como era para fazer, falar de quê. Na verdade, isso revela como o processo da escrita é penoso e necessita de ser enfatizado constantemente.

A seguir, apresentamos alguns trechos produzidos pelos alunos:

Texto aluno A6

A não tolerância é um assunto de grande repercussão no mundo atualmente, em que para nós já é normal ver pessoas de diferentes raças, classe social, religião, gênero sexual sofrem com o preconceito de pessoas ignorantes que se acham superiores. Esse tipo de preconceito pode gerar vários problemas como suicídio, morte, depressão como consequência o auto-mutilação em casos extremos.

Versão digitada

Texto aluno A6

A não tolerância é um assunto de grande repercussão no mundo atualmente, em que para nós já é normal ver pessoas de diferentes raças, classe social, religião, gênero sexual sofrem com o preconceito de pessoas ignorantes que se acham superiores. Esse tipo de preconceito pode gerar vários problemas como suicídio, morte, depressão como consequência o auto-mutilação em casos extremos.

Texto aluno A21

A Intolerância, tema debatido em sala de aula, nos dias de hoje, deveria ser mais discutido para conscientizar os brasileiros, pois ocorre muita intolerância das pessoas com as diferenças de proximidade por cor, etnia, cultura, religião, gênero (masculino/feminino), e classe social.

Versão digitada

Texto aluno A21

A intolerância, tema debatido em sala de aula, nos dias de hoje, deveria ser mais discutido para conscientizar os humanos, pois ocorre muita intolerância das pessoas com as diferenças do próximo por cor, etnia, cultura, religião, gênero (masculino, feminino), e classe social.

Texto aluno A30

Intolerância

Como vemos, há pessoas intolerantes em todas as partes. O racismo, preconceito e intolerância andam juntas, onde há racismo, gera preconceito que são praticados de pessoas intolerantes que não respeitam a escolha de gênero, cor e religião. Se as pessoas que praticam esses tipos de intolerância parecem com isso o mundo seria um lugar melhor.

Versão digitada

Texto aluno A30

Como vemos há pessoas intolerantes em todas as partes. O racismo, preconceito e intolerância andam juntas, onde há racismo, gera preconceito que são praticados de pessoas intolerantes que não respeitam a escolha de gênero, cor e religião

Se as pessoas que praticam esses tipos de intolerância parecem com isso o mundo seria um lugar melhor.

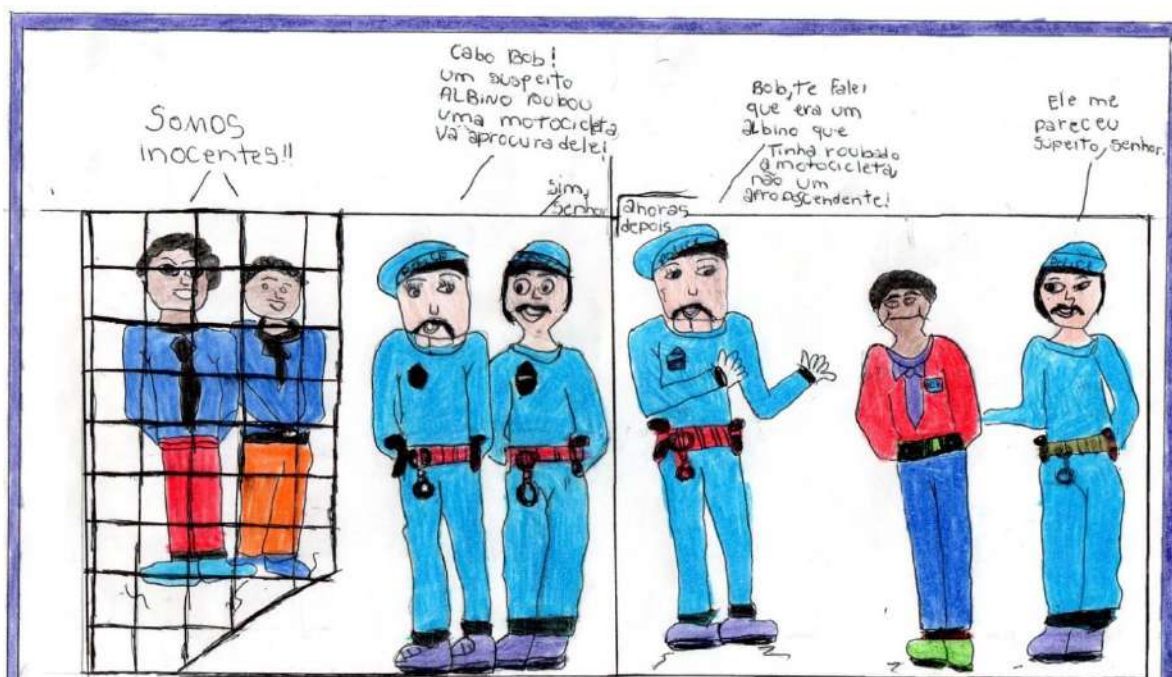
Observa-se que, nessas três amostras, os alunos abordam a temática proposta de forma tímida. Ocorreram problemas tanto na estrutura textual quanto na construção de sentido. Mas no decorrer da oficina, conforme os módulos foram ocorrendo, trabalhamos para amenizar essas inadequações, contribuindo para o crescimento do conhecimento do aluno em relação a essas questões, o que os tornou mais seguros ao expor a opinião.

Quase ao final do horário, convidamos os alunos a se sentarem em dupla e propusemos a próxima atividade. Requisitamos que produzissem uma charge (gênero textual muito trabalhado em sala) em forma de reflexão e exemplificação de situações do tema abrangido. Essa atividade, que explora a imagem, eles gostam muito de desenvolver. Permitimos que os discentes escolhessem a dupla que formariam, até pelo motivo de que nem todos possuem habilidades para o desenho. Assim, ao escolherem, sabiam quem seria melhor, de acordo a aptidão de cada um. Foi algo bem espontâneo; acabaram formando até grupos e beneficiando-se de alguns colegas que apresentam o dom de desenhar. Mostravam a ideia aos colegas “artistas” da sala, estes faziam o esboço e, após realizado o desenho, a dupla original acrescentava o texto verbal e concluía com os retoques finais na imagem. Nem todos conseguiram concluir as atividades. Então, sugerimos a eles que, como faltavam poucos retoques, terminassem em casa.

Na aula seguinte, os alunos trouxeram a atividade da produção da charge pronta. Pedimos que eles mostrassem aos demais colegas os textos produzidos e explicassem o seu sentido. As duplas exibiram os trabalhos, obtendo grande apreciação e análise.

Logo abaixo, em alguns exemplos das produções, observamos que a questão do racismo foi o que mais se salientou. A grande maioria produziu a charge com situações preconceituosas no que diz respeito à cor, e o negro era o foco do assunto. Percebemos, pelas falas, que essas situações são sentidas ou presenciadas por eles, tanto no convívio social quanto nos noticiários.

Texto A dos alunos A8 e A33



Texto B dos alunos A1 e A18



Texto C dos alunos A22 e A15



É importante fazermos aqui breves comentários a respeito dessas charges produzidas pelos alunos. Na charge A, achamos interessante a representação feita pela dupla que, trabalhando a questão racial, demonstrou, na situação narrada, o estereótipo que o negro carrega, pois, em caso de “suspeita”, ele sempre é o primeiro alvo. Na charge B, também muito bem articulada, representa a aversão de uma pessoa à escolha afetiva de um casal, partindo para a violência por não aceitar, e mostra o leitor do jornal insatisfeito com a situação veiculada na notícia. Os autores desse texto pretenderam ressaltar a intolerância por questões de homoafetividade, casos muito recorrentes. E, por fim, na charge C, os alunos realizaram, basicamente, uma releitura de uma das charges expostas na primeira atividade deste módulo. O texto do aluno faz alusão ao fato de que muitas pessoas ficam intolerantes por coisas banais, agem como se fossem “bonito” discordar da opinião do outro.

A partir do segundo horário dessa aula, iniciamos o módulo 2, quando passamos a analisar o posicionamento do autor nos textos, dando sequência ao tema abordado.

Módulo 02 - Análise do posicionamento do autor



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS



TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE**Medo e preconceito****Lya Luft**

O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo. Precisávamos atacar antes que ele nos destruísse. Assim, se de um lado aniquilava, de outro esse medo nos protegia - a perpetuação da espécie era o impulso primeiro.

Hoje, quando de trogloditas passamos a ditos civilizados, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para nossa sobrevivência natural; para expressar nossa inferioridade assustada, vestida de arrogância. Que mata sob muitas formas, em guerras frequentes, por questões de raça, crença e outras, e na agressão a pessoas vitimadas pela calúnia, injustiça, isolamento e desonra. Às vezes, por um gesto fatal.

Que medo é esse que nos mostra tão destrutivos? Talvez a ideia de que "ele é diferente, pode me ameaçar", estimulada pela "inata maldade do nosso lado de sombra (ele existe, sim).

Nossa agressividade de animais predadores se oculta sob uma camada de civilização, mas está à espreita - e explode num insulto, na perseguição a um adversário que enxovalhamos porque não podemos vencê-lo com honra, ou numa bala nada perdida. Nessa guerra ou guerrilha usamos muitas armas: uma delas, poderosa e sutil, é a palavra.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram: houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro". Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude...e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

De momento está em evidência a agressão racial em campos esportivos: "negro", "macaco" e outros termos, usados como chibata para massacrar alguém, revelam nosso lado pior, que em outras circunstâncias gostaríamos de disfarçar - a grosseria, e a nossa própria inferioridade. Nesses casos, como em agressões devidas à orientação sexual, a atitude é crime, e precisamos da lei.

No país da impunidade, necessitamos de punição imediata, severa e radical. Me perdoem os seguidores da ideia de que até na escola devemos eliminar punições, a teoria do "sem limites". Não vale a desculpa habitual de "não foi com má intenção, foi no calor da hora, não deem importância". Temos de nos importar, sim, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país. Algumas doenças precisam de remédios fortes: preconceito é uma delas.

"Isso não tem jeito mesmo", me dizem também. Acho que tem. É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

Num país que sofre de tamanhas carências em coisas essenciais, não devíamos ter energia e tempo para perseguir o outro, causando-lhe sofrimento e vexame, por suas ideias, pela cor de sua pele, formato dos olhos, deuses que venera ou pessoa que ama.

Nossa energia precisa se dedicar a mudanças importantes que o povo reclama. Nestes tempos de perseguição, calúnia, impunidade e desculpas tolas, só o rigor da lei pode nos impedir de recair rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso.

Lya Luft. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-medo-e-preconceito/>>. Acesso em: 7 maio 2015.



ATENÇÃO, ALUNO!

Caso não compreenda o sentido de alguma expressão no texto, discuta com os colegas ou com o professor para obter a compreensão. Lembre-se de que é necessário analisar o contexto para obter o efetivo significado da palavra.

1. Responda às questões com base no artigo “Medo e preconceito”, de Lya Luft.

a) Como a autora justifica a importância de tratar o tema do preconceito?

c) Explique por que, com base na autora, é possível afirmar que o preconceito é uma postura primitiva.

2. O título insinua que há uma relação entre o sentimento de medo e o preconceito. Quais relações Lya Luft pontua entre esses elementos?

3. O último parágrafo apresenta uma conclusão sobre o tema. Sintetize a principal sugestão da autora para resolver o problema do preconceito.

4. A autora, ainda nesse parágrafo, chama a atenção do leitor para o risco de recairmos em atos que lembrem o que ela chama de "velha selvageria". Considerando as ideias apresentadas no primeiro parágrafo, explique o sentido dessa expressão.

 Fique atento!

Em um artigo de opinião, o primeiro parágrafo contextualiza o tema que será tratado no texto e antecipa a posição do autor sobre esse tema. Já o parágrafo de conclusão retoma as ideias apresentadas anteriormente e/ou aponta soluções para os problemas levantados no texto.

5. Releia os parágrafos a seguir.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram: houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro". Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude... e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

Segundo a autora, as palavras podem ser uma das armas utilizadas nos enfrentamentos gerados pelo preconceito. Ela afirma que as palavras podem ser, ao mesmo tempo, "carícias ou punhais".

a) Explique o significado dessa afirmação.

b) Como a autora comprova que as palavras podem ser carícias?

c) Como ela comprova que as palavras podem ser punhais?

⇒ Para convencer o leitor ou o ouvinte de uma dada opinião, é necessário apresentar motivos que sejam capazes de justificá-la. Os motivos usados em um texto com a intenção de convencer recebem o nome de argumentos.

Um dos tipos de argumentos que podem ser usados são os exemplos, que oferecem aos leitores fatos concretos para comprovar a opinião defendida.

6. Releia o parágrafo a seguir.

[...] É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

a) Identifique no parágrafo dois enunciados que sintetizam os argumentos apresentados para defender o ponto de vista da autora.

b) Qual a função de citar o exemplo de sua família nesse trecho do texto?

c) Nesse mesmo parágrafo, a autora apresenta outra justificativa que pode ser utilizada para confirmar seu ponto de vista. Que justificativa é essa?

⇒ Em um artigo de opinião e em textos argumentativos, em geral, o autor precisa refutar os argumentos contrários aos seus para que sua opinião prevaleça. O argumento usado para combater outro é chamado de **contra-argumento**. Para elaborar contra-argumentos, é necessário saber quais ideias contrárias às que defenderá são mais correntes entre seus leitores.

Nessa 1ª atividade de interpretação do 2º módulo, optamos por selecionar textos da autora Lya Luft, colunista da revista *Veja*. Em relação aos artigos assinados por essa escritora, são abordados diferentes eventos motivados por acontecimentos diversos do momento histórico atual, por meio do discurso social, histórico e cultural do cotidiano do

país, tanto da esfera pessoal quanto da esfera pública. Os seus textos (especificamente os do gênero Artigo de Opinião) apresentam elementos linguístico-textuais que materializam o discurso, demarcando sua autoria e o tipo textual de que se compõem. Em seu discurso, há forte presença de marcadores avaliativos, questionamentos retóricos, índices de modalização, recurso das aspas, estratégias de engajamento do leitor no discurso, marcas de autoria explícitas e movimentos de autorreferencialidade. Além desses recursos enunciativos importantes para o foco desta pesquisa, essa autora apresenta, em seus textos, uma linguagem acessível ao público-alvo da nossa intervenção.

Realizamos, primeiramente, uma leitura silenciosa do texto “Medo e preconceito” e, logo em seguida, iniciamos uma leitura compartilhada e pausada. À medida que líamos e conforme a necessidade, interferíamos interrogando a turma, ajudando a realizarem as reflexões em torno do texto. No primeiro parágrafo, por exemplo, indagamos aos alunos o que seria algo “espinhoso”, tendo em vista que a autora abre o texto caracterizando o tema dessa maneira. Daí por diante, seguimos realizando as inferências, mediando as interpretações. Mostramos, a todo instante, as marcas linguístico-discursivas presentes no texto, as quais orientam para a intenção da autora perante o assunto discutido, ou seja, que demarcam a posição do locutor diante dos enunciados que produz. É imprescindível frisar que não utilizamos categorias, nomenclaturas dos temas modais com os alunos; optamos por realçar o efeito de sentido que esses elementos linguístico-discursivos apresentam.

Nesse artigo em estudo, há estratégias de engajamento, artifícios que incluem o leitor no texto. Esses elementos são pontuados por meio de verbalizações, pronominalizações. Isso causa uma aproximação mais efetiva do leitor com o assunto abordado, incentiva-o a refletir, como podemos perceber nos seguintes trechos: “Hoje, quando de trogloditas **passamos** a ditos civilizados [...]”; “**Temos** de nos importar, sim, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país.”; “**Nossa** energia precisa se dedicar a mudanças importantes que o povo reclama.” A presença desse recurso é expressivo no texto, proporcionando uma inter-relação entre autor e leitor.

A autora utiliza-se da autoria explícita, que se revela, também, por marcas verbais e pronominais que estabelecem a responsabilidade enunciativa do autor na construção de seu texto, valida o discurso, como se nota na passagem: “**Me** perdoem os seguidores da ideia de que até na escola devemos eliminar punições [...]”. Outro elemento comumente utilizado por Lya Luft é o uso das aspas. Recursos de pontuação são objetos que proporcionam efeitos de sentido variados no texto, contribuindo para demarcar a intenção do autor. As aspas são utilizadas tanto para usar um outro discurso no texto como para manter distância em relação

àquilo que se diz; também para sinalizar um tom irônico do enunciado. Vejamos esse recurso: “**‘Isso não tem mais jeito’**, me dizem também.”; “[...] a teoria dos **‘sem limites’**.”

O texto, do início ao fim, é provido de marcas avaliativas, constituídas por adjetivações, utilização de advérbios e outros recursos utilizados para demonstrar a avaliação do autor frente ao tema discutido. Analisemos alguns exemplos através de fragmentos do texto: “Num país que sofre de **tamanhas** carências em coisas essenciais [...]”; “O tema é **espinhoso**.”; “[...] um **odioso** preconceito.”; “[...] só o rigor da lei pode nos impedir de recair **rapidamente** na velha selvageria.”; “**Simplemente** entenderam que as diferenças podem enriquecer.” Essas expressões contribuem para ressaltar o propósito comunicativo do autor, além de enriquecer a argumentação.

Outro elemento marcante é o questionamento retórico, perguntas por meio das quais a autora questiona o interlocutor, respondendo-o por meio de seus argumentos. A própria pergunta é uma forma de argumento, pois proporciona que o leitor faça uma reflexão pautada no tema retratado. Os questionamentos tornam-se assim, estratégias de argumentação, procurando convencer o interlocutor acerca dos fatos que discute. A seguir, trechos que retratam esse elemento: “**Que medo é esse que nos mostra tão destrutivos?**”; “**Por que somos especiais?**”. As perguntas buscam antecipar a reação do interlocutor frente aos argumentos apresentados pelo autor.

O texto discutido é rico em recursos que favorecem a adesão do leitor, pois é reflexivo, apresentam-se argumentos, e a forma como são dispostos no texto realça o posicionamento da autora e suas intenções, os quais estão materializados nos elementos linguístico-textuais que modalizam o discurso. Os elementos utilizados no texto são diversificados e produzem também vários sentidos. Exemplos são os auxiliares modais, verbos de atitude proposicional, operadores argumentativos, predicativos cristalizados. Verificamos essas ocorrências nos trechos abaixo: “**Às vezes**, por um gesto fatal.”; “**Acho** que tem.”; “Mudar é **preciso**.”; “**É possível** conviver de forma honrada com o diferente [...]”; “Lembremos que termos usados para agredir também **podem ser** expressões de afeto.”; “Nossa energia **precisa** se devotar a mudanças importantes que o povo reclama”; “**Talvez** a ideia de que “ele é diferente, **pode** me ameaçar”. Esses exemplos, além de outros casos, podem sinalizar ideia de possibilidade, probabilidade, capacidade, sugestão, conclusão, proibição, dever, conselho, necessidade, dúvida, certeza, ordem, pedido, todos esses sentidos representam propósitos que direcionam o texto.

Salientamos que essa análise foi realizada de forma interativa com os alunos, apontando-lhes os exemplos, debatendo o que determinada expressão e/ou período conferia ao

texto. No decorrer da interpretação, íamos pedindo para que os alunos destacassem, no texto, as palavras, expressões, elementos que contribuíam para demonstrar o posicionamento da autora. Após as discussões, em que exploramos o texto o máximo possível, passamos para a atividade de registro. Esse exercício tornou-se mais compreensível por causa da forma como conduzimos a leitura do texto e a análise oral, pois houve grande interação entre aluno-texto-professor. Pedimos que, nessa atividade, os alunos se sentassem em dupla. Preferimos nós mesmos escolher e formar as duplas, para ganhar tempo, pois a discussão do texto ultrapassou o tempo que esperávamos. Assim, evitando a troca de lugares, gastaríamos menos tempo e possibilitaríamos a interação dos colegas com quem não costumavam realizar trabalhos.

A atividade de registro explorou bastante a interpretação do texto, desde o título, permitindo uma relação entre “medo e preconceito”, passando pela afirmação que a autora realiza em torno desses termos, “uma postura primitiva”. O exercício permitiu analisar as expressões “carregadas” de intenções, possibilitou também identificar os argumentos apresentados nos textos, bem como as justificativas feitas pela autora. A atividade permitiu, ainda, que os alunos sintetizassem a conclusão da autora. E ainda, mesmo que superficialmente, nessa primeira atividade, foram trabalhados os elementos da composição textual do gênero.

No dia seguinte, utilizamos esta aula para os alunos concluírem a atividade anterior, oportunidade em que foram discutidos aspectos que geraram algumas dúvidas. No entanto, por ter sido realizada de forma interativa, foram poucas as pendências geradas (APÊNDICE A).

Em todas as aulas, pedíamos aos alunos que, em casa, realizassem leituras, pesquisas sobre a temática abordada nas oficinas e que ficassem atentos aos noticiários. Dessa forma, estariam atualizados com as informações, uma vez que, infelizmente, é um assunto constante na mídia, embora pouco se vejam discussões, medidas a serem tomadas; somente são vistos fatos de intolerância cada vez mais crescentes no país e no mundo.

Na aula seguinte, demos continuidade à intervenção, no módulo 2: “Análise do posicionamento do autor”. Selecionamos o texto “Brutalidade não pode ser reação à cantada”, do médico e escritor Jairo Bouer. O texto adequava-se ao nosso contexto temático e iria servir de exemplificação a um dos tipos de intolerância. Optamos, mais uma vez, pela realização em dupla, pois essa atividade, assim como as outras desenvolvidas, iria ter um resultado melhor se houvesse uma discussão com o colega. A dúvida de um poderia ser sanada com a interação com o outro. Igualmente ao texto de Lya Luft, este se destaca por apresentar uma “bagagem” de elementos que realçam o ponto de vista do autor, foco do nosso estudo.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



⇒ ATENÇÃO!

Os alunos deverão ler o texto a seguir, juntamente com um(a) colega. Após a leitura, deverão, sob a orientação da professora, explicitar qual a função desempenhada pelos trechos destacados, isto é, esclarecer qual é o posicionamento do locutor sobre o conteúdo tratado.

Brutalidade não pode ser reação à cantada

Jairo Bouer

INFELIZMENTE, em menos de um mês tenho que voltar ao tema da violência **gratuita**, face aos incidentes que aconteceram **em plena** avenida Paulista, quando um grupo de quatro menores e um garoto de 19, todos de classe média e **teoricamente** "educados", agrediram outros jovens.

A coluna está sendo escrita um dia após os agressores terem sido liberados pelas autoridades responsáveis. Há indícios (**segundo a própria polícia**) de que a motivação para alguns dos ataques no dia 14 tenha sido a homofobia.

A defesa alega que não houve homofobia, mas uma **simples** briga de jovens, **talvez** motivada por um **suposto** flerte de um dos garotos que foi agredido. Os agredidos e outras testemunhas **negam que houve qualquer tipo de contato anterior e dizem que os agressores já chegaram batendo**.

Vamos supor que houve uma briga que nasceu de uma cantada. Desde quando a forma de se reagir a qualquer tipo de cantada, vindo ela de homens ou de mulheres, é uma agressão **brutal**? Cinco garotos atacando um jovem sozinho é uma **simples** briga? **Na melhor** das hipóteses, é **pura** covardia. **Na pior**, é um ato **preconceituoso e bárbaro**.

Não dá para admitir tal comportamento como sendo natural, um rito de passagem, agressividade normal de meninos, necessidade de afirmação frente ao grupo e falta de limites colocados pelos pais, entre outras alegações. É uma selvageria **inadmissível** e, para isso, existe lei, julgamento e **eventuais** responsabilizações.

Tendo a achar que a melhor maneira de aprender é trabalhar aquilo que é sensível. Assim, que tal colocar alguém que não sabe lidar com sua própria agressividade em um trabalho comunitário com vítimas de violência contra a mulher, de preconceito e de homofobia? **Talvez, no contato com aquilo que incomoda, a gente cresça e aprenda a ser um adulto melhor.** (Grifo nosso)

Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2211201012.htm>>. Acesso em 18 de jul. de 2017.



FIGURA 7 - Alunos desenvolvendo a atividade em dupla
Fonte: Arquivo pessoal.

O registro da atividade foi em dupla, porém a leitura do texto e interpretação foram em conjunto. Para isso, fomos direcionando os alunos à compreensão das palavras destacadas. Portanto, o professor foi mediando a atividade, havendo grande participação oral, e cada dupla sintetizava a compreensão, registrando a resposta. Apesar de não estarem no enunciado da atividade, discutimos acerca das interrogações presentes no texto, o uso dos parênteses, das aspas, elementos já discutidos no texto anterior, aproveitando para dar realce, recapitulando esses aspectos. As realizações das atividades, no decorrer da oficina, exemplifica como é necessário o aluno assumir um papel ativo, de agente, utilizando-se dos objetos e de suas significações para conhecer, aprender e desenvolver. Notamos explicitamente como a interação contribui para resultados positivos no desenvolvimento da aprendizagem. Na atividade anterior, os alunos destacaram os elementos que demarcam o posicionamento do autor e explicaram oralmente o sentido. Nesta última, os termos já

apareceram destacados, fizemos a discussão oral e os alunos consolidaram a ideia compreendida através do registro (APÊNDICE B).

A próxima aula teve um intervalo maior para ocorrer, por causa do feriado que houve e do recesso escolar. Na retomada das aulas, a atividade elaborada e desenvolvida foi a partir do texto da psicóloga e consultora em educação Rosely Sayão, ex-colunista da *Folha de São Paulo*. Ela, em seus textos, aborda sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia a dia dessa relação. O assunto abordado no texto interage com a temática da oficina, pois a escritora dialoga sobre valores, relações humanas. Um texto que proporciona oportunidade para reflexão.

A atividade se restringia a completar o texto, uma vez que estava lacunado. Foram eliminados do texto os elementos que revelavam o ponto de vista do autor, elementos que colaboravam para a articulação e tessitura do texto, todos com a mesma finalidade: demarcar as intenções do autor diante do assunto dissertado. Elaboramos uma tabela separadamente e inserimos nela esses elementos que foram retirados do texto, deixando apenas o espaço para os alunos completarem. Segue a atividade:



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Texto lacunado

No lugar do outro (Rosely Sayão)

Crianças e adolescentes têm aprendido com a _____ dificuldade em conviver com as diferenças

_____ vivendo uma crise intensa: a das relações humanas. Todos os dias _____ ou _____, tanto na vida presencial quanto na virtual, comportamentos e atitudes que vão do ódio _____ ao desdém em relação ao outro. As relações humanas, _____, exigem, no entanto, delicadeza, atenção e compromisso social. _____ manter a saúde mental e a qualidade de vida no contexto atual.

Crianças e adolescentes ____ dão sinais _____ de que _____ com _____ dificuldade em conviver com as diferenças e de respeitá-las; de tentar colocar-se no lugar do outro para compreender suas posições e atitudes; de ter compaixão; de conflitar em vez de confrontar; de agir com doçura, por exemplo. Conseguir fazer isso é ter empatia com o outro.

Pais e professores _____ de comportamentos provocativos, desrespeitosos, desafiadores e desobedientes dos mais novos. _____, se _____ dedicar por alguns momentos à auto-observação, _____ essas características _____ em nós, adultos.

_____ são os mais novos que levam a pior nessa história: crianças e adolescentes que desobedecem, desafiam e têm comportamentos considerados agressivos, como os nossos, _____ diagnósticos e orientação para tratamento. _____ famílias com filhos diagnosticados com "Transtorno Desafiador Opositivo", porque têm comportamentos típicos da idade.

Há uma grande preocupação global com a _____ falta de empatia. Um sinal disso foi a inauguração, em Londres, do primeiro Museu da Empatia.

Nele, os visitantes são convocados a experimentar/enxergar o mundo pelo olhar de um outro – não próximo ou conhecido, _____ um outro com quem eles não têm _____ relação. A expressão que deu sentido ao museu é a expressão inglesa "in your shoes" (em seus sapatos), que em língua portuguesa significa "em seu lugar".

Os visitantes se deparam, na entrada, com uma caixa com diferentes pares de sapatos usados. Escolhem um de seu número para calçar e recebem um áudio que conta uma parte da história da pessoa que foi dona daquele par.

Desenvolver a empatia é uma condição _____ para ensiná-la aos mais novos. _____, eles _____ mais _____ do que nós. Um pai me contou, _____, que conversava com um amigo a respeito da situação de muitos refugiados de países em guerra e que comentou que não adiantava a busca por outro local, _____ que a crise de empregos era mundial. Seu filho, de sete anos, que estava por perto, perguntou de imediato: "Pai, se tivesse guerra aqui, você preferiria que eu morresse?". Ele mudou de ideia.

Estacionar o carro em vaga de idosos, grávidas e portadores de deficiência _____ contravenção: é falta de empatia. Reclamar da lentidão dos velhos _____ desrespeito: é falta de empatia. Agredir _____ o outro por suas posições _____ dificuldade em lidar com as diferenças: é falta de empatia. _____, reclamar do comportamento dos mais novos é falta de empatia.

A empatia _____ uma grande mudança social, diz Roman Krznari, estudioso do tema. _____

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1684752-no-lugar-do-outro.shtml>> . Acesso em 18 de jul. de 2017.

Quadro com elementos modalizadores

Nossa / facilmente / Estamos / pode provocar/ ostensivamente/ podem receber / mas

é mais do que / Todos os dias/ testemunhamos ou protagonizamos/ declarado ou sutil/

é mais do que / sempre/ Vamos desenvolvê-la para ensiná-la? / é mais do que/ nossa atual/

sempre tão complexas, Tem sido difícil/ Já/ claros/ Do mesmo modo/ Conheço/
qualquer / têm aprendido/ muito/ nossa/ já/ Aliás/ têm reclamado/ entretanto/ nossa atual/
pudéssemos/ nos/ absolutamente necessária/ constataríamos/ também/ Mas/ comovido/
podem receber.

O objetivo dessa atividade é que os alunos percebam o que a ausência ou presença desses elementos provocam no texto. Por apresentar uma tabela com os elementos linguístico-textuais extraídos do texto, acreditamos que os alunos não teriam dificuldade nessa etapa, mesmo sendo uma atividade individual, considerando-se as práticas exercidas nas atividades anteriores. Todavia, muitos alunos sentiram dificuldades e gastaram um tempo elevado até o término. Orientamos que, na medida em que fossem preenchendo, relesem o texto para irem compreendendo o sentido. Conseguiram inserir, primeiro, os verbos em primeira pessoa e locuções verbais. Sentiram dificuldade também quanto ao significado de alguns termos, por exemplo, **ostensivamente**, **declarado** ou **sutil**. Intercedemos sempre que necessário, auxiliando na compreensão do texto. No ANEXO C, apresentamos o texto original e, no APÊNDICE C, algumas atividades realizadas pelos alunos.

Ao final da atividade, realizamos uma leitura em conjunto, expondo o texto original no projetor de imagens e facilitando a visualização para as devidas correções, caso necessitassem. Após as correções, efetuamos uma análise oral dos recursos utilizados pela autora. Como os textos precedentes, esse último exhibe um conjunto de elementos favoráveis para demarcar e ressaltar o ponto de vista do autor. Esses elementos realçaram a argumentação, tendo em vista que estão interligados a essa argumentatividade exposta no texto.

Módulo 03- Características e particularidades do gênero Artigo de Opinião: estrutura, tipos de argumentos, linguagem, função social, veículo, público-alvo.

Em nosso próximo encontro, utilizando aulas geminadas, iniciamos o 3º módulo, desenvolvendo o tema “Características e particularidades do gênero Artigo de Opinião”. Desenvolvemos uma aula expositiva e dialogada, utilizando *slides*, explorando questões importantes acerca das características e particularidades do gênero em estudo. Essa aula

serviu para sintetizar aspectos pontuados nas atividades anteriores em relação aos textos explorados. Esse módulo explora a estrutura, tipos de argumentos, linguagem, função social, veículo, público-alvo do Artigo de Opinião. Frisamos aos alunos que não são características inflexíveis, conquanto podem servir de embasamento para uma elaboração eficiente desse gênero textual. Além de explorarmos os textos anteriores nesta aula, apropriamo-nos do texto “Conceito e preconceito”, mais uma vez, da colunista Lya Luft, e desenvolvemos nossa exposição com base, especificamente, nesse texto.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Conceito e preconceito

LYA LUFT
Revista Veja

Preconceito e campanhas antipreconceito são o item da moda. Porque tudo é moda, mania, às vezes obsessão passageira. Sempre, também em meus romances e contos, combati preconceito: contra os de pele diferente ou outros olhos, cabelo assim ou assado, baixinhos, gordos, menos inteligentes, com qualquer dificuldade física ou lesão mental, ou jeito de amar. Preconceito é inato no ser humano, nasce do medo do diferente, exige lucidez e esforço para ser vencido. Em meu mais recente livro, *A Riqueza do Mundo*, tenho um capítulo inteiro falando nisso. Se alguém diz que "brancos de olhos azuis" são responsáveis por problemas do país, eu me sinto grandemente atacada. Não posso ser questionada porque há quase três séculos meus antepassados vieram da Europa, não da África, e também não eram índios.

Não acredito em campanhas governamentais pró-anti-qualquer preconceito. Penso que o governo não deve fazer campanhas nesse sentido, mas garantir, de saída e por princípio, o direito de qualquer pessoa ao respeito e dignidade próprios, em todas as questões, desde comida, saúde, escola, moradia, até privacidade e intimidade. Aos diferentes sobretudo, mas a questão inicial é: quem estabelece o padrão do "diferente", e "diferente" do quê? Aliás, nossa intimidade anda em segundo plano nesta sociedade, nesta cultura do escrachado, da calça arriada, do olhar devassador (e devastador) estimulado pela internet que eu tanto uso com outros fins.

Por que não tentamos ser simplesmente naturais? Por que achar que somos melhores que os outros, que nossas ideias, postura ou tendências são as que todos deviam seguir? Por que não aceitamos o outro como ele é, quem sabe gago, tímido, gordo, baixo, alto demais, magro demais, talvez lento de raciocínio, possivelmente de outra raça ou credo, ou pobre, ou amando lá do seu jeito? Sem o tratar como coitadinho, que é o que em geral as campanhas fazem - algumas bem - intencionadas. Posso estar errada. Muitas vezes me engano. Não tenho todas as informações. Mas tenho voz nesta coluna, então tento partilhar minhas inquietações. Por isso, aliás, escrevo.

Precisamos preparar nossas crianças, em casa - onde tudo começa, repito mais uma vez, eu que sou repetidora do que me apaixona ou assusta -, na escola, nos grupos, mesmo na universidade, para a aceitação, a parceria em relação a tudo e todos - menos o crime, a corrupção, o mau caráter, o cinismo e a violência. Isto deveria ser natural, até banal, cotidiano, caseiro, constante: respeitar o outro. E começar respeitando a si próprio, sua dignidade, seu corpo, sua natureza, suas possibilidades. Suas dificuldades.

De propósito não estou me prendendo a questões de orientação sexual, mas a tudo: assexuados, sexuados demais, pobres, ricos, obtusos ou de cérebros sofisticados, com tênis de grife ou cambaios, de pele escura ou clarinha - filhos de doutor ou de catador -, todos somos pobres humanos querendo apoio e valorização, tantas vezes submetidos a interesses não confessados de quem no fundo está desinteressado ou expostos à futilidade alheia. A vida já é bem difícil, sobretudo para os jovens que entram neste mundo atrapalhado no qual alguns ditam as regras (que muitas vezes eles mesmos não seguem), comandam o circo, enveredam por caminhos sem conhecer direito o destino e inventam modas sem saber as consequências. O poder, o mando, são pesada carga. Deviam nos fazer, a cada passo, parar um pouco para refletir: sei do que estou falando, conheço o que estou ordenando, entendi qual será o efeito disso que permito ou que estímulo em cada momento?

Não é difícil iniciar e comandar alguma campanha. Há quem grite que não se deve ter "nenhum preconceito, contra coisa nenhuma". Vamos com calma. Não se pode igualar tudo. Não simpatizo com o dono da verdade, o libertário sem causa, o herói sem preconceitos, o discurso fácil. Eu, sinceramente, tenho - mantenho - preconceito contra algumas coisas: a desonestidade, a arrogância, a irresponsabilidade, o culto do poder estão entre elas.

Lya Luft. Conceito e preconceito. Revista Veja. 8 de junho de 2011. Edição 2220, Editora ABRIL- ano 44- nº 23.

Fizemos uma leitura inicial, em conjunto, tendo cada um, fotocópia do texto e, logo em seguida, fizemos a interpretação do mesmo. Dentre os textos discutidos, esse foi o que tomou um ápice excepcional na discussão, talvez pelo motivo de os alunos estarem familiarizados com a temática e também com a escrita dessa autora. Foi surpreendente a forma como ocorreu o debate. Os alunos desenvolveram uma participação muito relevante. É evidente que, sempre, um ou outro se envolve menos, ou até permanece calado; mas, notamos, mesmo pelo silêncio, que a atenção ao assunto era constante. Ao final da discussão, os alunos soltaram uma grande salva de palmas. Isso é prazeroso e nos motiva, pois notamos que os alunos interagiram com a aula e, principalmente, com um assunto tão presente na sociedade e pertinente para eles.

Em seguida, continuamos a aula expositiva e dialogada, com auxílio de *slides*, utilizando o projetor de imagens, explorando aspectos relevantes do gênero estudado. Segue, abaixo, o conteúdo discutido:



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE



Estudo do gênero **Artigo de Opinião**



O **Artigo de Opinião** partilha com a resenha crítica, o editorial e a charge, também gêneros textuais da esfera midiática, o caráter argumentativo. Caracteriza-se por comentar, analisar e opinar sobre fatos e temas relevantes para a sociedade, que estão em destaque na mídia.

Um **Artigo de Opinião** é um texto assinado, que não reflete necessariamente a opinião do veículo que o divulga. Ele é de inteira responsabilidade de seu produtor e transmite uma visão de mundo particular. **Conhecer a profissão, o lugar social ou o engajamento político** de determinado articulista ajuda o leitor a compreender seu posicionamento e, muitas vezes, **a perceber os valores ideológicos e os interesses que perpassam seu texto.**

A linguagem a ser usada em um artigo é definida, em parte, pelo público-alvo. Predominam, no entanto, construções formais, que sugerem ao leitor seriedade e credibilidade. Os artigos acompanham as variedades urbanas de prestígio.

Composição do Artigo de Opinião

O **título** de um artigo deve incluir o recorte do tema, isto é, a perspectiva sob a qual será apresentado. Elaborar uma pergunta é um recurso interessante; o texto deve obrigatoriamente responder a ela.

A introdução do artigo é responsável pela **contextualização** do tema.

No desenvolvimento, são usadas estratégias para persuadir o leitor a aceitar a tese defendida. Além dos argumentos objetivos, certas palavras e expressões podem reforçar o ponto de vista defendido.

As exposições de **conceitos** e de **exemplos** reforçam a **credibilidade**.

Exemplo: *Se alguém diz que "brancos de olhos azuis" são responsáveis por problemas do país, eu me sinto grandemente atacada. Não posso ser questionada porque há quase três séculos meus antepassados vieram da Europa, não da África, e também não eram índios.* (Lya Lutf)

Uma boa argumentação articula dados familiares ao leitor a informações menos conhecidas, que o levem a considerar aspectos novos.

Para uma produção eficiente, empregam-se **operadores argumentativos**. São palavras e expressões que conectam as partes do texto e explicitam suas relações.

Exemplo: ***Aliás**, nossa intimidade anda em segundo plano nesta sociedade [...]*(Lya Lutf)

À medida que encaminha a argumentação, o produtor do texto reforça aspectos que confirmam sua tese.

Os Artigos de Opinião admitem **marcas de subjetividade**, como o uso da primeira pessoa, desde que os argumentos permaneçam impessoais.

Exemplo: ***Não acredito** em campanhas governamentais pró-anti-qualquer preconceito. **Penso** que o governo não deve fazer campanhas nesse sentido, mas garantir, de saída e por princípio, o direito de qualquer pessoa ao respeito e dignidade próprios, em todas as questões, desde comida, saúde, escola, moradia, até privacidade e intimidade.* (Lya Lutf)

A conclusão do texto tem como função encerrar a linha de pensamento desenvolvida.

Fonte: Material elaborado pela pesquisadora com base no texto “Conceito e preconceito”, de Lya Luft e no livro didático de ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua:** literatura, produção de texto e linguagem. 1.ed.- São Paulo: Moderna, 2016. p. 190-192.

Após a sintetização das particularidades do texto, complementamos com uma explanação, utilizando o quadro negro, sobre os tipos de argumentos, além da importância dos contra-argumentos, salientando a significativa finalidade. Demos enfoque aos seguintes argumentos: argumentos de competência linguística, argumentos de provas concretas,

argumentos de consenso e argumentos de autoridade. Posteriormente a essa exposição minuciosa, realizamos a atividade de registro, em grupos de 4 alunos (APÊNDICE D).



FIGURA 8 - Atividade de registro em grupos
Fonte: Arquivo pessoal.

Análise do texto: Conceito e preconceito, de Lya Luft

1) Qual o interlocutor preferencial desse gênero textual?

2) Onde foi publicado?

3) A linguagem está adequada ao veículo de circulação? Justifique:

4) Qual assunto debatido?

5) Qual o posicionamento da autora sobre esse assunto?

6) Quais os argumentos utilizados pela autora para assegurar o seu posicionamento?

7) Você concorda ou discorda do ponto de vista exposto? Justifique:

8) No texto, a autora utiliza palavras ou expressões para manifestar sua intenção, marcas de subjetividade, seu posicionamento. Identifique esses termos, marcando-os no texto.

9) Essas expressões são produtivas na argumentação instaurada no texto? Discuta com seus colegas.

10) Os sinais de pontuação, muitas vezes, são utilizados para marcar as diferentes entonações, reproduzir as emoções e intenções do falante. Dessa forma, volte ao texto, localize sinais de pontuação que possam exercer a função de demarcar alguma intenção do autor.

Sintetizando as particularidades do gênero Artigo de Opinião

Com base no texto lido, responda:

a) Qual a função social desse gênero?

b) Com que propósito o Artigo de opinião foi escrito?

c) A que público se destina esse tipo de texto?

d) Onde costuma ser encontrado?

e) Qual tipo de linguagem (formal ou não formal) presente nesse tipo de texto? Explique.

f) Qual a tipologia textual predominante? Justifique:

g) Em conjunto, estabeleça as principais características do gênero Artigo de Opinião.

No decorrer dessa atividade, notamos maior segurança dos alunos; as dificuldades foram menores. Sentiam-se familiarizados com o gênero textual. Como as questões 8, 9 e 10, da primeira atividade, abordaram aspectos relacionados às marcas linguístico-discursivas, os alunos retomaram o texto e as localizaram. Por conseguinte, identificaram esses recursos e os argumentos pontuados pela autora em torno da temática “Intolerância”. Com isso, íamos sempre destacando a importância desses recursos e sua utilização adequada no texto. Essa aula se estendeu para o dia seguinte, quando concluímos as atividades deste módulo.

Módulo 4: Elementos que revelam a intenção do locutor

Nesta aula, iniciamos o módulo 4, abordando os modalizadores linguístico-discursivos. Intensificamos, primeiramente, uma exemplificação desses elementos por meio de *slides* previamente elaborados. Salientamos, aqui, que as nomenclaturas e categorias elencadas na parte teórica não foram citadas para os alunos, servindo de embasamento para nós, professores. Para a turma, intensificamos a relação de sentido que esses recursos provocam no texto, o que é mais importante. Em alguns momentos, quando necessário, fizemos uma transposição em relação às nomenclaturas, direcionando para o efeito de sentido ofertado, como podemos observar na sequência dos *slides* no APÊNDICE E.



FIGURA 9 – Aula expositiva e dialogada em *slide*.
Fonte: Arquivo pessoal.

Após a exposição, na qual foram enumerados os elementos reveladores da intenção do autor, realizamos uma atividade oral e analisamos, em conjunto, algumas ocorrências, averiguando qual o sentido que a proposição assinalava: certeza, dúvida, possibilidade, proibição, necessidade, conselho, dever. Algumas dúvidas surgiram, principalmente, nos termos que exercem função de advérbios modalizadores. Alguns alunos, por exemplo, não sabiam o sentido do termo “sinceramente”. Notamos que essas dúvidas são recorrentes porque pouco utilizam esses recursos, principalmente, na escrita. Cuidamos de aproveitar o máximo do tempo para concluirmos o que foi planejado para esse dia. Optamos pelo *slide* justamente por esse motivo, pois, se fôssemos expor no quadro negro, gastaríamos mais tempo (APÊNDICE F). Apesar de a montagem do projetor ser feita pela bibliotecária na troca de horário, o que facilita o desenvolvimento das aulas, não conseguimos concluir a atividade até o término do horário. Por isso, solicitamos ao professor da aula seguinte 20 minutos para finalizarmos, pois precisávamos aproveitar o projetor de imagens que já estava instalado. Em outro momento, caso ele necessitasse, cederíamos esses minutos a ele.

Nesta oficina, continuamos com o módulo 4, enfatizando o sentido dos elementos modalizadores. Expusemos, no quadro negro, mais alguns exemplos desses recursos, preparando para a próxima atividade que seria individual, conforme amostra dos exemplos e da atividade desenvolvida. Na oportunidade, esclarecemos aos alunos que nem sempre um elemento linguístico tem o mesmo valor. Vários fatores podem influenciar o sentido pretendido, conforme se pode verificar nos exemplos a seguir.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Aula expositiva e dialogada



Dependendo da situação comunicativa, uma mesma modalização pode apresentar sentidos diferentes.

A título de exemplo, utilizaremos três ocorrências com o verbo “querer”:

(1) *Quero chegar cedo.*

(2) *Quero que você chegue cedo.*

(3) *Você quer chegar cedo?*

Observamos que em:

(1), “querer” transmite um desejo;

(2), uma ordem;

(3), um pedido.



Uma mesma marca linguística, inserida em um mesmo contexto linguístico, pode apresentar vários propósitos de comunicação. Observamos, como exemplo, o enunciado a seguir:

(4) *Maria, estou confiante que fez uma boa prova!*

Esse enunciado poderá significar, segundo as intenções de comunicação:

(4') *O locutor demonstra pensamento positivo em relação à prova que Maria realizou.*

(4'') *O locutor pretende, implicitamente, mostrar que ela precisa ter realizado boa prova.*

Assim, é imprescindível analisar a situação de comunicação.



Pode ocorrer que uma mesma intenção de modalização pode ser transmitida por marcas linguísticas diferentes. Isso pode ser verificado nos exemplos:

(5) *Cale-se!*

(6) *Faça silêncio!*

(7) *[gesto com o dedo indicando silêncio].*



É possível, ainda, que a modalização não seja expressa por nenhuma marca linguística; a organização do enunciado, como um todo, irá mostrar a presença de uma determinada modalidade enunciativa. Vemos, então, que a modalização pode estar no implícito do discurso, um processo que pode ser configurado de diversos modos.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos exemplos de Machado (2001).

Atividades

1. Observe:

- ✓ **Com certeza**, ele foi aprovado.
- ✓ **Provavelmente**, ele foi aprovado.
- ✓ **Felizmente**, ele foi aprovado.

Nas sentenças acima, embora se trate do mesmo conteúdo semântico, os efeitos de sentido são variados. Isso ocorre devido ao uso de diferentes elementos na estrutura do enunciado. Com base nesta afirmação, analise e responda: em qual enunciado o locutor:

a) atribui como verdadeiro o conteúdo dito?

b) não se responsabiliza pelo que é pronunciado?

c) demonstra um juízo de valor sobre a proposição?

2. Leia os trechos a seguir, analise e responda:

- ✓ Eles **podem** ir à biblioteca.
- ✓ **Posso** ir à biblioteca?
- ✓ Os alunos não **podem** chegar atrasados.

✓ O João **pode** ter ido ao banheiro.

Note que, nos enunciados acima, o verbo **poder** foi empregado para exprimir sentidos diferentes.

Explique com que intenção o verbo **poder** foi mencionado em cada um dos enunciados.

3- Reescreva cada frase a seguir, duas vezes, de maneira que uma versão denote dúvida e a outra denote certeza.

a) Ele é o novo aluno.

b) A escola vai receber o prêmio.

c) A biblioteca vai ganhar novos livros.

d) Iremos assistir à palestra na outra escola.

4- Reescreva as manchetes a seguir, usando palavras ou expressões que demonstrem engajamento, responsabilidade do locutor sobre o que está afirmando, ou seja, expressões que imprimam marcas de certeza.

a) **Tiro pode ter levado helicóptero a pouso forçado em São Conrado**

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2017.

b) **Produção de passaportes deve ser retomada hoje após quase 1 mês de suspensão**

Disponível em:<<http://g1.globo.com/economia/noticia/casa-da-moeda-deve-retomar-nesta-segunda-confeccao-de-passaportes.ghtml>> . Acesso em: 24 de jul. de 2017.

c) **Economia brasileira deve crescer 0,3%, avalia FMI**

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2017.

5- Dependendo da situação comunicativa, um mesmo enunciado pode ser expresso de diversas formas. Indique o sentido das expressões a seguir:

Possibilidade- Obrigatoriedade – Necessidade- Probabilidade – Incerteza – Dúvida - Certeza

- a) **É possível** que os alunos não cheguem atrasados à aula. _____
- b) **Certamente** os alunos não chegam atrasados à aula. _____
- c) **Talvez** os alunos cheguem atrasados à aula. _____
- d) **Provavelmente** os alunos não chegarão atrasados à aula. _____
- e) **É necessário** que os alunos não cheguem atrasados à aula. _____
- f) Os alunos **não podem** chegar atrasados à aula. _____

Foi uma atividade muito proveitosa, que prendeu a atenção dos alunos, que demonstraram compreensão nos enunciados presentes na atividade. No APÊNDICE G, algumas atividades com as respostas dos alunos.

Módulo 5 - Desenvolvendo a oralidade: argumentos e contra-argumentos

Em outra aula, apresentamos mais uma proposta a ser desenvolvida, uma vez que preferimos executá-la somente após o módulo 4, e não, anteriormente, após a aula expositiva sobre os tipos de argumentos, dado que, nesse momento, os alunos estariam bem

familiarizados com os modalizadores linguístico-textuais, dos quais precisariam para a arguição oral, já que realizaríamos um júri.

O objetivo principal era que os alunos praticassem, oralmente, a argumentação e percebessem a necessidade de articular os argumentos adequadamente, utilizando elementos linguístico-discursivos favoráveis para que essa argumentação fosse fecunda. Outro objetivo seria discutir sobre a “Redução da maioria penal”. Apesar deste assunto não estar diretamente ligado à “Intolerância”, perpassa, entretanto, esse tema. Acreditamos que é um assunto pertinente, muito discutido e que, ainda, se encontra em debate. Observaríamos, na oportunidade, como os alunos se comportariam diante de um debate, na medida em que o outro expusesse a opinião.

Para o desenvolvimento dessa atividade, dividimos a turma em dois grupos. Como o total de alunos era 33, um grupo teria 17 e o outro, 16 componentes. Apresentado o tema, alguns se manifestaram apontando de que grupo queria fazer parte. Fomos, então, flexíveis e autorizamos algumas trocas. Uma equipe seria a dos argumentos a favor da redução e a outra contra. Advertimos que, para o júri ocorrer, eles precisariam se preparar, estudar bastante sobre o assunto, para que o debate ocorresse de forma proficiente. Decidiram, entre si, que uma equipe usaria camiseta da cor branca e a outra da cor preta, para melhor se identificarem. As equipes tiveram tempo suficiente para se prepararem, pois apresentamos a atividade em uma sexta, dia 17/11, e o próximo horário seria quarta-feira, 22/11.

Na semana seguinte, organizamos as carteiras em dois grandes grupos, em cada lateral da sala. Prontamente acomodados nos lugares, reservamos 20 minutos para que os alunos se organizassem, escolhessem quem da equipe iniciaria a discussão. Em seguida, explicamos algumas regras e definimos o tempo disponível para cada um argumentar. Damos abertura, apresentando a temática: “Redução da maioria penal: argumentos e contra-argumentos”. Alguns preferiram ficar com um suporte em mãos, uma folha com tópicos a serem pontuados no decorrer da discussão. Requisitamos à equipe dos argumentos a favor da redução que estresse o debate; assim foi feito. Um membro da equipe se pronunciava e, sem demora, a palavra era passada para um aluno da outra equipe se defender, articulando em oposição ao que foi dito. Foi surpreendente a postura dos alunos, uma vez que mantiveram grande respeito com os colegas, escutando e apreciando cada um se pronunciar.

No decorrer da discussão, argumentaram satisfatoriamente e se demonstraram interagidos com o assunto. Alguns alunos se sobressaíram, mas achamos admirável a atuação ímpar de alunos que pouco intervêm, oralmente, nas aulas. Um aluno, em especial, justamente um dos que não é participativo, mostrando-se apático a tudo, teve excelente desempenho,

apresentando argumentos convincentes de tal forma que até a equipe contrária ficou inerte, sem conseguir contra-argumentar.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi o momento em que um membro da equipe contra a redução da maioria não utilizou um argumento de competência linguística adequado, na categoria de advérbio. Assim deu oportunidade aos integrantes da outra equipe de irem contra ao que ele disse, focalizando o termo que ela havia usado “talvez”; o aluno ficou sem meios de se defender e percebeu que o uso inadequado do advérbio ocasionou equívocos em sua exposição. Nas discussões, os alunos utilizaram variados tipos de argumentos, sendo o argumento de provas concretas o mais utilizado, com apresentação de exemplos, dados estatísticos extraídos de jornais *online*, *dentre outros*. Exteriorizaram, também, argumentos de consenso, que são proposições aceitas universalmente como verdades. E, ademais, argumentos de autoridade, dado que pesquisaram e se apoiaram em vozes de autoridades que discutiam o assunto. Essa atividade foi mais uma que ultrapassou nossa expectativa positivamente pelo relevante resultado.



Figura 10 - Júri simulado
Fonte: Arquivo pessoal.

Em outra aula, retomamos, especificamente, a temática da oficina, com o propósito de enriquecer a “bagagem” de conhecimento dos alunos, preparando-os para as produções. Ao abordarmos o tema, “Intolerância”, abrangemos vários aspectos sociais necessários a serem discutidos, lançando sugestões para amenizar os problemas ou, até mesmo, os solucionarem. Neste último módulo, antecedente ao da produção textual, optamos por desenvolver uma atividade de pausa protocolada. Esse modelo de atividade objetiva instigar a argumentação do aluno, uma vez que propicia a articulação de inferências textuais e, para que os resultados almejados sejam alcançados, o aluno precisa utilizar-se do conhecimento prévio, fazer previsões, formular hipóteses e, a partir daí, consolidar as inferências.

Nesse tipo de atividade, o texto é separado em blocos. À medida que a leitura ocorre, o aluno vai respondendo aos questionamentos feitos pelo mediador, podendo, ou não, suas respostas corresponderem ao que apresenta o texto. Entretanto, o que é essencial, nessa metodologia, é a reflexão que produz a argumentação, além de provocar interação entre texto e aluno.

Inserimos o texto no projetor, para melhor visualização e tornar mais eficiente o desenrolar da atividade, pois, como o texto é separado em blocos, com fotocópias precisaríamos de mais tempo para desenvolvê-la.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Pausa Protocolada
Legado aos nossos filhos, de Lya Luft

- 1- O que você entende por “legado”?
- 2- Com base no título, de que, provavelmente, se trata o texto?
- 3- Qual a necessidade de deixar um legado a alguém?

(§ 1) Uma **importante** empresa financeira me chamou para falar com alguns clientes. Não sobre finanças, pois eu os arruinaria, mas sobre algum tema “humano” – no meio da crise queriam mudar de assunto. Uma sugestão de tema que me deram foi: “O que esperamos de nossos filhos no futuro”.

- 4- O que os pais esperam dos filhos no futuro?
- 5- Quais os assuntos que a palestrante deve ter usado ao tratar esse tema na palestra?

Como **acredito** que pensar é transgredir, falei sobre "o que estamos deixando para **nossos** filhos". **Acabamos nos** dando muito bem, a excelente plateia estava cheia de dúvidas, como a palestrante.

6- Será que a autora apresentou situações do seu meio familiar ou abordou de forma geral o assunto?
7- Que argumentos devem ter sido utilizados?

(§ 2) O mundo avança em **vertiginosas** transformações, e não é **só** nas finanças ou economia mundiais: ele se transforma a todo momento em **nossos** usos e costumes, na vida, no trabalho, nos governos, na família, nos modelos que **nos** são apresentados, em nossa capacidade de fazer descobertas, no progresso e na decadência.

8- Que transformações são essas a que a autora se refere?

(§ 3) O que **nos enche de perplexidade**, quando o assunto é filhos, é a parte de tudo isso que **não conseguimos controlar**, que é maior do que a outra. Se há 100 anos a vida era mais previsível – o pai mandava e o resto da família obedecia, o professor e o médico tinham autoridade absoluta, os governantes eram nossos heróis e havia trilhas fixas a ser seguidas ou seríamos considerados desviados –, hoje ser diferente pode dar status.

(§ 4) **Gosto** de pensar na perplexidade quanto ao legado que **podemos deixar** no que depende de nós. Que não é nem aquele legado alardeado por nossos pais – a educação e o preparo – nem é o valor em dinheiro ou bens, que se evaporam ao primeiro vendaval nas finanças ou na política. A **mim me** interessam outros bens, outros valores,...

9- Que valores, provavelmente, a autora considera importantes?

10- E para você, quais valores considera importantes?

...os valores morais.

11- O que você entende por valores morais? Isso é ensinado em sua casa?

O termo "morais" faz arquear sobrelanceiras, cheira a religiosidade ou a moralismo, a preconceito de fariseu. **Mas não é disso** que falo: moralidade não é moralismo, e moral **todos temos de ter**. A gente gosta de dizer que está dando valores aos filhos. **Pergunto: que valores?** Morais, ora, decência, ética, trabalho, justiça social, por exemplo. É ótimo passar aos filhos o senso de alguma justiça social, mas então a gente indaga: você paga a sua empregada o mínimo que a lei exige ou o máximo que você pode? **Penso** que a maioria de nós responderia não à segunda parte da pergunta. **Então, acaba já** toda a conversa sobre justiça social, pois tudo ainda começa em casa e **bem antes** da escola.

12- De que forma “tudo ainda começa em casa e bem antes da escola”? A que, possivelmente, a autora se refere?

(§ 5) **Não adianta falar** em ética, se vasculho bolsos e gavetas de meus filhos, se escuto atrás da porta ou na extensão do telefone – a não ser que a ameaça das drogas justifique essa

atitude. Não adianta falar de justiça, se trato **miseravelmente** meus funcionários. Não se pode falar em decência, se pulamos a cerca **deslavadamente**, quem sabe **até** nos fanfarronando diante dos filhos homens: ah, o velho aqui ainda pode! **Nem se deve pensar** em respeito, se desrespeitamos quem nos rodeia, e isso vai dos empregados ao parceiro ou parceira, passando pelos filhos, é claro. **Se sou tirana, egoísta, bruta; se sou tola, fútil, metida a gatinha gostosa**; se vivo acima das minhas possibilidades e ensino isso aos meus filhos, o efeito sobre a moral deles e sua visão da vida **vai ser um desastre**.

13- Quais as possíveis conclusões que Lya Luft apresentará?

(§ 6) **Temos então de ser modelos?** Suprema chatice. **Não, não temos de ser modelos**: nós somos aquele primeiro modelo que crianças recebem e assimilam, e isso passa pelo ar, pelos poros, pelas palavras, silêncios e posturas. **Gosto** da historinha verdadeira de quando, esperando alguém no aeroporto, vi a meu lado uma jovem mãe com sua filhinha de uns 5 anos, lindas e alegres. **De repente**, olhando para as pessoas que chegavam atrás dos grandes vidros, a **perfumada** mãe disse à pequena: "Olha ali o boca-aberta do seu pai".

(§ 7) **Nessa frase**, que ela **jamais** imaginaria repetida num artigo de revista ou em palestras pelo país, a moça definia seu ambiente familiar. Assim se definem ambientes na escola, no trabalho, nos governos, no mundo. Em casa, para começar. O palavrório sobre o que legaremos aos nossos filhos será vazio, se nossas atitudes forem egoístas, burras, grosseiras ou maliciosas. O resto é conversa fiada para a qual, neste tempo de graves assuntos, não temos tempo.

14- Qual o seu posicionamento sobre esse “Legado aos filhos”? Concorde com a autora ou discorda? Por quê?

Fonte: Texto adaptado. LUFT, Lya. *Legado aos nossos filhos*. Veja, São Paulo, n. 2082, p. 24, 15 out. 2008. (Grifo nosso)

Iniciamos pelo título, “Legados aos filhos”, e perguntamos aos alunos, o que eles entendiam por “legado”, “Qual a necessidade de deixar um legado a alguém?”. Ouvimos várias respostas, algumas coerentes, outras um pouco distantes do significado. Por fim, definiram que seria alguma “herança aos filhos”, mas a maioria a direcionou associando à ideia de bens materiais.

Nas perguntas seguintes, as respostas passaram a ser mais condizentes com o texto, por exemplo, citaram, na questão 4, que os pais desejavam o melhor para os filhos. Na questão 7, o foco era os possíveis argumentos que a autora utilizaria. Essa pergunta pouquíssimos alunos se arriscaram a responder; a maior parte teve dificuldade em comentar os prováveis argumentos. Os que se dispuseram a falar opinaram que, certamente, ela citou exemplos do seu meio familiar.

Ao seguir, mediando a atividade, interpelávamos e, adiante, exibíamos a versão do texto, ainda dividido em blocos. Na oportunidade, colocávamos o nosso posicionamento

acerca dos argumentos da autora, discutíamos sobre algumas palavras desconhecidas, esclarecendo o sentido com base no contexto. E assim, como os outros textos trabalhados, exploramos palavras, expressões e outros recursos que a autora empregou para realçar seu ponto de vista. Utilizamos um horário para a pausa protocolada, o que foi suficiente para a discussão oral. No horário seguinte, demos início ao módulo 7.

Módulo 07 - Produção coletiva

Expusemos aos alunos a atividade subsequente. Como o nosso objetivo era a escrita do texto, no decorrer da oficina, os alunos iam sendo estimulados para esse momento, lembrando-lhes de que todas aquelas atividades tinham como foco a escrita. O texto da pausa protocolada foi propositalmente empregado para relacionarmos os aspectos de valores humanos que se opõem a essa falta de tolerância, efetivando, então, excelente reflexão. Daí, fizemos a proposta seguinte:



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE

Profletras
 mestrado profissional

Produção coletiva



Depois de refletirmos e discutirmos sobre o tema “Intolerância”, este apresenta, em sua amplitude, muita relevância, pois é uma realidade que nos circunda.

Discutam, pois, com seus colegas, agora, em um grupo menor, e escolham, se preferirem, um tipo de “Intolerância” a tratar e demonstrem o ponto de vista do grupo.

Este é um momento de partilhar conhecimentos, opiniões. É uma oportunidade para acrescentar a “bagagem de conhecimento” a partir dessa interação. Procurem se apoiar nas características do gênero “Artigo de opinião”; assim, os argumentos serão dispostos de maneira mais eficiente. Estejam atentos também para os elementos linguístico-discursivos que reforçam o posicionamento do autor; dessa maneira, o ponto de vista será mais bem articulado. Após a escrita, revisem o texto, realizando as correções necessárias.



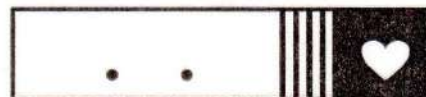
FIGURA 11 – Escrita de texto coletiva
Fonte: Arquivo pessoal.

Os alunos iniciaram a escrita dos textos, mas esta aula se estendeu para a seguinte, a fim de que concluíssemos a atividade, não havendo interrupção da linha de pensamento dos grupos. Estes discutiram sobre os assuntos debatidos nas aulas e decidiram sobre o que o texto trataria, especificamente. De início, alguns ainda estavam inseguros para iniciar a escrita, procurando-nos por várias vezes, indagando “se estava bom”, “se era daquele jeito mesmo”. Ao final da aula, recebemos os trabalhos e, em casa, realizamos a leitura.

No próximo encontro, finalizamos, então, as análises. Optamos por expor os textos em *slides*, para que todos observassem os questionamentos e sugestões; assim, as recomendações a um grupo, seria um aprendizado a mais para o outro. Preferimos não apresentar a autoria para não causar constrangimentos. Mas todos ficaram entusiasmados com aquela metodologia de exibir, no projetor de imagem, a produção deles que, sem receio, sinalavam aos colegas quando o momento do grupo chegava.

Utilizamos a estratégia do bilhete orientador para a correção, no qual os alunos se apoiariam para realizar o processo de correção e reescrita. Na produção dos bilhetes, realizamos a adequação da linguagem, para que os alunos compreendessem as sugestões a serem feitas no texto, sem retirar a autoria da equipe. Os alunos desempenharam o papel de autores e leitores do seu próprio texto e, assim, refletiram sobre a escrita desenvolvida. Abaixo, o modelo dos bilhetes e os textos produzidos e reescritos.

Texto dos alunos: A12, A13, A19 e A24 (1ª versão)



Discriminação da Classe Social

No mundo de hoje, as pessoas são discriminadas pela sua classe social. Devido a essa crise que estamos passando fica, cada vez mais, difícil ter uma vida de boa qualidade.

Com a reforma da previdência social, complica mais ainda a vida dos trabalhadores menos beneficiados. Sinceramente, a classe baixa, a cada dia que passa, sofre, pois é retirado seus direitos sociais. Muitos já, perderam suas maradias e sustento. A grande parte das classes média e alta, pouco importa com a classe baixa.

Nós achamos que essa grande parte, deveria deixar o orgulho de lado, e ser mais solidário, com a classe baixa, principalmente o governo federal, pois essa "tal reforma da previdência", está criando ainda mais o sofrimento deles. Mas, não perderemos a esperança de que um dia teremos novamente uma classe social, sem discriminação nenhuma.

Versão digitada

Texto dos alunos: A12, A13, A19 e A24 (1ª versão)

Discriminação da Classe Social

No mundo de hoje, as pessoas são discriminadas pela sua classe social. Devido a essa crise que estamos passando fica, cada vez mais, difícil ter uma vida de boa qualidade.

Com a reforma da previdência social, complica mais ainda a vida dos trabalhadores menos beneficiados. Sinceramente, a classe baixa, a cada dia que passa, sofre, pois é retirado seus direitos sociais. Muitos já, perderam suas moradias e sustento. A grande parte das classes média e alta, pouco importa com a classe baixa.

Nós acharmos que essa grande parte, deveria deixar o orgulho de lado, e ser mais solidário, com a classe baixa, principalmente o governo federal, pois essa “tal reforma da previdência”, está crescendo ainda mais o sofrimento deles. Mas, não perderemos a esperança de que um dia teremos somente uma classe social, sem discriminação nenhuma.

Bilhete orientador

Alunos: A12, A13, A19 e A24

Muito pertinente o assunto que vocês abordaram.

Para que o texto fique ainda melhor, observamos que alguns ajustes podem ser realizados.

1- Inicialmente, ao apresentar a temática, vocês delimitaram uma discriminação que existe. O que demonstrou foi que existe apenas esse tipo. Façam uma reflexão em torno disso, assim irão compreender e eliminarão a generalização provocada.

2- Ainda no primeiro parágrafo, e também no decorrer do texto, alguns problemas de pontuação, ortografia e concordância foram percebidos. Acredito que por falta de atenção. Revejam.

3- Repetições de algumas expressões. Tentem evitar.

4- Utilizaram argumentos de provas concretas; entretanto podem acrescentar outros argumentos para o enriquecimento do texto. Demonstrem que têm conhecimento do assunto, assim terão maior possibilidade de conseguirem a adesão em relação ao ponto de vista de vocês.

5- Muito positiva a utilização de elementos linguísticos que contribuíram para articulação do texto.

6- Devem sempre lembrar que outra pessoa irá ler o texto; portanto, devem deixá-lo o mais coerente possível.

7- Atenção! No momento de substituição de alguns termos, para evitar a repetição, verifiquem se é possível compreender o sentido.

8-Revejam o material de apoio e verifiquem a estrutura e características do gênero textual.

9- Após a reescrita, ainda em um rascunho, refaçam uma minuciosa correção com o intuito de verificar pontuação, paragrafação, concordância, acentuação, ortografia.

10- Observem se seus argumentos são consistentes.

Acredito no potencial de vocês!

Texto dos alunos: A12, A13, A19 e A24 (2ª versão)



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE



Produção textual coletiva

Discriminação pela Classe Social

no mundo de hoje, muitas vezes, as pessoas não discriminam-
-da pela sua classe social. Sendo a uma classe que estamos parando-
-da, fica cada vez mais difícil ter uma vida de boa qualidade.

Um dos fatores que contribui para o crescimento da desigualdade
é a falta de emprego. Com a reforma da previdência social, por exemplo,
complica, mais ainda, a vida dos trabalhadores menos privilegiados.
Somente a classe baixa, a cada dia que passa, sofre, pois é
retirado seus direitos trabalhistas. Muitos já perderam suas mercedes
e o sustento por falta de emprego.

A grande parte das classes média e alta possui impacto com a
classe baixa, desrespeitam listas em prol dos menos privilegiados.

Alguns vezes a aparência dos fantasmas, mais, fazem da classe ba-
-ra parecerem pelo shopping e por comodidades por requisições e,
logo em seguida, expulsos de lá, certamente, por causa da classe
social. Imagino que alguém que se considera de classe superior,
mantém-se incomodado com a presença deles. Sua intolerância.

Como pessoas que não sabem, desrespeitam deixar a orgulho de
lados e serem mais solidários com os menos privilegiados.

Acredito que não podemos perder a esperança de que um dia
teremos um mundo mais igualitário, sem discriminação, pois
toda pessoa tem as mesmas oportunidades de adquirir uma
vida digna e serem tratados igualmente. Os governantes devem ter
consciência dessa (nossa) necessidade e promover ações em favor
a essa causa.

Versão digitada

Texto dos alunos: A12, A13, A19 e A24 (2ª versão)

Discriminação pela Classe Social

No mundo de hoje, muitas vezes, as pessoas são discriminadas pela sua classe social. Devido a essa crise que estamos passando, fica cada vez mais difícil ter uma vida de boa qualidade.

Um dos fatores que contribui para o crescimento da desigualdade é a falta de emprego. Com a reforma da previdência social, por exemplo, complica, mais ainda, a vida dos trabalhadores menos beneficiados. Sinceramente a classe baixa, a cada dia que passa, sofre, pois é retirado seus direitos trabalhistas. Muitos já perderam suas moradias e o sustento por falta de emprego.

A grande parte das classes média e alta pouco importa com a classe baixa, deveriam lutar em prol dos menos favorecidos.

Assistimos à reportagem do Fantástico, nela, jovens da classe baixa passeavam pelo shopping e foram abordados pelos seguranças e, logo em seguida, expulsos do local, certamente, por causa da classe social. Imagino que alguém que se considera de classe superior, sentiu-se incomodado com a presença deles. Pura intolerância.

Essas pessoas que agem assim deveriam deixar o orgulho de lado e serem mais solidários com os menos favorecidos.

Acredito que não podemos perder a esperança de que um dia teremos um mundo mais igualitário, sem discriminação, pois todos precisam ter as mesmas oportunidades de adquirirem uma vida digna e serem tratados igualmente. Os governantes devem ter consciência dessa necessidade e promover ações em favor a essa causa.

Texto dos alunos: A11, A26, A27, A32 (1ª versão)



Contra a Intolerância racial

Nos dias atuais, á em quase todos os lugares a Intolerância, ela é praticado de várias formas, sendo racial, de gênero ou ate Religiosa. Infelizmente, presentiamos ou aumento do numero de vítimas por violência racial, cada dia, no mundo inteiro, mas a maioria das vítimas não denunciam os agressores pelo fato de não ser importante, ou temos que o agressor se saia como se nada aconteceu. A maioria das pessoas que sofre de violência racial e de crimes raciais inferiores criminosos acha que pessoas de classes sociais inferiores não podem eles pode atacar, matar de forma racial e acontecer principalmente em lugares pequenos como família, comunidade e bairros onde a violência toma conta por serem mais comandado por ladrões. Por esse motivo meigos não excluímos de racismos rotas de consequências por pessoas que se acham melhores por terem uma classe social mais elevada. Por este motivo não devemos aceitar a Intolerância racial quando vemos certamente devem denunciar para que acabe cada vez mais rápido. Todos contra a Intolerância racial.

Versão digitada

Texto dos alunos: A11, A26, A27, A32 (1ª versão)

Contra a Intolerância racial

Nos dias atuais, á em quase todos os lugares a Intolerância, ela é praticado de várias formas, sendo racial, de gênero ou ate Religiosa. Infelizmente, presentiamos ou aumento do numero de vítimas por violência racial, cada dia, no mundo inteiro, mas a

maioria das vítimas não denunciam os agressores pelo fato de não ser importou, ou temos que o asressos de vingue caso va para a cadeia. A maioria das pessoas que sofre de violência e de classes sociais inferiores criminoso acha que pessoas de classes sociais inferiores são fracas eles pode atacar, matar de forma racial e aconteceda principalmente em lugares pequenos como favela, comunidade e bairros onde a violência toma conta por serem mais comandado por ladrões. Por esse motivo negros são excluídos de varias rodas de conversas por pessoas que se acham melhores por terem uma classe social mais encantada. Por este motivo não devemos aceitar a Intolerância racial quando vemos certamente devem denunciar para que acabe cada vez mais rápido. Todos contra a Intolerância racial.

Bilhete orientador

Alunos: A11, A26, A27, A32

Vocês apresentaram argumentos que consideramos importantes e revelaram o conhecimento sobre o tema que abordamos. Sugerimos que refaçam o texto, realizando algumas modificações para que as ideias sejam mais bem posicionadas, possibilitando melhor entendimento das ideias apresentadas. Atendem-se às observações seguintes:

- 1- Produzam um título mais atrativo ao leitor.
- 2- O texto precisa ser organizado estruturalmente, tanto no alinhamento quanto na organização dos parágrafos.
- 3- No primeiro período do texto, acreditamos que é possível que ele seja articulado de uma forma melhor.
- 4- Atenção! Períodos muito longos. A ideia se perde.
- 5-Observamos alguns problemas de acentuação, pontuações, letras maiúsculas indevidas, falta de concordâncias. Todos esses elementos observados foram por falta de atenção. Não releram o texto após terem concluído a produção.
- 6- Em alguns trechos, falta clareza nas ideias. Organizem de forma mais coesa e coerente.
- 7- Cuidado com a repetição de expressões.
- 8- Em alguns momentos, utilizaram palavras e expressões que contribuíram para demarcar o posicionamento no texto, demonstrando engajamento no que está sendo dito. Isso é muito relevante nesse tipo de texto.
- 9- Organizem-se e acrescentem mais argumentos ao texto. Voltem ao material trabalhado e observem os tipos de argumentos que podem inserir no texto, enriquecendo o posicionamento.

10- Acrescentem, também, a sugestão para solucionar esse problema. Vocês apresentaram, mas de forma tímida. Discutam e refaçam.

Vocês são capazes! Vamos lá!

Texto dos alunos: A11, A26, A27, A32 (2ª versão)



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE





Produção textual coletiva

Intolerância! Já chega!

Nos dias atuais, há em quase todos os lugares a Intolerância, ela é praticada de várias formas, sendo racial, de gênero ou até mesmo religiosa. Infelizmente, presenciamos o aumento do número de vítimas de violência racial, a cada dia, no mundo inteiro. E essas vítimas não denunciam os agressores por terem medo, pois existem aqueles que se riem com as pessoas agredidas denunciando.

As pessoas que sofrem com violência racial, geralmente, são as de cor ou raça negra ou indígena. Isso não é motivo para gerar qualquer discriminação. Quando não são agredidos, são excluídos da maioria social. E assim eles sofrem por ignorância, pela não aceitação das diferenças. A pessoa racista acha que só a aparência dela que é a certa e os outros, por serem diferentes, não valem a pena.

Sabemos que os mais racistas vivem os adolescentes, pois é nessa idade que a aparência é mais importante. É nessa idade também que estão formando opiniões, por isso dificultam em aceitar as diferenças.

A conclusão que podemos tirar disso tudo é que o preconceito racial existe e não pode ser ignorado. A melhor forma de prevenção contra o racismo é ensinando, desde cedo, aos filhos que preconceito é crime, portanto a pessoa que o comete deve ser denunciado.

Versão digitada

Texto dos alunos: A11, A26, A27, A32 (2ª versão)

Intolerância! Já chega!

Nos dias atuais, há quase em todos os lugares a Intolerância, ela é praticada de várias formas, sendo racial, de gênero ou até mesmo religiosa. Infelizmente, presenciamos o aumento do número de vítimas de violência racial, a cada dia, no mundo inteiro. E essas vítimas não denunciam os agressores por terem medo, pois existem aqueles que se vingam caso a pessoas agredida denuncia.

As pessoas que sofrem com violência racial, geralmente são as de classe social baixa ou negras. Isso não é motivo para gerar tamanha barbaridade. Quando não são agredidas, são excluídas do meio social. Esses atos acontecem por ignorância, pela não aceitação das diferenças. A pessoa racista acha que só a aparência dela que é a certa e as outras, por serem diferentes, são erradas ou feias.

Observo que os mais racistas sejam os adolescentes, pois é nessa idade que a aparência é mais importante. É nessa idade também que estão formando opiniões, por isso dificultam em aceitar as diferenças.

A conclusão que podemos tirar disso tudo é que o preconceito racial existe e não pode ser ignorado. A melhor forma de prevenção contra o racismo é ensinado, desde de cedo, nas escolas que preconceito é crime, portanto a pessoa que o comete deve ser denunciado.

Assim que expusemos todas as análises, entregamos as versões aos alunos, juntamente com os bilhetes que orientavam para a refacção dos textos. Formaram os mesmos grupos e iniciaram as correções. Mesmo utilizando uma linguagem simples, os alunos sempre solicitavam que o professor fosse até a carteira para orientá-los; dessa maneira, foi uma refacção orientada. Tivemos o cuidado para que os alunos não perdessem a autoria do texto; apenas fomos mediadores para que os ajustes acontecessem.

A reescrita é uma etapa imprescindível, pois proporciona autoavaliação da escrita, instiga o aluno, seja individualmente, em dupla, ou em conjunto, a notar o que precisa ser modificado nos textos, analisar as sugestões do professor e até comparar suas produções com as dos colegas. Assim, serão autores que refletem sobre sua escrita.

Na aula seguinte, ainda trabalhamos com a refacção dos textos. À medida que foram terminando, requeriam que lêssemos e observássemos se deveriam fazer mais alguma alteração. Assim que todos terminaram, escolheram um membro do grupo para realizar a leitura para toda a turma.

Para dinamizar e fechar a nossa aula de forma lúdica, selecionamos um poema em cordel, de um autor contemporâneo, Braúlio Bessa, que, de forma reflexiva e emocionante, discorre, nesse texto escolhido, sobre a temática debatida. Utilizamos o *Datashow* e o áudio para assistirmos à declamação do cordel, sobre “O respeito à diversidade”. Entregamos também a fotocópia para que os alunos anexassem ao material da oficina e realizássemos a interpretação oral do texto.

O cordel aborda a situação que estamos vivenciando. Como bem diz o cordelista, “o respeito caiu em desuso”. Os alunos ficaram admirados com tão bela apresentação e concordaram com as palavras do autor. Após ouvirmos, realizamos a declamação. O texto do cordel está no ANEXO D.



FIGURA 12 - Vídeo do cordel apresentado.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ip-mOeXo8c4>. Acesso em: 2 de out. 2017.

Além de ter sido um momento lúdico, a letra do cordel provocou reflexão acerca desse problema que presenciamos em nossa sociedade e que, infelizmente, é algo que cresce a cada dia.

Num outro momento, ocorreu uma palestra na escola; portanto, não tivemos aula em sala. O bom foi que não fugiu do tema da nossa oficina, pois trataram sobre “Valores”.

Módulo 8 - Produção individual

Nesta aula, preparamo-nos para a escrita individual. O tema seguia o mesmo da escrita coletiva, ao qual, durante esse período, os alunos tiveram acesso, de forma ampla, considerando, ainda, que vários assuntos que norteiam essa temática foram abordados. Durante esses dias de oficina, sugerimos que os alunos pesquisassem, lessem os noticiários sobre essa temática para ficarem atentos com o que era debatido em sala de aula. Sempre ressaltamos sobre a importância de estar inteirados com as questões sociais. Entretanto, sabemos que nem todos fazem uso dessa prática, principalmente, quando falamos em leitura; mas percebemos que muitos estavam informados, durante os debates, apresentando exemplos, dados estatísticos, demonstrando terem pesquisado, o que os levou a bem interagirem com o assunto tratado.

Expusemos em sala, neste dia, novos cartazes com a finalidade de instigar a reflexão e a argumentação. Todos os cartazes eram “carregados” de importantes significados. Seguem alguns exemplos e a proposta de escrita do texto.

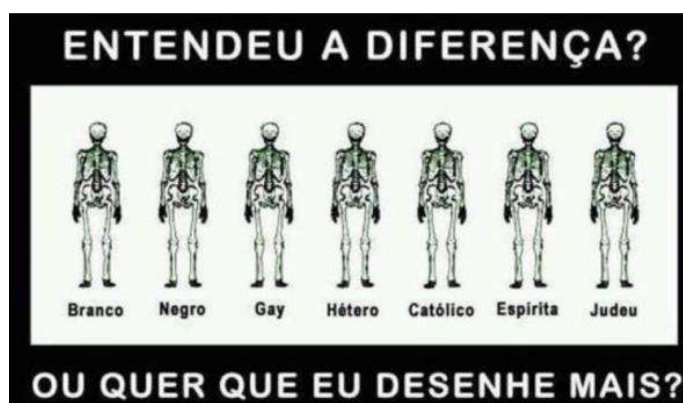


Figura 13 - Cartaz 1

Fonte: Disponível em:

<http://oassuntoetudo.blogspot.com.br/2012/05/protesto-entendeu-diferenca.html>. Acesso em: 20 de set. 2017.



Figura 14 - Cartaz 2

Fonte: Disponível em: <http://profempreendedor.blogspot.com.br/2015/06/intolerancia-religiosa-e-crime.html>. Acesso em: 20 de set. 2017.



Figura 15 – Cartaz 3

Fonte: Disponível em: <https://redacaonline.com.br/blog/discurso-de-odio-e-a-liberdade-de-expressao/em>. Acesso 20 de set. 2017.



Produção textual

Gênero opinativo





A Intolerância, seja de qualquer espécie – política, religiosa, opção sexual, raça ou cor – fere a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Por isso, todo tipo de preconceito e intolerância deve ser combatido por meio da educação voltada para a introjeção de valores. Só assim construiremos uma sociedade consciente, igualitária e democrática. (Maria Zélia Dias Micel).

Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-santa-amalia/a-intolerancia-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 9 de out. de 2017.

Com base na leitura dos textos realizados, em seus conhecimentos e nas discussões em sala de aula, redija um texto que expresse sua opinião sobre o tema **“Intolerância”**, apresentando proposta de conscientização em relação a esse assunto. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos (ideias que justificam, fornecem a base para a opinião) para a defesa de seu ponto de vista a respeito dessa temática. Utilize palavras ou expressões que manifestam e reforçam sua intenção, as marcas de subjetividade, seu posicionamento. Ao final da produção, releia seu texto, realizando as correções necessárias.

Posteriormente às discussões orais, quando interpretamos os cartazes, instigamos os alunos a citarem palavras do campo semântico de “Intolerância” e do campo semântico de “Tolerância”. Os alunos não teriam necessariamente de inserir tais palavras no texto, mas eram apenas para nortear os alunos que apresentam muita dificuldade para iniciar a escrita. Os dois horários de aula não foram suficientes para o término da atividade. Recolhemos os textos e, na aula seguinte, continuamos. Preferimos recolher para evitar que os alunos realizassem plágio ou pedissem alguém para fazer.

Na oficina seguinte, continuamos com a atividade. Observamos empenho na maioria dos alunos. Sempre, quando surgiam dúvidas sobre alguma expressão, perguntavam. Assim que terminavam, pediam que lêssemos. Realizamos a estratégia do bilhete orientador

na própria folha do texto e, para cada aluno, explicávamos os itens que destacamos no texto, os pontos positivos, relevantes, e as sugestões de ajustes a serem feitas.



FIGURA 16 - Escrita de texto individual
Fonte: Arquivo pessoal.

Continuamos esse processo ainda noutra aula. Porém, como o atendimento era individualizado, gastou-se mais tempo. Notamos que os problemas, de uma forma geral, foram os mesmos, porém, menos recorrentes. Nessa segunda produção, ficaram mais atentos. Houve problemas de acentuação, ortografia, concordância, paragrafação. Mas de incoerência, falta de sentido entre os parágrafos, praticamente não ocorreu. O que sugerimos, na maioria dos textos, foi que acrescentassem os argumentos para que o texto se tornasse mais convincente ao interlocutor. Percebemos utilização satisfatória dos elementos linguístico-textuais que contribuíram para ressaltar o posicionamento do autor. Ao terminar as refações, alguns alunos se dispuseram a ler o texto para a turma. Encerramos a oficina agradecendo a prodigiosa participação de todos e parabenizando-os pelos resultados alcançados. Enfatizamos que devemos praticar a leitura e a escrita constantemente, pois são instrumentos necessários para inserção social. Distribuímos cartões adesivos para sempre lembrarem a participação na oficina.

Desses textos produzidos agora, nesta etapa final, selecionamos alguns para a análise que fazemos a seguir, por constituírem o produto final de todo o processo de intervenção.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA - RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE

Profletras
mestrado profissional



Produção textual

Por que não tolerar?
Intolerância se resume em ódio, ódio da não aceitação, do desprezo de tudo que é diferente, daquilo que incomoda e que você não consegue aceitar.

Temo que abrir os olhos, encarar com clareza, viver em um mundo com tantos problemas que precisamos nos preocupar, e muitas vezes, infelizmente, se preocupando com algo tão banal, ou seja, se incomodando com o diferente.

Estamos em um tempo em que a intolerância está afetando gradativamente. Nós insistimos em (que) nos mediatizarmos e persistir em nossa própria opinião sem escutar nem mesmo entender o que se passa na mente de outra pessoa. Já passou para refletir que o posicionamento dela se é diferente do seu porque ela também possui opinião própria.

Observamos que a sociedade expõe opiniões ofensivas e que não tem caráter produtivo, como no caso das ofensas proferidas recentemente contra a filha de Giordana Gullink e Bruno Gagliasso, estes, dolorosamente, presenciaram sua filha ser chamada de "morcego" nas redes sociais.

De fato, vivemos em um período em que a maioria das pessoas, já que não sabe generalizar, quer ser dona da mais absoluta verdade, nem se quer pode mudar sua opinião porque desmentiram qualquer uma é pura intolerância!

Na verdade, deve-se tentar a criar laços familiares, uma estrutura sólida no respeito para que a pessoa em formação cresça com consciência. O lar é o lugar que se deve começar a aprender a socializar - se com as diferenças e respeitá-las.

Entretanto, isso não basta. Não há como chegar numa solução de um problema se você não discute, não fala sobre suas consequências. O primordial é o necessário é tolerar a opinião alheia porque há as opiniões que fazem um liberdade democrática, justa e, conseqüentemente, como desejamos, igualitária. Pois o fato de fazer uma opinião contrária não faz uma coisa a melhor ou pior do que ninguém, apenas demonstra que pensamos diferente.

Versão digitada

Texto do aluno A09

Por que não tolerar?

Intolerância se resume em ódio, ódio da não aceitação, do desrespeito de tudo que é diferente, daquilo que incomoda e que você não consegue aceitar.

Temos que abrir os olhos, enxergar com clareza, vivemos em um mundo com tantos problemas que precisamos nos preocupar, e muitas pessoas, infelizmente, se preocupando com algo tão banal, ou seja, se incomodando com o diferente.

Estamos em um tempo em que a intolerância está afetando gradativamente. Nós insistimos em nos mediocritizar e persistir em nossa própria opinião sem escutar nem mesmo entender o que se passa na mente de outra pessoa. Já parou para refletir que o posicionamento dela só é diferente do seu porque ela também possui opinião própria?

Observamos que a sociedade expõe opiniões ofensivas e que não tem caráter produtivo, como no caso das ofensas proferidas, recentemente, contra a filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, estes, dolorosamente, presenciaram sua filha ser chamada de “macaca” nas redes sociais.

De fato, vivemos em um período em que a maioria das pessoas, já que não posso generalizar, que ser dona da mais absoluta verdade nem se que pode mudar sua opinião porquê demonstraria fraquesa. Isso é pura intolerância!

Na verdade, deve-se voltar a criar bases familiares, uma estrutura sólida no respeito para que a pessoa em formação cresça com consciência. O lar é o lugar que se deve começar a aprender a socializar-se com as diferenças e respeitá-las.

Entretanto, isso não basta. Não há como chegar numa solução de um problema se você não discute, não fala sobre suas consequências. O primordial e o necessário é tolerar a opinião alheia porque são as opiniões que fazem um sociedade democrática, justa, e, conseqüentemente, como desejamos, igualitária. Pois o fato de termos uma opinião contrária não faz uma pessoa melhor ou pior do que ninguém, apenas demonstra que pensamos diferente.

O texto inicia-se com uma pergunta no título, deixando-o mais atrativo, além de, no seu decorrer, o aluno responder à pergunta, um recurso que muito contribui para a coerência.

No primeiro parágrafo, há uma breve explicação, recurso metalinguístico, do que é a “intolerância”, e essa definição é feita pela enumeração de alguns aspectos. Logo, no parágrafo seguinte, usa argumentos pertinentes à temática. Utiliza-se da primeira pessoa, demonstra engajamento e inclui o leitor no discurso.

Há expressões apreciativas como: Infelizmente, dolorosamente que demonstram afetividade, valoração. Faz, ainda, uso de expressões adverbiais: “gradativamente”, “recentemente conseqüentemente”, de forma articulada, bem como expressões, como “ou seja”, que reformulam, explicam melhor algo dito antes. Realiza um questionamento retórico, convida o leitor a refletir em: “Já parou para refletir que o posicionamento dela só é diferente do seu porque ela também possui opinião própria?” e, recorre a argumentos de provas concretas, cita exemplos de fatos, dando credibilidade ao texto: “[...] como o caso das ofensas proferidas, recentemente, contra a filha de Giovana Ewbank e Bruno Gagliasso”. Utiliza-se também de operadores argumentativos: “apenas”, “nem mesmo”, “entretanto”, “pois”. Apresenta expressões como: “Deve-se voltar”, “que se deve”, “[...] isso não basta” que indicam conselho, verdade, certeza diante do que é proposto.

Na passagem, “O **primordial e o necessário** é tolerar”, por exemplo, aplica adjetivações, que qualificam termos.

Outro recurso, presente no texto, é questionar a própria escrita: “De fato, vivemos em um período em que a maioria das pessoas, **já que não posso generalizar**” [...]. O autor apropria-se da marcação metadiscursiva, explicações autorreferenciais na construção enunciativa do texto.

Observa-se que o aluno faz uso dos modalizadores de forma adequada, enriquecendo os argumentos presentes no texto. Expõe os argumentos de maneira articulada. Desde o penúltimo parágrafo do texto, inicia-se a conclusão, sugerindo o que é pertinente

fazer para solucionar o problema enfrentado. Vemos que o aluno conseguiu produzir o texto, recorrendo à estrutura e características do gênero Artigo de Opinião. Em relação à temática, desenvolveu-a bem, enfatizando a importância de tolerar, de respeitar o próximo. Demonstrou ter conhecimento do assunto tratado. Explora consideravelmente os recursos linguísticos que demarcam o posicionamento do autor no texto.

Texto do aluno A29



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA - RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE



Produção textual

Tolerar é simplesmente respeitar

A intolerância sexual virou uma (prática) prática observada em todos os mundos. Hoje em dia, aceitar o outro como ele é, parece que é algo extremamente difícil.

Precisamos de mais respeito e humildade. Por que não aceitar a opção de gênero do outro? Somos todos iguais, mesmo (que) que minha opção sexual seja diferente. É certo e necessário respeitarmos para recebermos respeito por parte de todos.

Por conta da intolerância, muitos atos de agressões acontecem. Sinceramente eu acho que agressão verbal seja mais dolorosa do que agressão física, mas que esta não fere, mas aquela pode deixar traumas seríssimos e até levar a vítima a suicídio.

Poderíamos fazer mais campanhas de conscientização pelas ruas, pelas escolas com o objetivo de essas pessoas que não respeitam a opção do outro tenham a consciência de que seus atos podem apertar gravemente alguém, ou até famílias inteiras, pois as famílias saem juntas.

Mas eu sei que existem pessoas, que compartilham da mesma opinião que eu penso: acham é diferente simplesmente natural e que devemos aceitar e respeitar a diversidade que existe entre nós. Que isso possa prevalecer no mundo, amenizando essa situação que tanto aflige e fere a sociedade.

Versão digitada

Texto do aluno A29

Tolerar é simplesmente respeitar

A intolerância sexual virou uma prática absurda em todo o mundo. Hoje em dia, aceitar o outro como ele é, parece que é algo extremamente difícil.

Precizamos de mais respeito e humildade. Por que não aceitar a opção de gênero do outro? Somos todos iguais, mesmo que minha opção sexual seja diferente. É certo e necessário respeitar para receber respeito por parte de todos.

Por conta da intolerância, muitos atos de agressões acontecem. Sinceramente eu creio que agressão verbal seja mais dolorosa do que agressão física, não que esta não fere, mas aquela pode deixar traumas seríssimos e até levar a vítima agredida ao suicídio.

Poderíamos fazer mais campanhas de conscientização pelas ruas, pelas escolas com o objetivo de essas pessoas que não respeitam a opção do outro tenham a consciência de que seus atos podem afetar gravemente alguém, ou até famílias inteiras, pois as famílias sofrem juntas.

Mas eu sei que existem pessoas, que comungam da mesma opinião que eu penso: acham o diferente simplesmente natural e que devemos apoiar e respeitar a diversidade que existe entre nós. Que isso possa prevalecer no mundo, amenizando essa situação que tanto aflige e fere a sociedade.

No título do texto, há uma afirmação que nos conduz a imaginar que assunto será abordado no texto; no decorrer da leitura, notamos que o aluno fala especificamente sobre “Intolerância sexual”.

Na introdução, faz um comentário sobre a intolerância sexual, deixando rastros de que tratará desse assunto. Nos parágrafos seguintes, inicia-se a argumentação. Faz uso da pergunta para provocar uma reflexão. Aborda um fator importante, a violência gerada por causa da intolerância, algo tão grave e recorrente. Em torno disso, cita as consequências causadas pelos atos violentos. Esquematiza, no penúltimo parágrafo, sugestões para amenizar esse problema, pontuando a quem essa situação pode atingir, causando mais transtornos. No último parágrafo, optou em fazer um questionamento bem subjetivo, pois demonstra explicitamente a opinião, alargando o desejo que ele tem de que isso possa ser amenizado. Descreve esse parágrafo de forma bem reflexiva.

Em relação aos recursos linguísticos utilizados, notamos que, assim como o texto analisado anteriormente, este também soube usufruir, de forma considerável, dos elementos que marcam o posicionamento, a intenção do locutor. Foi marcante a primeira pessoa, pronomes que apontam essa subjetividade e verbos de atitude proposicional “Eu creio”, “Eu penso”. Palavras intensificadoras como “extremamente”, “gravemente” que são advérbios

modalizadores; expressões que demarcam firmeza na proposição “Precisamos de mais respeito e humildade.”, outras que sugerem algo “Precisamos fazer mais campanhas [...]”. Termos apreciativos “sinceramente”, “simplesmente”, operadores argumentativos “mas”, “pois”, também são bem percebidos neste texto. Observamos, por essa análise, que o autor do texto conseguiu, de maneira significativa, articular os argumentos.

Texto do aluno A06



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE

Profletr@S
mestrado profissional



Produção textual

Não é brincadeira, é crime

Nos dias atuais, é comum encontrar situações em que o preconceito predomina, seja de político, religioso, opção sexual, raça ou cor.

Eu poderia citar vários exemplos de cada tipo de intolerância que apresentei anteriormente, mas prefiro falar do "racial", visto que ele, de forma estampada, cresce a cada dia. A intolerância racial está presente, principalmente, na história brasileira, marcando desde o época da escravidão, até os dias atuais.

Em relacionamentos amorosos é comum um chamar o outro de "mequinha" ou "mequinhe", sendo que isso é apenas uma forma de mostrar afeto, entretanto, para pessoas mal intencionadas, essas palavras são usadas para ofender e não são apenas os negros que sofrem com o preconceito racial, eu, por exemplo, sou branca dos cabelos castanhos e já fui chamada, inúmeras vezes, de "branquinha", "qualhada", "leite azedo", entre outros nomes, todos que nos deixam desconfortáveis.

Os negros, por que pensam e ficam ofendidos? Porque gostamos de ofender o próximo? Porque nós seres humanos não podemos aceitar as diferenças de outro? Por que temos que maltratar o outro para nos sentirmos bem?

Eu deixo para vocês, caros leitores, a enorme responsabilidade de pensar em uma resposta para essas perguntas. Enquanto isso, tente olhar para as crianças, elas não são exemplo que nós deveríamos seguir. Para esses seres, ainda inocentes, a raça, a cor, ou melhor, diferenças não importam, o que os interessam, de verdade, são as pessoas que têm as melhores brincadeiras para partilhar e também o amor, o carinho e o carinho estampados nos gestos espontâneos.

Não é brincadeira, é crime

Nos dias atuais, é comum encontrar situações em que o preconceito predomina, seja ele política, religiosa, opção sexual, raça ou cor.

Eu poderia citar vários exemplos de cada tipo de intolerância que apresentei anteriormente, mas prefiro falar da “racial”, visto que ela, de forma estampada, cresce a cada dia. A intolerância racial está presente, principalmente, na história brasileira, marcando desde a época da escravidão, até os dias atuais.

Em relacionamentos amorosos é comum um chamar o outro de “neguinha” ou “neguinho”, sendo que isso é apenas uma forma de mostrar afeto, entretanto, para pessoas mal intencionadas, essas palavras, são usadas para ofender. E não são apenas os negros que sofrem com o preconceito racial, eu, por exemplo, sou branca dos cabelos castanhos, e já fui chamada inúmeras vezes, de “branquela”, “qualhada”, “leite azedo”, entre outros nomes, todos, que nos deixam desconfortáveis.

Às vezes, paro, penso e fico refletindo... Por que gostamos de ofender o próximo? Por que nós seres humanos não podemos aceitar as diferenças do outro? Por que temos que maltratar o outro para nos sentirmos bem?

Eu deixo para vocês, caros leitores, a enorme responsabilidade de pensar em uma resposta para essas perguntas. Enquanto isso, tente olhar para as crianças, elas são o exemplo que nós deveríamos seguir. Para esses seres, ainda inocentes, a raça, a cor, ou melhor, as diferenças não importam, o que interessam, de verdade, são as pessoas que têm as melhores brincadeiras para partilhar e também o amor, a doçura e o carinho estampados nos gestos espontâneos.

O autor desse texto faz uso de um título instigante; dá margem ao leitor a diversas interpretações, pois se torna amplo. Diante de tantos problemas sociais, vários aspectos podem ser abordados no texto a seguir, com base no título. Consideramos ser atrativo, pois o leitor poderá sentir a curiosidade de saber do que se refere.

Verificamos que o primeiro parágrafo e parte do segundo servem de introdução ao assunto tratado. O locutor, de início, comenta que “é comum encontrar situações em que o preconceito predomina”, sendo ele de várias formas. A partir do segundo parágrafo, ele

delimita qual irá abordar, sendo o preconceito racial seu foco, e explica o motivo da escolha. Ainda no segundo parágrafo, aborda outro elemento relevante e comenta de onde vem o preconceito racial.

A partir do terceiro parágrafo, cita exemplos comuns do dia a dia e faz uma relação de sentido com a situação de preconceito. Cita outro exemplo, ressaltando que o preconceito racial não acontece apenas com os negros, e utiliza-se de um fato pessoal. Emprega um parágrafo inteiro com perguntas, questionamentos que inclui o leitor no discurso. Todos os questionamentos são instigantes, são argumentos que têm fundamento, questões relacionadas a valores humanos.

No último parágrafo, o autor dialoga com o leitor, chama-o, diretamente, a refletir. Deixa ao leitor a responsabilidade para pensar nas respostas das perguntas realizadas no parágrafo anterior. E, ainda, sugere que tenhamos a seguinte atitude: “[...] tente olhar para as crianças, elas são o exemplo que nós deveríamos seguir”.

Neste texto, o locutor dispõe de uma linguagem clara, com exemplos simples, mas carregados de consistência. Um texto do tipo que nos deixa atentos à leitura. No tocante aos elementos linguístico-discursivos, verificamos que vários recursos foram utilizados, proporcionando uma aproximação do leitor ao texto. Há uma forte presença de marcas verbais que identificam a responsabilidade enunciativa na construção do texto “Eu poderia citar [...]”, “Paro, penso e fico refletindo”, “Eu deixo para vocês”, “e já fui chamada”. Ao realizar os questionamentos retóricos, inclui o leitor, referencia-o no discurso. O recurso das aspas é recorrente em vários momentos, em um momento para dar destaque, ênfase e em outros para se referir a expressões citadas comumente por outras pessoas. Há, ainda, a presença de operadores argumentativos, proporcionando articulação e continuidade ao texto: “Entretanto”, “às vezes”, “Enquanto isso”, “ainda”, “apenas”, “mas”, “visto que”, “até”. Indicadores modais também foram utilizados, como “deveríamos seguir”, indicando conselho; muitas proposições indicando certeza. De modo geral, apuramos que os elementos que reforçam a intenção comunicativa no texto, foram bem articulados.

Texto do aluno A24



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE

Profletr@S
mestrado profissional



Produção textual

Intolerância racial no Brasil

Em pleno século XXI, ser negro ainda é muito difícil ganhar de mais, de um século tem se passando desde a abolição da escravidão, a dificuldade do negro de se obter sucesso no mercado de trabalho e na sociedade prevalecem. Pois, mesmo com a instituição da Lei Áurea, o negro não é ainda considerado com os mesmos direitos na sociedade. Segundo Albert Einstein, "é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito".

Observa-se que o racismo está no cotidiano da população, principalmente, nas redes sociais, onde pessoas se expressam de forma indevida, agredindo virtualmente umas as outras, pela cor da pele, formas, corporais, estilo de cabelo, culturas, etc. Infelizmente, o preconceito é uma atitude presente em uma maioria e acaba constando e ferindo os sentimentos das pessoas atingidas. O respeito deve prevalecer e, muito mais do que isso, o respeito deve alcançado plenamente e o preconceito extinguido, não de forma involuntária, mas voluntariamente.

Vale salientar que o preconceito racial não parte apenas de pessoas brancas. O próprio negro, regido por sistema opressor, muitas vezes, acaba reduzindo-se, inferiorizando-se, frente às demais raças. Um experimento ofertado pelo programa de televisão "CQC" comprovou esse fato. Tal teste consistia em apresentar as crianças brancas e negras, boncas claras e escuras. A maioria das crianças julgou a boneca clara como a mais bonita, incluindo as crianças negras. Isso acontece muito, acredita-se que esses comportamentos, é algo que vem de baixo, aprendem ter essas atitudes como o exemplo dos familiares, ou convívio próximo.

com alguém que age assim.
 Portanto, ainda há muito o que se fazer para
 por um fim no racismo. Os pais precisam ensi-
 nar desde cedo aos seus filhos, que raça não
 mede caráter de ninguém.

Versão digitada

Texto do aluno A24

Intolerância racial no Brasil

Em pleno século XXI, ser negro ainda é muito difícil. Apesar de mais de um século ter se passado desde a abolição da escravidão, a dificuldade do negro de se obter sucesso no mercado de trabalho e na sociedade prevalecem. Pois, mesmo com a instituição da Lei Áurea, o negro não é ainda considerado com os mesmos direitos na sociedade. Segundo Albert Einstein, “é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.”.

Observa-se que o racismo está no cotidiano da população, principalmente, nas redes sociais, onde pessoas se expressam de forma indevida, agredindo virtualmente umas as outras, pela cor da pele, formas corporais, estilo de cabelo, culturas, etc. Infelizmente, o preconceito é uma atitude presente em uma maioria e acaba constrangendo e ferindo os sentimentos das pessoas atingidas. O respeito deve prevalecer e, muito mais do que isso, o respeito deve ser alcançado plenamente e o preconceito extinguido, não de forma involuntária, mas voluntariamente.

Vale salientar que o preconceito racial não parte apenas de pessoas brancas. O próprio negro, regido por sistema opressor, muitas vezes, acaba reduzindo-se, inferiorizando-se, frente às demais raças. Um experimento ofertado pelo programa de televisão “CQC” comprovou esse fato. Tal teste consistia em apresentar as crianças brancas e negras bonecas claras e escuras. A maioria das crianças julgou a boneca clara como a mais bonita, inclusive as crianças negras. Isso acontece muito, acredito que esses comportamentos é algo que vem de berço, aprendem ter essas atitudes como o exemplo dos familiares ou convívio próximo com alguém que age assim.

Portanto, ainda há muito o que se fazer para por um fim no racismo. Os pais precisam ensinar desde cedo aos seus filhos que raça não mede caráter de ninguém.

Esse autor optou por um título específico, que foi direto ao assunto. Aborda em sua introdução um fato histórico e faz menção a ele ao questionar que “Em pleno século XXI, ser negro ainda é muito difícil”. Nesse parágrafo primário, ele foi muito fecundo em sua exposição, pois indaga, a partir de fatos históricos, e ainda relaciona a reflexão com uma citação do discurso de um filósofo.

No segundo parágrafo, exemplifica com atitudes presentes no meio social. Cita as consequências desse ato e antecipa a conclusão, pontuando o que deve ser feito para o preconceito ser extinto. No terceiro parágrafo, continua tecendo a argumentação, citando exemplos concretos, o que contribui para exemplificação. Concluindo, apresenta uma sugestão que faz referência ao último argumento citado.

No que tange aos recursos linguísticos, consideramos que o aluno, assim como os outros citados, fez um bom uso dos elementos linguístico-discursivos. Notamos, de uma forma geral, que houve uma ampliação na escrita. Antes, apareciam em uma menor proporção, e, muitas vezes, posicionados de forma inadequada, não estabelecendo o sentido que pretendia no enunciado.

Nesse texto, a autora utilizou vários recursos: argumento de autoridade, de consenso, de provas concretas e de competência linguística. Diferente dos demais textos apresentados, essa autora não se utilizou do recurso de incluir o leitor no discurso nem de questionamentos retóricos; deixou apenas uma marca de autoria por meio da marca verbal “Acredito”. Todavia, recorreu a outros elementos, muito bem articulados, que também contribuíram para a construção de sentido do texto. Apoiou-se em operadores argumentativos “pois”, “mesmo”, “ainda”, “portanto”; advérbios modalizadores, adjetivos, expressões avaliativas e intensificadoras. Reportou-se, consideravelmente, a expressões que implicam que a proposição precisa ocorrer obrigatoriamente, como podemos observar em “O respeito deve prevalecer”, “O respeito deve ser alcançado”, “Os pais precisam ensinar”. Destarte, verificamos uma produção pautada em índices de modalizações.

A seguir, expomos, por meio de uma tabela, as ocorrências dos modalizadores nas produções textuais dos alunos após a intervenção, revelando as categorias presentes.

TABELA 2

Ocorrências dos modalizadores nas produções textuais dos alunos após a intervenção.

Tipo de Modalização	Subtipos	Exemplos	N.º de ocorrências
Epistêmica: Decorre quando o locutor expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.	Asseverativa	“Ninguém nasce odiando (...)”, “Os seres humanos sofrem preconceito (...)”, “não acho certo”, “não respeitam”, “não aceitam”, “Todos têm o direito de escolha”, “o mundo será mais lindo”, “Eu não concordo”, “A intolerância tomou conta”, “Eu creio (3) ¹⁴ ”, “iremos continuar”, “Prefiro falar (3)”, “Eu deixo”, “Não acredito”, “É certo”, “isso não basta”, “Muitos sofrem”, “acredito na verdade”, “Só através do respeito teremos um mundo melhor”, “O certo é”, “Acredito (2)”, “É comum nos dias de hoje”, “Sempre foi assim”.	28
	Quase asseverativa	“Se você quer ter”, “parece”, “Eu poderia citar”, “Poderá ser”, “provavelmente”.	05
	Delimitadora	“Teoricamente”(2), “Hoje em dia (2)”, “Nos dias atuais (2)”, “No Brasil”, “Atualmente” (6), “Particularmente”(2).	15
Deôntica Indica que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer		<i>Tem que aprender,</i> <i>Deveríamos fazer,</i> <i>Deviam seguir,</i> <i>Deve respeitar (3),</i> <i>Deveria existir,</i> <i>Devem aceitar(3),</i> <i>Deve pensar(2),</i> <i>Deveriam ser (3),</i> <i>Devemos levar,</i>	48

¹⁴ Número indicativo de ocorrência da palavra ou expressão.

		<i>Devemos educar(3), Devemos apoiar, Devemos ter, Deve impor, Deveria acabar, Deve prevalecer, Não devem brigar, Precisamos aceitar (2), Precisamos deixar, Precisam aprender (3), Precisamos preparar (2), Precisam ensinar (2), Temos que abrir os olhos, Tem que acabar (3), É preciso aprender (2), Devem viver, Tem que respeitar (2), Podem aprender, Deveria haver, Tem que proporcionar, Temos que aceitar.</i>	
Afetiva O falante verbaliza suas reações emotivas em face do conteúdo da proposição.		<i>Desprezíveis, desconfortáveis, Infelizmente (5), Sinceramente (3), Gradativamente, Principalmente (4), Gravemente, Primordial, Necessário, Bem difícil (2), Irreversíveis, Bem comum, Extremamente difícil, Simplesmente, Seríssimos.</i>	25
Total			121

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base na teoria de Castilho e Castilho (1993, p. 222-223).

Os elementos modalizadores presentes nos textos dos alunos não se limitaram ao que foi inserido na tabela, pois há outros recursos explícitos e, também, implícitos presentes nos textos. Fizemos uso, entretanto, nesta tabela, da categoria citada por Castilho e Castilho (1993). Assim, realizaremos uma comparação com base na tabela elaborada, a partir do diagnóstico, citando as categorias postuladas por esses mesmos autores.

Podemos perceber, nos textos dos alunos, que houve um avanço nas produções textuais após a intervenção. Verificamos elevado uso dos modalizadores linguístico-discursivos nos textos e, ao analisarmos em que segmento ocorreu maior presença, percebemos que foi em categorias que contribuem para adesão maior do leitor ao texto, sendo este, justamente, o nosso propósito, uma vez que trabalhamos com textos da esfera argumentativa, cuja finalidade é convencer os interlocutores das visões de mundo apresentadas.

Conforme Castilho e Castilho (1993), a modalização Epistêmica Asseverativa demonstra, em sua proposição, algo como certo, como verdadeiro. Mostra que o locutor está comprometido com o que fala. Possibilita ao leitor crer, notar firmeza no que está sendo proferido. Ocorreu um número considerável dessa classe de modalizadores, 28 ocorrências, e um avanço em relação aos resultados apresentados anteriormente no diagnóstico.

Verificamos que a modalização Epistêmica Quase-asseverativa apresentou baixa frequência, apenas 05. Essa categoria indica hipótese, algo provável, quase possível. Essa classe veicula a ideia de isenção na responsabilidade do que foi dito. Denotamos que nesse gênero textual não é favorável esse tipo de ocorrência, pois o locutor, dependendo da situação, não se sente obrigatoriamente responsável pelo que diz, se o engajamento foi menor. Com essa porcentagem, notamos que os alunos compreenderam que essa categoria não é relevante para esse tipo de texto.

Logo a seguir, observamos os Epistêmicos Delimitadores que estabelecem limites, isto é, restringem um sentido dentro de um campo semântico. Houve pouca ocorrência, contabilizamos 15. Notamos que, nessa categoria, o mais significativo não foram os números, mas sobretudo as expressões utilizadas pelos alunos, as quais eram, antes, pouco presentes em seus textos. Já os modalizadores Deonticos apuramos uma presença de 48 deles; notamos um número expressivo ao analisarmos tanto os textos em relação às outras classes quanto aos números da tabela do diagnóstico. Identificamos que, nos parágrafos de desenvolvimento dos textos, ou seja, na argumentação propriamente dita e, principalmente, na conclusão, houve concentração desse recurso. Nessas partes do texto, há necessidade de estabelecer um caráter pontual do posicionamento do autor e de um caráter de imperatividade ao sugerir algo para amenizar ou, até mesmo, para solucionar o problema, pois prediz o que precisa acontecer.

Por fim, observamos os modalizadores Afetivos, nomeados por Bronckart (2012) de “Apreciativos”. Esse grupo apresentou também um número satisfatório, detectamos 25. Esses elementos explicitaram marcas avaliativas, através de adjetivos e advérbios. Apesar de o texto ser do gênero Artigo de Opinião, não deixa de carregar traços de subjetividade.

Notamos que, nessa categoria, o mais significativo não foram os números, mas sobretudo as expressões utilizadas pelos alunos, as quais eram, antes, pouco presentes em seus textos.

Verificamos, de modo geral, nos textos analisados após a intervenção, que ocorreu o uso satisfatório desses elementos, pois nossos alunos passaram a fazer uso de forma adequada, contribuindo para que o propósito comunicativo acontecesse efetivamente. Observamos, também, que até em relação à extensão textual, os que foram produzidos após a intervenção foram maiores em relação aos textos analisados no diagnóstico. Acreditamos que esse fator ocorreu por termos ofertado ao aluno um acréscimo na “bagagem de conhecimento” e por termos trabalhado de forma mais interativa, o que lhes forneceu mais segurança nos momentos de escrita dos textos.



FIGURA 17 - A turma
Fonte: Arquivo pessoal

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos as ações propostas neste trabalho, reafirmamos que são necessárias práticas de leitura e escrita, a fim de que os alunos adquiram habilidades e competências eficazes para uma participação mais efetiva nas atividades sociais que requeiram letramento, engajamento social, cultural. O professor, ao dispor de um posicionamento mediador, deve ser presença capaz de conduzir, de forma efetiva, o ensino-aprendizagem com vistas ao letramento.

É válido salientar que o docente deve assumir a posição de agente capaz de dinamizar sua prática docente, com atividades que conduzam, de maneira clara, às habilidades e competências que os alunos necessitam adquirir para uma inserção social efetiva. Para tanto, o professor deve estar ciente de que sua formação precisa ser contínua.

Este trabalho constituiu um avanço em nossa prática pedagógica, pois contribuiu com uma mudança de postura dos nossos alunos frente ao texto e com sua inserção em práticas de letramento mais significativas para a sua vida, especificamente, no que tange à argumentação, que tem tido notoriedade nos debates a respeito leitura e escrita, na conjuntura atual, que necessita de sujeitos ativos e conscientes de seus deveres e direitos.

Compreendemos, pela nossa experiência, que o exercício com a escrita do texto constitui uma tarefa desafiadora para o professor, já que percorre a leitura, a compreensão e interpretação textual, processos que exigem do aluno esforço e dedicação para que as habilidades necessárias sejam atingidas. Além disso, é perceptível que os alunos não são mais os mesmos; os conteúdos e seus significados também ganharam outra proporção. É preciso que o aluno possa relacionar o conteúdo didático com seu dia a dia, perceber a importância desse conhecimento e não simplesmente aprender por aprender. É imprescindível também que o professor conheça a dificuldade do aluno para, a partir desse ponto, desenvolver atividades que atendam às suas reais necessidades. Citamos esses fatores devido às alterações inevitáveis do tempo e, principalmente, ao fato de que vivemos em uma sociedade que se aprimora a cada dia, que se transforma na contemporaneidade.

Em tempos de constantes transformações, é necessário perceber o quanto se deve enfatizar o aprimoramento profissional na formação continuada, sobretudo na nossa categoria profissional. Nessa perspectiva, devemos rever nossos conceitos e práticas, e, com olhar

pesquisador, realizar as mudanças necessárias à prática em sala de aula. Com esse intuito, desenvolvemos este trabalho e propomos após o diagnóstico uma intervenção direcionada à produção textual.

A ênfase dada, neste estudo, foi ao texto opinativo que apresenta a argumentação em suas particularidades e nela estão contidos os elementos linguístico-discursivos que marcam a intenção do autor. Assim, o nosso foco de estudo na escrita do texto foi proporcionar que os alunos compreendessem a relevância desses elementos linguístico-discursivos e os utilizassem de forma adequada no texto, a fim de que o propósito comunicativo de um enunciado fosse atingido. Assim, estratégias no âmago dessa proposta foram desenvolvidas.

O trabalho desenvolvido na intervenção foi por meio de oficinas de escrita. A metodologia utilizada foi norteada pelos moldes da Sequência Didática do grupo de Genebra, Dolz *et al.* (2004); um conjunto de atividades modulares ao alcance da realidade da escola pública. Tendo em vista esse modelo, a intervenção foi direcionada por módulos sequenciais. Agrupamos os conteúdos e atividades de forma que essa disposição contribuísse para a aprendizagem do aluno, pois, ao planejar, cuidamos para que os elementos em estudo estivessem interligados sequencialmente. É válido lembrar que o planejamento foi elaborado com base nas dificuldades e também conhecimentos prévios dos alunos, visto que essa preparação é um dos elementos primordiais da sequência, pois é a partir dela que poderemos consolidar, com maestria, as atividades.

Com base no trabalho efetuado, abordando a Sequência Didática de Dolz *et al.* (2004), notamos, evidentemente, o quanto é necessário aplicar atividades que focalizam o gênero textual, suas particularidades, dando enfoque a discussões que norteiem, socialmente, temas relevantes.

Constatamos que, com o trabalho de leitura e escrita realizado com elementos de modalização discursiva e seus efeitos de sentido, utilizados em estratégias argumentativas no gênero Artigo de Opinião, os alunos pesquisados compreenderam e passaram a utilizar, de maneira mais efetiva, esses recursos em suas práticas de leitura e escrita e, também, no uso da linguagem oral de forma dinâmica e mais consciente. Sabemos que cada aluno atua de acordo sua proficiência na escrita. Eles captaram o papel essencial dos modalizadores linguístico-discursivos no que tange à apuração das intenções de um autor ao escrever seu texto. Com as intenções evidenciadas, os interlocutores terão a oportunidade de detectar no discurso o que é consistente na estratégia de argumentação do enunciador. Além disso, não menos relevante, os alunos passaram a se posicionar diante de determinado assunto, mostraram-se mais

confiantes e participativos nas discussões, contribuindo para construção de uma maior criticidade, reflexão necessária ao envolvimento em uma sociedade em constantes transformações.

Constatamos que esta pesquisa nos proporcionou uma reavaliação das nossas práticas tradicionais, a partir de um estudo teórico e prático e, conseqüentemente, passamos a ter um olhar crítico-reflexivo em torno do ensino. Com a perspectiva de desenvolvermos melhoria no processo de ensino, pois inquietamo-nos. Por meio dos estudos, pretendemos, doravante, agir e nos posicionar de forma diferente, frente às situações que estão por vir.

No epílogo da nossa pesquisa, certificamos a relevância do estudo realizado e da intervenção desenvolvida. A ressignificação do fazer pedagógico contribuiu para que os avanços ocorressem, pois etapas foram estabelecidas e critérios de avaliação foram utilizados para que, caso tivesse surgido necessidade, o processo seria flexibilizado com o objetivo de direcionar melhor as atividades e, assim, consolidar as competências almejadas.

Nessa perspectiva, é imprescindível que a formação do aluno tenha como meta a aquisição de conhecimentos básicos, competências e habilidades que viabilizem sua inserção na sociedade como um sujeito mais consciente dos seus direitos e deveres. Por isso, o discente necessita de uma sistematização eficiente no processo de ensino-aprendizagem em qualquer componente curricular.

Concluimos, portanto, que, ao realizar um trabalho sequencial, reflexivo, interacional (texto/aluno/professor) e voltado para práticas sociais, os resultados, em relação à aprendizagem, foram positivos. É perceptível que a Sequência Didática, cuja finalidade é ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permite-lhe escrever ou falar de maneira mais adequada em situações de uso daquele gênero. Ou seja, é um instrumento importante para aquisição do conhecimento.

Reafirmamos, por conseguinte, a necessidade de o professor realizar a formação continuada, a fim de provocar a reflexão sobre a organização e articulação das práticas em sala de aula, promovendo, assim, uma dinâmica para que voltemos nosso olhar para as reais necessidades dos estudantes e, conseqüentemente, estabelecermos um elo entre teoria e prática, encontrando meios para que, cada vez mais, ocorram mudanças no contexto escolar, em prol de uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Bene. **Desfaqueamento já!** Gazeta do Povo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/conteudo.phtml?tl=1&id=1515166&tit=Desfaqueamento-ja!>>. Acesso em: 03 jan. 2017.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNS ao professor real de língua portuguesa: são os PCNS praticáveis. In: ROJO, Roxane (ORG.) **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo/Campinas: Educ/Mercado das Letras, 2000. p. 149-181.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luzia Neri. 3ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976. p. 284-293.
- BESSA, Braúlio . **Respeito à diversidade**. Disponível em: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/poesia-com-rapadura/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.
- BLOG DO REDAÇÃO ONLINE. Disponível em: <<https://redacaonline.com.br/blog/discurso-de-odio-e-a-liberdade-de-expressao/em>>. Acesso em: 20 set. 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules**. São Paulo: Parábola, 2013.

BOUER, Jairo. Brutalidade não pode ser reação à cantada. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2211201012.htm>>. Acesso em: 04 de fev. 2017.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com o artigo de opinião: re-visando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (ORG.) **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo/Campinas: Educ/Mercado das Letras, 2000. p. 221-247.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna de Rachel Machado, Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

BRUNO, Jhonatas. **O assunto é tudo**. Disponível em: <<http://oassuntoetudo.blogspot.com.br/2012/05/protesto-entendeu-diferenca.html>>. Acesso em 20 de set. 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** Tradução Raul Filker. São Paulo: Editora Brasiliense: 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigo de opinião. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 178-193.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. Espinosa, 2016.

ESTADÃO CONTEÚDO. Disponível em: <<http://istoe.com.br/em-sao-januario-flamengo-bate-vasco-em-classico-com-briga-nas-arquibancadas/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

JUNIÃO. Não, não somos racistas. Disponível em: <<http://www.juniao.com.br/nao-nao-somos-racistas/>> Acesso em: jul. 2017.

KLEIMAN, Angela B. Abordagens da Leitura. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Gogalo. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUFT, Lya. Conceito e preconceito. **Veja**. São Paulo, n. 28, ed. 2220, ano 44, 8 de jun. 2011.

LUFT, Lya. Legado aos nossos filhos - Texto adaptado. **Veja**, São Paulo, n. 2082, p. 24, 15 out. 2008.

LUFT, Lya. **Medo e preconceito**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-medo-e-preconceito/>>. Acesso em: 7 maio 2015.

MACHADO, Ida Lúcia. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de Leitura. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 6, p. 63-77, jun. 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e finalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem**. São Paulo: Moderna, 2016. p. 190-192.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS_TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIMENTA, Selma; FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação:** possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão escolar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Flávio dos. Intolerância religiosa é crime. Disponível em: <<http://profempreendedor.blogspot.com.br/2015/06/intolerancia-religiosa-e-crime.html>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SAYÃO, Rosely. **No lugar do outro.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1684752-no-lugar-do-outro.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum – Português.** Educação Básica – Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries), 2008.

SILVA, Walleska Bernardino. **Redes sociais em pauta:** a produção de um artigo de opinião. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55817>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TATIT, Tania. **As redes sociais digitais:** necessidade ou vício? Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio-8jnamnfke5oj65eam8x5a3d5a>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1994.

Vídeo do cordel apresentado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ip-mOeXo8c4>>. Acesso em: 2 out. 2017.

ANEXO A

**Questionário aplicado aos alunos**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa - Linha 2: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Sublinha: Ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual.

Prof^a.: Dr.^a Carla Roselma Athayde Moraes

Mestranda: Renata Soares Dias - Data: ____/____/2017.

Questionário¹⁵ Nº 1 – Perfil de Aluno

Nome: _____ Código: _____

1- Sexo A (☐) Masculino B (☐) Feminino

2- Onde mora? A. (☐) Zona Urbana

Bairro: _____

Rua: _____

B. (☐) Zona Rural – Localidade: _____

3 – Você nasceu em Espinosa?

A. (☐) Sim.

B. (☐) Não. Em: _____

4- Em que ano você nasceu?

A. (☐) 1999 ou depois

B. (☐) 1998

C. (☐) 1997

D. (☐) 1996

E. (☐) 1995

F. (☐) 1994

G. (☐) 1993

H. (☐) 1992

¹⁵Algumas questões deste questionário foram baseadas no site Q-Edu, disponível em: <<http://www.qedu.org.br/escola/149025-em-jose-maria-dos-mares-guia/pessoas/aluno9ano>>. Acesso em: 15 de out. 2016.

5– Com quantas pessoas você mora?

- A. ☐ com mais 1 pessoa
- B. ☐ com mais 2 pessoas
- C. ☐ com mais 3 pessoas
- D. ☐ com mais 4 pessoas
- E. ☐ com mais 5 pessoas
- F. ☐ com mais de 5 pessoas

6 – Você mora com:

- A. ☐ pai
- B. ☐ mãe
- C. ☐ irmão
- D. ☐ tio
- E. ☐ tia
- F. ☐ avô
- G. ☐ avó
- H. ☐ padrasto
- I. ☐ madrastra
- J. ☐ outro tipo de parente
- K. ☐ outro

7 – Quem é(são) o(os) responsável(is) por você?

- A. ☐ pai
- B. ☐ mãe
- C. ☐ irmão
- D. ☐ tio
- E. ☐ tia
- F. ☐ avô
- G. ☐ avó
- H. ☐ padrasto
- I. ☐ madrastra
- J. ☐ outro tipo de parente
- K. ☐ outra pessoa que não seja da família

8– A(s) pessoa(s) responsável(is) por você tem(têm):

- A. ☐ pelo menos até a antiga 4ª série
- B. ☐ pelo menos até a antiga 8ª série
- C. ☐ pelo menos até o antigo segundo grau
- D. ☐ curso superior
- E. ☐ especialização
- F. ☐ mestrado
- G. ☐ doutorado
- H. ☐ nunca frequentou escola

9-A(s) pessoa(s) responsável(is) por você lê(leem)?

- A. ☐ sim
- B. ☐ não
- C. ☐ não sei

10- Com que frequência seus pais ou responsável(is) vão à reunião escolar?

- A. ☐ sempre ou quase sempre

- B. ☐ de vez em quando
- C. ☐ nunca ou quase nunca

11_ Seus pais ou responsável(is) incentivam você a estudar?

- A. ☐ sim
- B. ☐ não

12_ Seus pais ou responsável(is) incentivam você a ler?

- A. ☐ sim
- B. ☐ não

13 – Você trabalha?

- A. ☐ Sim. Com o quê? _____
- B. ☐ não

14 – Em sua casa há:

- A. ☐ geladeira
- B. ☐ fogão
- C. ☐ biblioteca (livros)
- D. ☐ carro
- E. ☐ computador sem acesso à *internet*
- F. ☐ computador com acesso à *internet*
- G. ☐ televisão
- H. ☐ rádio
- I. ☐ máquina de lavar roupa
- J. ☐ tanquinho
- K. ☐ moto
- L. ☐ televisão a cabo
- M. ☐ bicicleta

15 – Na sua casa há:

- A. ☐ banheiro fora
- B. ☐ banheiro dentro
- C. ☐ um quarto
- D. ☐ dois quartos
- E. ☐ três quartos
- F. ☐ mais de três quartos

16–Fora da escola, quanto tempo você se dedica aos estudos?

- A. ☐ menos de uma hora
- B. ☐ uma hora
- C. ☐ duas horas
- D. ☐ mais de três horas
- E. ☐ nenhum tempo

17 –Em casa, quanto tempo você fica na televisão, na *internet* ou em jogos eletrônicos?

- A. ☐ menos de uma hora
- B. ☐ uma hora
- C. ☐ duas horas
- D. ☐ entre duas e três horas
- E. ☐ mais de três horas
- F. ☐ nenhuma das opções

- 18 – Você geralmente:
- A. ☐ vai ao teatro
 - B. ☐ vai ao cinema
 - C. ☐ assiste à televisão
 - D. ☐ acessa a *internet*
 - E. ☐ não realiza essas atividades
- 19 – Com que frequência você lê jornal:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ vez ou outra na semana
 - C. ☐ nunca leio
- 20 – Com que frequência você lê revistas de celebridade, novelas, seriados:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ vez ou outra na semana
 - C. ☐ nunca leio
- 21 – Com que frequência você lê histórias em quadrinhos:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ vez ou outra na semana
 - C. ☐ nunca leio
- 22 – Com que frequência você lê algo da *internet*:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ vez ou outra na semana
 - C. ☐ nunca leio
- 23– Com que frequência você lê livros em geral:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ uma vez ao ano
 - C. ☐ duas vezes ao ano
 - D. ☐ três vezes ao ano
 - E. ☐ mais de três vezes ao ano
 - F. ☐ nunca leio
- 24– Com que frequência você lê livros de literatura infanto-juvenil:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ uma vez ao ano
 - C. ☐ duas vezes ao ano
 - D. ☐ três vezes ao ano
 - E. ☐ mais de três vezes ao ano
 - F. ☐ nunca leio
- 25 – Com que frequência você lê a Bíblia:
- A. ☐ sempre
 - B. ☐ vez ou outra na semana
 - C. ☐ nunca leio
- 26 – O que você geralmente lê é por:
- A. ☐ indicação de algum membro da família
 - B. ☐ indicação de algum colega
 - C. ☐ indicação do professor
 - D. ☐ vontade própria
 - E. ☐ sentir-se obrigado

F. ☐ nenhuma das opções

27 – Com que frequência você vai a uma biblioteca:

- A. ☐ sempre
- B. ☐ uma vez na semana
- C. ☐ duas vezes na semana
- D. ☐ mais de duas vezes na semana
- E. ☐ nunca vou

28 – Com que frequência você vai à biblioteca da escola:

- A. ☐ sempre
- B. ☐ uma vez na semana
- C. ☐ duas vezes na semana
- D. ☐ mais de duas vezes na semana
- E. ☐ nunca vou

29 – Quando você vai à biblioteca da escola, você geralmente:

- A. ☐ vai pedir algum material emprestado que não seja livro
- B. ☐ vai pedir livro didático e livro para leitura emprestado
- C. ☐ vai pedir apenas livro didático
- D. ☐ vai pedir apenas livro para leitura
- E. ☐ vai assistir a filmes
- F. ☐ nenhuma das opções

30 – A(s) pessoa(s) responsável(veis) por você:

- A. ☐ sabe(m) ler e escrever muito bem
- B. ☐ não sabe(m) ler e escrever
- C. ☐ uma sabe ler e escrever e a outra não sabe ler e escrever
- D. ☐ nenhuma das opções

31 – Você se considera:

- A. ☐ excelente aluno.
- B. ☐ bom aluno.
- C. ☐ um aluno razoável.
- D. ☐ péssimo aluno.

ANEXO B

Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES 																
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP																
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA																
Título da Pesquisa: O uso dos modalizadores discursivo-textuais na construção do sentido do texto opinativo de alunos do ensino fundamental																
Pesquisador: Renata Soares Dias																
Área Temática:																
Versão: 1																
CAAE: 58822116.6.0000.5146																
Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES																
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio																
DADOS DO PARECER																
Número do Parecer: 1.687.448																
 Apresentação do Projeto:																
A pesquisa será de cunho qualitativo em que se desenvolverá uma pesquisa-ação através de análises de textos dos alunos pesquisados																
Objetivo da Pesquisa:																
Desenvolver estratégias que estimulem os alunos à prática de leitura, propiciando reconhecer o posicionamento discursivo presente nos textos do locutor, através da realização de inferências ocasionadas pelo uso de recursos modalizadores.																
 Avaliação dos Riscos e Benefícios:																
Os riscos/desconfortos considerados pelos pesquisadores no termo de assentimento livre e esclarecido diz respeito ao desconforto de não obter êxito esperado no objetivo do estudo.																
Benefícios: Aprimoramento da leitura e escrita de textos argumentativos.																
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:																
Pesquisa importante na área do desenvolvimento de estratégias para estimular a leitura entre estudantes do ensino fundamental.																
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:																
Todos de acordo com normas do CEP.																
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"><tr><td colspan="4">Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib</td></tr><tr><td colspan="2">Bairro: Vila Mauricéia</td><td colspan="2">CEP: 39.401-089</td></tr><tr><td>UF: MG</td><td>Município: MONTES CLAROS</td><td colspan="2"></td></tr><tr><td>Telefone: (38)3229-8180</td><td>Fax: (38)3229-8103</td><td colspan="2">E-mail: smelocosta@gmail.com</td></tr></table>	Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib				Bairro: Vila Mauricéia		CEP: 39.401-089		UF: MG	Município: MONTES CLAROS			Telefone: (38)3229-8180	Fax: (38)3229-8103	E-mail: smelocosta@gmail.com	
Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib																
Bairro: Vila Mauricéia		CEP: 39.401-089														
UF: MG	Município: MONTES CLAROS															
Telefone: (38)3229-8180	Fax: (38)3229-8103	E-mail: smelocosta@gmail.com														

Página 01 de 03

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 1.687.448

MONTES CLAROS, 19 de Agosto de 2016

21

Assinado por:

SIMONE DE MELO COSTA
(Coordenador)

Prof.ª Simone de Melo Costa
Coordenadora do Comitê de Ética
Pesquisa da Unimontes
Inep 0384211-9

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 1.687.448

Recomendações:

Enviar relatório final da pesquisa na plataforma Brasil em enviar "notificação".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O comitê de ética avaliou o projeto e entende que o mesmo respeita os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, sendo assim somos favoráveis ao mesmo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_771391.pdf	15/08/2016 17:39:50		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo4.pdf	15/08/2016 17:31:28	Renata Soares Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo3.pdf	15/08/2016 17:31:04	Renata Soares Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo2.pdf	15/08/2016 17:30:25	Renata Soares Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo1.pdf	15/08/2016 17:29:49	Renata Soares Dias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto1508.docx	15/08/2016 16:46:56	Renata Soares Dias	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	15/08/2016 16:42:55	Renata Soares Dias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib

Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089

UF: MG **Município:** MONTES CLAROS

Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

ANEXO C

Texto da pausa protocolada

No lugar do outro

Crianças e adolescentes têm aprendido com a nossa dificuldade em conviver com as diferenças

Estamos vivendo uma crise intensa: a das relações humanas. Todos os dias testemunhamos ou protagonizamos, tanto na vida presencial quanto na virtual, comportamentos e atitudes que vão do ódio declarado ou sutil ao desdém em relação ao outro. As relações humanas, sempre tão complexas, exigem, no entanto, delicadeza, atenção e compromisso social. Tem sido difícil manter a saúde mental e a qualidade de vida no contexto atual.

Quais os argumentos que a autora deve ter utilizado para embasar o texto?

Crianças e adolescentes já dão sinais claros de que têm aprendido muito com nossa dificuldade em conviver com as diferenças e de respeitá-las; de tentar colocar-se no lugar do outro para compreender suas posições e atitudes; de ter compaixão; de conflitar em vez de confrontar; de agir com doçura, por exemplo. Conseguir fazer isso é ter empatia com o outro.

Pais e professores têm reclamado de comportamentos provocativos, desrespeitosos, desafiadores e desobedientes dos mais novos. Entretanto, se pudéssemos nos dedicar por alguns momentos à auto-observação, constataríamos essas características também em nós, adultos.

Mas são os mais novos que levam a pior nessa história: crianças e adolescentes que desobedecem, desafiam e têm comportamentos considerados agressivos, como os nossos, podem receber diagnósticos e orientação para tratamento. Conheço famílias com filhos diagnosticados com "Transtorno Desafiador Opositivo", porque têm comportamentos típicos da idade.

Há uma grande preocupação global com a nossa atual falta de empatia. Um sinal disso foi a inauguração, em Londres, do primeiro Museu da Empatia.

Nele, os visitantes são convocados a experimentar/enxergar o mundo pelo olhar de um outro – não próximo ou conhecido, mas um outro com quem eles não têm qualquer relação. A expressão que deu sentido ao museu é a expressão inglesa "in your shoes" (em seus sapatos), que em língua portuguesa significa "em seu lugar".

Os visitantes se deparam, na entrada, com uma caixa com diferentes pares de sapatos usados. Escolhem um de seu número para calçar e recebem um áudio que conta uma parte da história da pessoa que foi dona daquele par.

Desenvolver a empatia é uma condição absolutamente necessária para ensiná-la aos mais novos. Aliás, eles podem tê-la mais facilmente do que nós. Um pai me contou, comovido, que conversava com um amigo a respeito da situação de muitos refugiados de países em guerra e que comentou que não adiantava a busca por outro local, já que a crise de empregos era

mundial. Seu filho, de sete anos, que estava por perto, perguntou de imediato: "Pai, se tivesse guerra aqui, você preferiria que eu morresse?". Ele mudou de ideia.

Estacionar o carro em vaga de idosos, grávidas e portadores de deficiência é mais do que contravenção: é falta de empatia. Reclamar da lentidão dos velhos é mais do que desrespeito: é falta de empatia. Agredir ostensivamente o outro por suas posições é mais do que dificuldade em lidar com as diferenças: é falta de empatia. Do mesmo modo, reclamar do comportamento dos mais novos é falta de empatia.

A empatia pode provocar uma grande mudança social, diz Roman Krznari, estudioso do tema. Vamos desenvolvê-la para ensiná-la?

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1684752-no-lugar-do-outro.shtml>> . Acesso em 18 de jul. de 2017.

ANEXO D

Texto do cordel

Respeito à diversidade

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito,
Seja AMOR, seja muito AMOR,
E se mesmo assim for difícil ser, não precisa ser perfeito,
Se não der para ser amor, seja pelo menos respeito.

Há quem nasceu para julgar e quem nasceu para AMAR,
E é tão simples entender em qual lado a gente está.
E o lado certo é AMAR.
AMAR para respeitar, AMAR para tolerar,
AMAR para compreender que ninguém tem o dever de ser igual a você.

O amor é a própria cura, remédio para qualquer mal,
Cura o amado e quem ama, o diferente e o igual.
Talvez seja essa verdade, que pela anormalidade que todo amor é normal.

Não é estranho ser negro, estranho é ser racista.
Não é estranho ser podre, estranho é elitista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
Estranho é ser rico em grana e pobre de sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem o meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
Meu corpo não é estranho, estranho é a escravidão que aprisiona seus olhos na grade de um
padrão.
Minha fé não é estranha, estranho é a acusação que acusa inclusive quem não tem religião.
O mundo sim é estranho, com tanta diversidade ainda não aprendeu a viver em igualdade.
Entender que estamos percorrendo a mesma estrada, pretos, brancos, coloridos em uma só
caminhada.
Não carece de visão por raça, religião, nem por sotaque “OXENTE”, seja homem ou mulher,
você só é o que é por também ser diferente.

Por isso a minha poesia que sai aqui do meu peito, diz aqui.
Que a diferença não é nenhum defeito, eu reforço esse clamor...
SE NÃO DER PARA SER AMOR, QUE SEJA AO MENOS RESPEITO.

Braúlio Bessa . Respeito à diversidade Disponível em:
<http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/poesia-com-rapadura/>. Acesso em 2 de out. 2017.

APÊNDICE A

Atividade de intervenção 2



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE

Profletras
mestrado profissional

Medo e preconceito

Lya Luft

O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo. Precisávamos atacar antes que ele nos destruísse. Assim, se de um lado aniquilava, de outro esse medo nos protegia - a perpetuação da espécie era o impulso primeiro.

Hoje, quando de trogloditas passamos a ditos civilizados, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para nossa sobrevivência natural; para expressar nossa inferioridade assustada, vestida de arrogância. Que mata sob muitas formas, em guerras frequentes, por questões de raça, crença e outras, e na agressão a pessoas vitimadas pela calúnia, injustiça, isolamento e desonra. Às vezes, por um gesto fatal.

Que medo é esse que nos mostra tão destrutivos? Talvez a ideia de que "ele é diferente, pode me ameaçar", estimulada pela "inata maldade do nosso lado de sombra (ele existe, sim).

Nossa agressividade de animais predadores se oculta sob uma camada de civilização, mas está à espreita - e explode num insulto, na perseguição a um adversário que enxovalhamos porque não podemos vencê-lo com honra, ou numa bala nada perdida. Nessa guerra ou guerrilha usamos muitas armas: uma delas, poderosa e sutil, é a palavra.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro" Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude...e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

De momento está em evidência a agressão racial em campos esportivos: "negro", "macaco" e outros termos, usados como chibata para massacrar alguém, revelam nosso lado pior, que em outras circunstâncias gostaríamos de disfarçar - a grosseria, e a nossa própria inferioridade. Nesses casos, como em agressões devidas à orientação sexual, a atitude é crime, e precisamos da lei.

No país da impunidade, necessitamos de punição imediata, severa e radical. Me perdoem os seguidores da ideia de que até na escola devemos eliminar punições, a teoria do "sem limites". Não vale a desculpa habitual de "não foi com má intenção, foi no calor da hora, não deem importância". Temos de nos importar, sim, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país. Algumas doenças precisam de remédios fortes: preconceito é uma delas.

"Isso não tem jeito mesmo", me dizem também. Acho que tem. É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

Num país que sofre de tamanhas carências em coisas essenciais, não devíamos ter energia e tempo para perseguir o outro, causando-lhe sofrimento e vexame, por suas ideias, pela cor de sua pele, formato dos olhos, deuses que venera ou pessoa que ama.

Nossa energia precisa se dedicar a mudanças importantes que o povo reclama. Nestes tempos de perseguição, calúnia, impunidade e desculpas tolas, só o rigor da lei pode nos impedir de recair rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso.

Lya Luft. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-medo-e-preconceito/>>.

Acesso em: 7 maio 2015.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE

Profletras
mestrado profissional

Alunos(as): A 13 e A11

➡ ATENÇÃO, ALUNO!

Caso não compreenda o sentido de alguma expressão no texto, discuta com os colegas para obter a compreensão. Lembre-se de que é necessário analisar o contexto para obter o efetivo significado da palavra.

1. Responda às questões com base no artigo Medo e preconceito, de Lya Luft.

a) Como a autora justifica a importância de tratar o tema do preconceito?

O tema é importante porque o medo por ele atingido de uma forma ou de outra, como autores ou como vítimas dele.

b) Explique por que, com base na autora, é possível afirmar que o preconceito é uma postura primitiva.

Sim, o preconceito nasce do medo sua raiz cultural primitiva antropológica está nos tempos mais primitivos por isso é uma postura primitiva.

2. O título insinua que há uma relação entre o sentimento de medo e o preconceito. Quais relações Lya Luft pontua entre esses elementos?

preconceito nasce do medo e tudo diferente era sem. Ela fala que eles atacavam para se proteger.

3. O último parágrafo apresenta uma conclusão sobre o tema. Sintetize a principal sugestão da autora para resolver o problema do preconceito.

Não precisamos mudar o mundo não muito imper. Tanto mais as pessoas reclamam. O racismo acontece muito e nos temos a culpa.

4. A autora, ainda nesse parágrafo, chama a atenção do leitor para o risco de recairmos em atos que lembrem o que ela chama de "velha selvageria". Considerando as ideias apresentadas no primeiro parágrafo, explique o sentido dessa expressão.

preconceito que o outro era diferente foi quem atacados.

➡ Fique atento!

Em um artigo de opinião, o primeiro parágrafo contextualiza o tema que será tratado no texto e antecipa a posição do autor sobre esse tema. Já o parágrafo de conclusão retoma as ideias apresentadas anteriormente e/ou aponta soluções para os problemas levantados no texto.

5- Leia os parágrafos a seguir.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram: houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro". Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude... e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

Segundo a autora, as palavras podem ser uma das armas utilizadas nos enfrentamentos gerados pelo preconceito. Ela afirma que as palavras podem ser, ao mesmo tempo, "carícias ou punhais".

a) Explique o significado dessa afirmação.

que algumas palavras podem ser um simples elogio ou um chingento, e que também palavras que podem ser usadas como armas.

b) Como a autora comprova que as palavras podem ser carícias?

com o fato da pessoa falar, a maneira de como a pessoa age ao falar com o outro.

c) Como ela comprova que as palavras podem ser punhais?

com expressões do tipo "gordo", "idiota", "ignorantes" que podem ferir os sentimentos dos outros.

Para convencer o leitor ou o ouvinte de uma dada opinião, é necessário apresentar motivos que sejam capazes de justificá-la. Os motivos usados em um texto com a intenção de convencer recebem o nome de argumentos.

Um dos tipos de argumentos que podem ser usados são os exemplos, que oferecem aos leitores fatos concretos para comprovar que a opinião defendida.

6. Releia o parágrafo a seguir.

[...] É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

a) Identifique no parágrafo dois enunciados que sintetizam os argumentos apresentados para defender o ponto de vista da autora.

"É possível conviver de forma honrada com o diferente", "Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer."

b) Qual a função de citar o exemplo de sua família nesse trecho do texto?

Por ela falar que não ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros.

c) Nesse mesmo parágrafo, a autora apresenta outra justificativa que pode ser utilizada para confirmar seu ponto de vista. Que justificativa é essa?

"Somos todos da velha raça humana."

Em um artigo de opinião e em textos argumentativos, em geral, o autor precisa refutar os argumentos contrários aos seus para que sua opinião prevaleça. O argumento usado para combater outro é chamado de **contra-argumento**. Para elaborar contra-argumentos, é necessário saber quais ideias contrárias às que defenderá são mais correntes entre seus leitores.



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Medo e preconceito

Lya Luft

O tema é **espinhoso**. **Todos somos** por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo. **Precisávamos atacar** antes que ele nos destruísse. **Assim**, se de um lado **aniquilava**, de outro esse medo **nos protegia** - a perpetuação da espécie era o impulso primeiro.

Hoje, quando de **trogloditas** passamos a **ditos civilizados**, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para **nossa sobrevivência** natural; para expressar **nossa inferioridade** assustada, vestida de **arrogância**. Que mata sob muitas formas, em guerras frequentes, por questões de raça, crença e outras, e na agressão a pessoas vitimadas pela calúnia, injustiça, isolamento e desonra. **Às vezes**, por um gesto fatal.

Que medo é esse que **nos mostra** tão destrutivos? Talvez a ideia de que "ele é diferente, pode me ameaçar", estimulada pela "inata maldade do nosso lado de sombra (ele existe, sim).

Nossa agressividade de animais predadores se oculta sob uma camada de civilização, mas está à espreita - e explode num insulto, na perseguição a um adversário que **enxovalhamos** porque **não podemos vencê-lo** com honra, ou numa bala nada perdida. Nessa guerra ou guerrilha **usamos** muitas armas: uma delas, **poderosa e sutil**, é a palavra.

Paradoxais são as palavras, que **podem ser carícias ou punhais**. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram houve um tempo, recente, em que **não podíamos usar** a palavra "negro". **Tinha de ser "afrodescendente"**, ou **cometíamos** um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude...e afinal **descobrimos** que, em lugar de evitar a palavra, **podíamos honrá-la**.

Lembremos que termos usados para agredir também **podem ser** expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", **podem chamar** uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para **bullying**, **frequentemente** é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. **Ao mesmo tempo**, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um **odioso** preconceito.

De momento está em **evidência** a agressão racial em campos esportivos: "negro", "macaco" e outros termos, usados como **chibata para massacrar alguém**, revelam **nosso lado pior**, que em outras circunstâncias **gostaríamos** de disfarçar - a grosseria, e a **nossa própria inferioridade**. Nesses casos, como em agressões devidas à orientação sexual, a atitude é crime, e **precisamos da lei**.

No país da impunidade, necessitamos de punição imediata, severa e radical. Me perdoem os seguidores da ideia de que até na escola **devemos eliminar** punições, a teoria do "sem limites". Não vale a desculpa habitual de "não foi com má intenção, foi no calor da hora, não deem importância". **Temos de nos importar, sim**, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país. Algumas doenças **precisam** de remédios fortes: preconceito é uma delas.

"Isso não tem jeito mesmo", me dizem também. **Acho que tem**. É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: **somos todos da velha raça humana**. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. **Simplemente** entenderam que as diferenças **podem enriquecer**.

Num país que sofre de **tamanhas** carências em coisas essenciais, **não devíamos ter** energia e tempo para perseguir o outro, causando-lhe sofrimento e vexame, por suas ideias, pela cor de sua pele, formato dos olhos, deuses que venera ou pessoa que ama.

Nossa energia **precisa se dedicar** a mudanças importantes que o povo reclama. **Nestes tempos de perseguição**, calúnia, impunidade e desculpas tolas, **só o rigor da lei pode nos impedir** de recair rapidamente na velha selvageria. **Mudar é preciso**.

Lya Luft. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-medo-e-preconceito/>>.

Acesso em: 7 maio 2015



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Alunos(as): A33 e A7

➡ ATENÇÃO, ALUNO!

Caso não compreenda o sentido de alguma expressão no texto, discuta com os colegas para obter a compreensão. Lembre-se de que é necessário analisar o contexto para obter o efetivo significado da palavra.

1. Responda às questões com base no artigo Medo e preconceito, de Lya Luft.

a) Como a autora justifica a importância de tratar o tema do preconceito?

"O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores e como leitores dele".

b) Explique por que, com base na autora, é possível afirmar que o preconceito é uma postura primitiva.

"O preconceito nasce do medo, que origina cultura, pesquisa, antropologia que está nos tempos mais primitivos. Por isso é uma postura primitiva - um que tem diferente era um possível inimigo".

2. O título insinua que há uma relação entre o sentimento de medo e o preconceito. Quais relações Lya Luft pontua entre esses elementos?

"A relação que o preconceito nasce do medo. Tudo diferente era inimigo e precisava atacar para se proteger".

3. O último parágrafo apresenta uma conclusão sobre o tema. Sintetize a principal sugestão da autora para resolver o problema do preconceito.

"Nossa energia precisa se desviar a mudanças importantes que o povo reclama. Nosso tempo de perseguição, calúnia, impiedade e desculpas delas, não se ruga da lei, pode não impedir de recuar rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso".

4. A autora, ainda nesse parágrafo, chama a atenção do leitor para o risco de recairmos em atos que lembrem o que ela chama de "velha selvageria". Considerando as ideias apresentadas no primeiro parágrafo, explique o sentido dessa expressão.

Atitudes agressivas, intolerantes e desculpas delas.

➡ Fique atento!

Em um artigo de opinião, o primeiro parágrafo contextualiza o tema que será tratado no texto e antecipa a posição do autor sobre esse tema. Já o parágrafo de conclusão retoma as ideias apresentadas anteriormente e/ou aponta soluções para os problemas levantados no texto.

5- Releia os parágrafos a seguir.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombam: houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro". Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude... e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

Segundo a autora, as palavras podem ser uma das armas utilizadas nos enfrentamentos gerados pelo preconceito. Ela afirma que as palavras podem ser, ao mesmo tempo, "carícias ou punhais".

a) Explique o significado dessa afirmação.

As palavras podem ser carinhosas e sem intenção de respeito e carinhos, e por outro lado podem ser rudes, difamatórias, desrespeitosas etc.

b) Como a autora comprova que as palavras podem ser carícias?

Exemplificações que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que vai assinar bilhetes a pessoas queridas.

c) Como ela comprova que as palavras podem ser punhais?

Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam mais do que ignorância, um odioso preconceito.

Para convencer o leitor ou o ouvinte de uma dada opinião, é necessário apresentar motivos que sejam capazes de justificá-la. Os motivos usados em um texto com a intenção de convencer recebem o nome de argumentos.

Um dos tipos de argumentos que podem ser usados são os exemplos, que oferecem aos leitores fatos concretos para comprovar que a opinião defendida.

6. Leia o parágrafo a seguir.

[...] É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

a) Identifique no parágrafo dois enunciados que sintetizam os argumentos apresentados para defender o ponto de vista da autora.

[...] É possível conviver de forma honrada com o diferente.

[...] Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros.

b) Qual a função de citar o exemplo de sua família nesse trecho do texto?

Para demonstrar que é possível conviver de forma honrada com o diferente.

c) Nesse mesmo parágrafo, a autora apresenta outra justificativa que pode ser utilizada para confirmar seu ponto de vista. Que justificativa é essa?

Somos todos da velha raça humana. Que significa que atacamos para nós defender.

➡ Em um artigo de opinião e em textos argumentativos, em geral, o autor precisa refutar os argumentos contrários aos seus para que sua opinião prevaleça. O argumento usado para combater outro é chamado de **contra-argumento**. Para elaborar contra-argumentos, é necessário saber quais ideias contrárias às que defenderá são mais correntes entre seus leitores.

APÊNDICE B

Atividade de intervenção 3

Alunos: **A19 e A24**

Módulo 02- Análise do posicionamento do autor

ATENÇÃO!
Os alunos deverão ler o texto a seguir, em dupla. Após a leitura, deverão, sob a orientação da professora, explorar qual a função desempenhada pelos trechos destacados, isto é, esclarecer sobre o posicionamento do leitor sobre o conteúdo tratado.

TEXTO 01

Brutalidade não pode ser reação à cantada
Jauro Bouer

INFELIZMENTE, em menos de um mês tenho que voltar ao tema da violência **gratuita**, face aos incidentes que aconteceram **em plena** avenida Paulista, quando um grupo de quatro menores e um garoto de 19, todos de classe média e **teoricamente** "educados", agrediram outros jovens.

A coluna está sendo escrita um dia após os agressores terem sido liberados pelas autoridades responsáveis. Há indícios (**segundo a própria polícia**) de que a motivação para alguns dos ataques no dia 14 tenha sido a homofobia.

A defesa alega que não houve homofobia, mas uma **simples** briga de jovens, **talvez** motivada por um **suposto** flerte de um dos garotos que foi agredido. Os agredidos e outras testemunhas **negam** que houve **qualquer tipo de contato anterior** e **dizem** que os agressores **já chegaram batendo**.

Vamos supor que houve uma briga que nasceu de uma cantada. Desde quando a forma de se reagir a qualquer tipo de cantada, vindo ela de homens ou de mulheres, é uma agressão **brutal**? Cinco garotos atacando um jovem sozinho é uma **simples** briga? **Na melhor** das hipóteses, é **pura** covardia. **Na pior**, é um ato **preconceituoso e bárbaro**.

Não dá para admitir tal comportamento como sendo natural, um rito de passagem, agressividade normal de meninos, necessidade de afirmação frente ao grupo e falta de limites colocados pelos pais, entre outras alegações. É uma selvageria **inadmissível** e, para isso, existe lei, julgamento e **eventuais** responsabilizações.

Tendo a achar que a melhor maneira de aprender é trabalhar aquilo que é sensível. Assim, que tal colocar alguém que não sabe lidar com sua própria agressividade em um trabalho comunitário com vítimas de violência contra a mulher, de preconceito e de homofobia? **Talvez, no contato com aquilo que incomoda, a gente cresça e aprenda a ser um adulto melhor.** (Grifo nosso)

Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fp/folhaaoe/fm2211201012.htm>>. Acesso em 18 de jul. de

Trechos destacados:

Infelizmente - Algo que não poderia estar acontecendo
Gratuita - Uma violência sem motivo.
Em plena - Que é um lugar público e tem muito movimento.
Teoricamente - Considerados, certamente.
Segundo a própria polícia - Que a polícia informou a informação.
Simples - Algo sem muita importância.
Suposto - Algo inventado.
Talvez - Dúvida / Possivelmente
Negam - que houve qualquer tipo de contato anterior e dizem que os agressores já chegaram batendo. Afirmando que não houve nenhum contato anterior.
Brutal - Algo muito forte.
Na melhor - Excelente.
Pura - fazer ação por completo.
Na pior - no ponto mais negativo.
Preconceituoso - falta de respeito.
Bárbaro - que foi ao extremo negativo.
Não dá para admitir tal comportamento - Não dá para admitir tal comportamento. Não tem como aceitar.
Inadmissível - impossível de aceitar.
Eventuais - que não é constante.
Tendo a achar - que na minha opinião.
Talvez - no contato com aquilo que incomoda, a gente cresce e aprende a ser um adulto melhor.



A4 e A 14

Módulo 02- Análise do posicionamento do autor

⇒ ATENÇÃO!

Os alunos deverão ler o texto a seguir, em dupla. Após a leitura, deverão, sob a orientação da professora, explicitar qual a função desempenhada pelos trechos destacados, isto é, esclarecer sobre o posicionamento do locutor sobre o conteúdo tratado.

TEXT01

Brutalidade não pode ser reação à cantada

Jairo Bouer

INFELIZMENTE, em menos de um mês tenho que voltar ao tema da violência **gratuita**, face aos incidentes que aconteceram **em plena** avenida Paulista, quando um grupo de quatro menores e um garoto de 19, todos de classe média e **teoricamente** "educados", agrediram outros jovens.

Há indícios (**segundo a própria polícia**) de que a motivação para alguns dos ataques no dia 14 tenha sido a homofobia.

A defesa alega que não houve homofobia, mas uma **simples** briga de jovens, **talvez** motivada por um **suposto** flerte de um dos garotos que foi agredido. Os agredidos e outras testemunhas **negam** que houve qualquer tipo de contato anterior e **dizem** que os agressores **já chegaram batendo**.

Vamos supor que houve uma briga que nasceu de uma cantada. Desde quando a forma de se reagir a qualquer tipo de cantada, vindo ela de homens ou de mulheres, é uma agressão **brutal**? Cinco garotos atacando um jovem sozinho é uma **simples** briga? **Na melhor** das hipóteses, é **pura** covardia. **Na pior**, é um ato **preconceituoso e bárbaro**.

Não dá para admitir tal comportamento como sendo natural, um rito de passagem, agressividade normal de meninos, necessidade de afirmação frente ao grupo e falta de limites colocados pelos pais, entre outras alegações. É uma selvageria **inadmissível** e, para isso, existe lei, julgamento e **eventuais** responsabilizações.

Tendo a achar que a melhor maneira de aprender é trabalhar aquilo que é sensível. Assim, que tal colocar alguém que não sabe lidar com sua própria agressividade em um trabalho comunitário com vítimas de violência contra a mulher, de preconceito e de homofobia? Talvez, no contato com aquilo que incomoda, a gente cresça e aprenda a ser um adulto melhor. (Grifo nosso)

Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fgv/folha/tec/fm2211201012.htm> >. Acesso em 18 de jul. de 2011.

Trochos destacados:

Trechos destacados:

Envolvemento : Pasa un momento id. contigo.

Gratis : For members sometimes.

Am. J. = 200 lugares públicos.

Psittacanthus javanicus

Segundo a própria polícia: Aumento do tráfico

Example: "Mars appears to have water."

Palazzo: Alga di cavatiga

Supposito: invenit

Impressus one-house one-house two chevrons antennae red

Explain the following in brief:

• Agreement - the agreement between the two parties to the contract.

Ortal: 24000000

plg. melhor: com avelã - maciço

புறம்: பிழைக்கக் கூடிய அளவிற்கு இது பயனாக வருவதில்லை.

Chlorophyll a and b content

Resistencia: $20 \text{ } \Omega$

2.2. $\text{Pr}(\text{A} \mid \text{B}) = \frac{\text{Pr}(\text{A} \cap \text{B})}{\text{Pr}(\text{B})}$

plão de novo colônias tal como o primeiro: plão de novo

also, the paper, the
method

regular. Also, the number of correlations

moderately common in the area

Yendo a guisa de: Un Párrafo

3.º) Interpretar com palavras que um círculo, a gente

crucis e apuntes a ser non valute melle.

Chlorophyll a

Immunization is important

APÊNDICE C

Atividade de intervenção 4

	ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE	
Aluno: A10	Texto lacunado No lugar do outro (Rosely Sayão)	
Crianças e adolescentes têm aprendido com a <u>nossa</u> dificuldade em conviver com as diferenças <u>testemunhamos</u> vivendo uma crise intensa: a das relações humanas. Todos os dias <u>testemunhamos</u> ou <u>protagonizamos</u> tanto na vida presencial quanto na virtual, comportamentos e atitudes que vão do ódio <u>podemos</u> ao desdém em relação ao outro. As relações humanas, <u>pode</u> <u>podemos</u> delicadeza, atenção e compromisso social. <u>tem sido difícil</u> manter a saúde mental e a qualidade de vida no contexto atual. Crianças e adolescentes <u>já</u> dão sinais <u>claros</u> de que <u>tem</u> <u>aprendido</u> com <u>nossa atual</u> dificuldade em conviver com as diferenças e de respeitá-las; de tentar colocar-se no lugar do outro para compreender suas posições e atitudes; de ter compaixão; de conflitar em vez de confrontar; de agir com doçura, por exemplo. Conseguir fazer isso é ter empatia com o outro. Pais e professores <u>tem reclamado</u> de comportamentos provocativos, desrespeitosos, desafiadores e desobedientes dos mais novos. <u>vamos</u>, se <u>absolutamente necessária</u> dedicar por alguns momentos à auto-observação, <u>pode provocar</u> essas características <u>constataríamos</u> em nós, adultos. <u>de maneira mais</u> são os mais novos que levam a pior nessa história: crianças e adolescentes que desobedecem, desafiam e têm comportamentos considerados agressivos, como os nossos, <u>podem receber</u> diagnósticos e orientação para tratamento. <u>tem grande</u> famílias com filhos diagnosticados com "Transtorno Desafiador Opositivo", porque têm comportamentos típicos da idade. Há uma grande preocupação global com a <u>nossa atual</u> falta de empatia. Um sinal disso foi a inauguração, em Londres, do primeiro Museu da Empatia. Nele, os visitantes são convocados a experimentar/exnergar o mundo pelo olhar de um outro – não próximo ou conhecido, <u>qualquer</u> um outro com quem eles não têm <u>muito</u> relação. A expressão que deu sentido ao museu é a expressão inglesa "in your shoes" (em seus sapatos), que em língua portuguesa significa "em seu lugar". Os visitantes se deparam, na entrada, com uma caixa com diferentes pares de sapatos usados. Escolhem um de seu número para calçar e recebem um áudio que conta uma parte da história da pessoa que foi dona daquele par. Desenvolver a empatia é uma condição <u>absolutamente</u> para ensiná-la aos mais novos. <u>diversos</u>, eles <u>podemos - lá</u> mais <u>facilmente</u> do que nós. Um pai me contou, <u>comovido</u>, que conversava com um amigo a respeito da situação de muitos refugiados de países em guerra e que comentou que não adiantava a busca por outro local, <u>já</u> que a crise de empregos era mundial. Seu filho, de sete anos, que estava por perto, perguntou de imediato: "Pai, se tivesse guerra aqui, você preferiria que eu morresse?". Ele mudou de ideia. Estacionar o carro em vaga de idosos, grávidas e portadores de deficiência <u>é mais do que</u> contravenção: é falta de empatia. Reclamar da lentidão dos velhos <u>é mais do que</u> desrespeito: é falta de empatia. Agredir <u>ostensivamente</u> o outro por suas posições <u>é mais do que</u> dificuldade em lidar com as diferenças: é falta de empatia. <u>temeramos modo</u>, reclamar do comportamento dos mais novos é falta de empatia. A empatia <u>pode provocar</u> uma grande mudança social, diz Roman Krznari, estudioso do tema. <u>desenvolvê-la para ensiná-la</u>. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1684752-no-lugar-do-outro.shtml. Acesso em 18 de jul. de 2017.		
Quadro com elementos modalizadores		
Nossa / facilmente / Estamos / pode provocar/ ostensivamente/ /podem receber / mas é mais do que / Todos os dias/ testemunhamos ou protagonizamos/ declarado ou sutil/ é mais do que / sempre/ Vamos desenvolvê-la para ensiná-la? / é mais do que/ nossa atual/ tão complexas, exigem, no entanto, / Tem sido difícil/ Já/ claros/ Do mesmo modo/ Conheço/ qualquer / têm aprendido/ muito/ nossa/ já Aliás/ têm reclamado/ entretanto/ nossa atual/ pudéssemos/ nos/ absolutamente necessária/ constataríamos/ também/ Mas/ comovido/ podem receber. <u>Podem lá - lá</u>		



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE

Profletr@
mestrado profissional

Aluno: A25

Texto lacunado
No lugar do outro (Rosely Sayão)

Crianças e adolescentes têm aprendido com a relação dificuldade em conviver com as diferenças relacionando vivendo uma crise intensa: a das relações humanas. Todos os dias interrompendo ou desconhecendo tanto na vida presencial quanto na virtual, comportamentos e atitudes que vão do ódio relacionando ao desdém em relação ao outro. As relações humanas, relacionando delicadeza, atenção e compromisso social. relacionando manter a saúde mental e a qualidade de vida no contexto atual.

Crianças e adolescentes já dão sinais claros de que precisam trabalhar com mais dificuldade em conviver com as diferenças e de respeitá-las; de tentar colocar-se no lugar do outro para compreender suas posições e atitudes; de ter compaixão; de conflitar em vez de confrontar; de agir com doçura, por exemplo. Conseguir fazer isso é ter empatia com o outro.

Pais e professores temo de comportamentos provocativos, desrespeitosos, desafiadores e desobedientes dos mais novos. mas, se absolutamente necessário dedicar por alguns momentos à auto-observação, então essas características vão passar em nós, adultos.

Qualquer são os mais novos que levam a pior nessa história: crianças e adolescentes que desobedecem, desafiam e têm comportamentos considerados agressivos, como os nossos, qualquer diagnósticos e orientação para tratamento. Sempre famílias com filhos diagnosticados com "Transtorno Desafiador Opositivo", porque têm comportamentos típicos da idade.

Há uma grande preocupação global com a crônica falta de empatia. Um sinal disso foi a inauguração, em Londres, do primeiro Museu da Empatia.

Nele, os visitantes são convocados a experimentar/enxergar o mundo pelo olhar de um outro – não próximo ou conhecido, um outro com quem eles não têm quodammodo relação. A expressão que deu sentido ao museu é a expressão inglesa "in your shoes" (em seus sapatos), que em língua portuguesa significa "em seu lugar".

Os visitantes se deparam, na entrada, com uma caixa com diferentes pares de sapatos usados. Escolhem um de seu número para calçar e recebem um áudio que conta uma parte da história da pessoa que foi dona daquele par.

Desenvolver a empatia é uma condição absolutamente necessária para ensiná-la aos mais novos. Além, eles podem tê-la mais facilmente do que nós. Um pai me contou, sem ela, que conversava com um amigo a respeito da situação de muitos refugiados de países em guerra e que comentou que não adiantava a busca por outro local, pois que a crise de empregos era mundial. Seu filho, de sete anos, que estava por perto, perguntou de imediato: "Pai, se tivesse guerra aqui, você preferiria que eu morresse?". Ele mudou de ideia.

Estacionar o carro em vaga de idosos, grávidas e portadores de deficiência é falta de empatia
 contravenção: é falta de empatia. Reclamar da lentidão dos velhos é falta de respeito é falta de
 empatia. Agredir o outro por suas posições é falta de respeito
 dificuldade em lidar com as diferenças: é falta de empatia. reclamar do
 comportamento dos mais novos é falta de empatia.

A empatia Paulo Freire uma grande mudança social, diz Roman Krznari, estudioso do tema.

.Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayaio/2015/09>

/1684752-no-lugar-do-outro.shtml. Acesso em 18 de jul. de 2017.

Quadro com elementos modalizadores

Nossa / facilmente / Estamos / pode provocar/ ostensivamente/ /podem receber / mas é mais do que /
 Todos os dias/ testemunhamos ou protagonizamos/ declarado ou sutil/ é mais do que / sempre/ Vamos
 desenvolvê-la para ensiná-la? / é mais do que/ nossa atual/ tão complexas, exigem, no entanto./ Tem sido difícil/
 Já/ claros/ Do mesmo modo/ Conheço/ qualquer / têm aprendido/ muito/ nossa/ já/ Aliás/ têm reclamado/
 entretanto/ nossa atual/ pudéssemos/ nos/ absolutamente necessária/ constataríamos/ também/ Mas/ Podem
 comovido/ podem receber.

APÊNDICE D

Atividade de intervenção 5

ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Alunos: A4, A13, A30, A 32.





Figura: Imagem da página da revista Veja que apresenta o artigo da colunista Lya Luft.

Europa, não da África, e também não eram índios. Não acredito em campanhas governamentais pró-anti-qualquer preconceito. Penso que o governo não deve fazer campanhas nesse sentido, mas garantir, de saída e por princípio, o direito de qualquer pessoa ao respeito e dignidade próprios, em todas as questões, desde comida, saúde, escola, moradia, até privacidade e intimidade. Aos diferentes sobretudo, mas a questão inicial é: quem estabelece o padrão do "diferente", e "diferente" do quê? Aliás, nossa intimidade anda em segundo plano nesta sociedade, nesta cultura do eschachado, da calça arriada, do olhar devassador (e devastador) estimulado pela internet que eu tanto uso com outros fins. Por que não tentamos ser simplesmente naturais? Por que achar que somos melhores que os outros, que nossas ideias, postura ou tendências são as que todos deviam seguir? Por que não aceitamos o outro como ele é, quem sabe gago, tímido, gordo, baixo, alto demais, magro demais, talvez lento de raciocínio, possivelmente de outra raça ou credo, ou pobre, ou amando lá do seu jeito? Sem o tratar como coitadinho, que é o que em geral as campanhas fazem - algumas bem - intencionadas. Posso estar errada. Muitas vezes me engano. Não tenho todas as informações. Mas tenho voz nesta coluna, então tento partilhar minhas inquietações. Por isso, aliás, escrevo. Precisamos preparar nossas crianças, em casa - onde tudo começa, repito mais uma vez, eu que sou repetidora do que me apaixona ou assusta -, na escola, nos grupos, mesmo na universidade, para a aceitação, a parceria em relação a tudo e todos - menos o crime, a corrupção, o mau caráter, o cinismo e a violência. Isto deveria ser natural, até banal, cotidiano, caseiro, constante: respeitar o outro. E começar respeitando a si próprio, sua dignidade, seu corpo, sua natureza, suas possibilidades. Suas dificuldades. De propósito não estou me prendendo a questões de orientação sexual, mas a tudo: assexuados, sexuados demais, pobres, ricos, obtusos ou de cérebros sofisticados, com tênis de grife ou cambaios, de pele escura ou clarinha - filhos de doutor ou de catador -, todos somos pobres humanos querendo apoio e valorização, tantas vezes submetidos a interesses não confessados de quem no fundo está desinteressado ou expostos à futilidade alheia. A vida já é bem difícil, sobretudo para os jovens que entram neste mundo atropalhado no qual alguns ditam as regras (que muitas vezes eles mesmos não seguem), comandam o circo, enveredam por caminhos sem conhecer direito o destino e inventam modas sem saber as consequências. O poder, o mando, são pesada carga. Deviam nos fazer, a cada passo, parar um pouco para refletir: sei do que estou falando, conheço o que estou ordenando, entendi qual será o efeito disso que permito ou que estímulo em cada momento?

Não é difícil iniciar e comandar alguma campanha. Há quem grite que não se deve ter "nenhum preconceito, contra coisa nenhuma". Vamos com calma. Não se pode igualar tudo. Não simpatizo com o dono da verdade, o libertário sem causa, o herói sem preconceitos, o discurso fácil. Eu, sinceramente, tenho - mantenho - preconceito contra algumas coisas: a desonestidade, a arrogância, a irresponsabilidade, o culto do poder estão entre elas.

Lya Luft. Conceito e preconceito. Revista Veja. 8 de junho de 2011. Edição 2220, Editora ABRIL- ano 44- nº 23.

Análise do texto

1) Qual o interlocutor preferencial desse gênero textual?

Indiferente! Adultos e adolescentes da revista veja

2) Onde foi publicado? Na revista veja

3) A linguagem está adequada ao veículo de circulação? Justifique:

Sim. Pois foi publicado em uma revista

4) Qual assunto debatido?

O preconceito

5) Qual o posicionamento da autora sobre esse assunto?

Ela é contra o preconceito e pensa que o governo não deve fazer campanha, mas garantir a segurança

6) Quais os argumentos utilizados pela autora para assegurar o seu posicionamento?

"Também em meus romances e contos". "É desonesto".
que muitos vejam eles mesmos não vejam.

7) Você concorda ou discorda do ponto de vista exposto? Justifique:

Concordo. Porque não devemos ter preconceito e sim respeito ao próximo

8) No texto, a autora utiliza palavras ou expressões para manifestar sua intenção, marcas de subjetividade, seu posicionamento. Identifique esses termos, marcando-os no texto.

9) Essas expressões são produtivas na argumentação instaurado no texto? Discuta com seus colegas.

Sim. Pois essas expressões ajudam a autora a expressar suas opiniões

10) Os sinais de pontuação, muitas vezes, são utilizados para marcar as diferentes entonações, reproduzir as emoções e intenções do falante. Dessa forma, volte ao texto, localize sinais de pontuação que pretender demarcar alguma intenção do autor.

Interrogação, aspas, os parenteses



Luft
Lya

Além disso, a falta de educação, sobretudo de nível médio, impede que a maioria da população tenha acesso aos serviços. Seria um erro pensar exclusivamente que é o que não se tem, ou as condições físicas — algumas vezes ruins — que impedem o acesso. Porém, não é assim. Muitas vezes, o acesso físico não é o problema. O problema é a falta de informação. Muitas vezes, a população não sabe onde ir, nem como ir. Muitas vezes, não sabe o que fazer, nem o que esperar. Muitas vezes, não sabe o que pedir, nem o que receber. Muitas vezes, não sabe o que fazer, nem o que esperar. Muitas vezes, não sabe o que pedir, nem o que receber.

“Eu, sinceramente, tenho — mantenho — preconceito contra algumas coisas: a desonestidade, a arrogância, a irresponsabilidade e culto do poder estão entre elas”



Não é difícil identificar e comandar alguma campanha. Há quem diga que não se deve se "meturar" pessoalmente, contra certos problemas. Também está calma. Não se pode "gastar" nada. Não comparecer com o dono da verdade, o líder, não está ruim, e talvez não precise, de discurso fácil. E, sinceramente, todos — mas não — precisam contra algumas coisas: a desconfiança, a intolerância, a irresponsabilidade, o mal da saúde pública, entre outras.

Conceito e preconceito

LYA LUFT
Revista Veja

Preconceito e campanhas antipreconceito são o item da moda. Porque tudo é moda, mania, às vezes obsessão passageira. Sempre, **também** em **meus** romances e contos, combati preconceito: contra os de pele diferente ou outros olhos, cabelo **assim** ou assado, baixinhos, gordos, menos inteligentes, com **qualquer** dificuldade física ou lesão mental, ou jeito de amar. Preconceito é inato no ser humano, nasce do medo do diferente, exige lucidez e esforço para ser vencido. Em **meu** mais recente livro, A Riqueza do Mundo, tenho um capítulo inteiro **falando** nisso. Se alguém diz que "brancos de olhos azuis" são responsáveis por problemas do país, eu me sinto grandemente atacada. **Não posso** ser questionada porque há quase três séculos meus antepassados **vieram** da

Europa, não da África, e também não eram índios. Não acredito em campanhas governamentais pró-anti-qualquer preconceito. Penso que o governo não deve fazer campanhas nesse sentido, mas garantir, de saída e por princípio, o direito de qualquer pessoa ao respeito e dignidade próprios, em todas as questões, desde comida, saúde, escola, moradia, até privacidade e intimidade. Aos diferentes sobretudo, mas a questão inicial é: quem estabelece o padrão do "diferente", e "diferente" do quê? Aliás, nossa intimidade anda em segundo plano nesta sociedade, nesta cultura do escrachado, da calça arriada, do olhar devassador (e devastador) estimulado pela internet que eu tanto uso com outros fins. Por que não tentamos ser simplesmente naturais? Por que achar que somos melhores que os outros, que nossas ideias, postura ou tendências são as que todos deviam seguir? Por que não aceitamos o outro como ele é, quem sabe gago, tímido, gordo, baixo, alto demais, magro demais, talvez lento de raciocínio, possivelmente de outra raça ou credo, ou pobre, ou amando lá do seu jeito? Sem o tratar como coitadinho, que é o que em geral as campanhas fazem - algumas bem - intencionadas. Posso estar errada. Muitas vezes me engano. Não tenho todas as informações. Mas tenho voz nesta coluna, então tento partilhar minhas inquietações. Por isso, aliás, escrevo. Precisamos preparar nossas crianças, em casa - onde tudo começa, repito mais uma vez, eu que sou repetidora do que me apaixona ou assusta -, na escola, nos grupos, mesmo na universidade, para a aceitação, a parceria em relação a tudo e todos - menos o crime, a corrupção, o mau caráter, o cinismo e a violência. Isto deveria ser natural, até banal, cotidiano, caseiro, constante: respeitar o outro. E começar respeitando a si próprio, sua dignidade, seu corpo, sua natureza, suas possibilidades. Suas dificuldades. De propósito não estou me prendendo a questões de orientação sexual, mas a tudo: assexuados, sexuais demais, pobres, ricos, obtusos ou de cérebros sofisticados, com tênis de grife ou cambaios, de pele escura ou clarinha - filhos de doutor ou de catador -, todos somos pobres humanos querendo apoio e valorização, tantas vezes submetidos a interesses não confessados de quem no fundo está desinteressado ou expostos à futilidade alheia. A vida já é bem difícil, sobretudo para os jovens que entram neste mundo atrapalhado no qual alguns ditam as regras (que muitas vezes eles mesmos não seguem), comandam o circo, enveredam por caminhos sem conhecer direito o destino e inventam modas sem saber as consequências. O poder, o mando, são pesada carga. Deviam nos fazer, a cada passo, parar um pouco para refletir: sei do que estou falando, conheço o que estou ordenando, entendi qual será o efeito disso que permito ou que estímulo em cada momento?

Não é difícil iniciar e comandar alguma campanha. Há quem grite que não se deve ter "nenhum preconceito, contra coisa nenhuma". Vamos com calma. Não se pode igualar tudo. Não simpatizo com o dono da verdade, o libertário sem causa, o herói sem preconceitos, o discurso fácil. Eu, sinceramente, tenho - mantenho - preconceito contra algumas coisas: a desonestidade, a arrogância, a irresponsabilidade, o culto do poder estão entre elas.

Lya Luft. Conceito e preconceito. Revista Veja. 8 de junho de 2011. Edição 2220, Editora ABRIL- ano 44- nº 23.

Análise do texto

1) Qual o interlocutor preferencial desse gênero textual?

Jovens e adultos.

2) Onde foi publicado? Foi publicado pela revista veja.

3) A linguagem está adequada ao veículo de circulação? Justifique:

Sim. Pois é um texto jornalístico.

4) Qual assunto debatido?

Conceito e preconceito.

5) Qual o posicionamento da autora sobre esse assunto?

O posicionamento da autora é de pessoas felizes pela novas escolhas e de ensinarmos a novas crianças, a enfrentar e conviver com diferenças.

6) Quais os argumentos utilizados pela autora para assegurar o seu posicionamento?

"Penso que o governo não deve fazer campanhas nesse sentido, mas garantir o direito de qualquer pessoa". Precisamos preparar novas crianças em casa, para elas aceitarem a parceria com todos.

7) Você concorda ou discorda do ponto de vista exposto? Justifique:

Sim. Pois devemos respeitar o próximo e a si mesmo.

8) No texto, a autora utiliza palavras ou expressões para manifestar sua intenção, marcas de subjetividade, seu posicionamento. Identifique esses termos, marcando-os no texto.

9) Essas expressões são produtivas na argumentação instaurado no texto? Discuta com seus colegas.

Sim. Por que fortalece a tese da autora.

10) Os sinais de pontuação, muitas vezes, são utilizados para marcar as diferentes entonações, reproduzir as emoções e intenções do falante. Dessa forma, volte ao texto, localize sinais de pontuação que pretender demarcar alguma intenção do autor.

vírgula, aspas, exclamação, interrogação, travessão, dois

APÊNDICE E

Slide com exposição do assunto

 ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA PROFESSORA - RENATA SOARES DIAS TURMA: 9º ANO - RESPONSABILIDADE  Módulo 4: Elementos que revelam a intenção do locutor	⇒ É importante pontuar que, no processo interativo e argumentativo em que se constrói o gênero artigo de opinião, o locutor faz uso da linguagem e recorre a diversas estratégias argumentativas que a língua lhe põe à disposição para alcançar a adesão do interlocutor. Um desses mecanismos consiste no uso de elementos do discurso, cuja função é revelar a intenção do locutor.
⇒ Esses recursos conferem ao texto a marcação do ponto de vista do sujeito, são constituintes das estratégias argumentativas, porque pressupõem a intenção do sujeito argumentante, os propósitos discursivos do texto. ⇒ Diante disso, verifica-se a importância da ênfase em um trabalho nos modalizadores do discurso, uma vez que possibilita utilizar, adequadamente, esses recursos para construir uma efetiva argumentação. E o nosso estudo será com enfoque no gênero artigo de opinião.	Exemplos de elementos que indicam atitudes ou posicionamentos do falante perante aquilo que ele diz: ⇒ Na organização do discurso (a sua classificação do discurso em categorias tais como os modos de organização enunciativo, narrativos, descritivo e argumentativo). ⇒ Termos através de sistemas formais que indicam ações: Eu ordeno, eu proíbo, eu permito... ⇒ - Através de palavras que qualificam: "É lindo, lindo!" ou "horrível", "espantoso" 
⇒ Através de termos que intensificam: Sem dúvida; incontestavelmente... ⇒ Em marcas pessoais: Eu penso que... Eu devo... Eu duvido que... Eu creio... Nós acreditamos.. ⇒ Expressões apreciativas: Felizmente, Infelizmente, Tristemente... ⇒ Entonação que permite, por exemplo: distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral.	⇒ Palavras que demonstram a força argumentativa: um pouco, quase, apenas, mesmo, somente, até, só... ⇒ Expressões que indicam certeza, dúvida, desejo, etc.: poder, dever, querer, precisar etc.; Exemplos através de enunciados:

-João pode andar pela praia hoje.

-João deve andar pela praia hoje.

-João precisa andar pela praia hoje.

→ Às vezes, **repetições** na enunciação podem ser índices de modalidades.

"Pessoas que não circulam, não possuem amigos, não se informam, não leem, enfim, pessoas que não abrem seus horizontes tornam-se preconceituosas e mantêm-se na estreiteza da sua existência." **Martha Medeiros**

Bons estudos !

Fonte: Slide elaborado pela pesquisadora com base na teoria estudada.

APÊNDICE F

Slide com atividade

The image displays four slides arranged in a 2x2 grid, each containing a list of sentences that illustrate the use of modal verbs in Portuguese. The slides have a light gray background with a white border and a drop shadow.

- Slide 1 (Top Left):**

ANÁLISE EM COJUNTO:

 - É **verdade** que os filmes eram muito ruins.
 - **Realmente**, ele não mereceu a vitória.
 - **De forma alguma** duvidei da sua opinião.
- Slide 2 (Top Right):**
 - Informamos que o curso **deverá** acontecer na próxima semana.
 - Toda cirurgia **tem** de implicar despesas.
- Slide 3 (Bottom Left):**
 - **Felizmente**, os alunos apresentaram compromisso com o trabalho.
 - **Sinceramente**, todos receberão resultados satisfatórios.
- Slide 4 (Bottom Right):**
 - Na primeira fase, **teoricamente**, nosso adversário terá mais chances de vencer.
 - **Tecnicamente**, eles são mais preparados.

Fonte: Slide elaborado pela pesquisadora com base na teoria estudada.

APÊNDICE G

Atividade de intervenção 7



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE



Nomes: Lucas, Gata, Bruno, Biana, Lucas

A6 e A8

1. Observe:

✓ **Com certeza**, ele foi aprovado.

✓ **Provavelmente**, ele foi aprovado.

✓ **Felizmente**, ele foi aprovado.

Nas sentenças acima, embora se trate do mesmo conteúdo semântico, os efeitos de sentido são variados. Isso ocorre devido o uso de diferentes elementos de modalização discursiva. Com base nisso, analise e responda: em qual enunciado o locutor:

- atribui como verdadeiro o conteúdo dito?
Felizmente, ele foi aprovado.
- não se responsabiliza pelo que é pronunciado?
Provavelmente, ele foi aprovado.
- demonstra um juízo de valor sobre a proposição?
Com certeza, ele foi aprovado.

2. Leia os trechos a seguir, analise e responda:

✓ Eles **podem** ir à biblioteca.

✓ **Posso** ir à biblioteca?

✓ Os alunos **não podem** chegar atrasados.

✓ O João **pode** ter ido ao banheiro.

Note que, nos enunciados acima, o verbo **poder** foi empregado para exprimir sentidos diferentes.

- Explique com que intenção o verbo **poder** foi mencionado em cada um dos enunciados.
1- Permissão
2- Dúvida, pergunta
3- Advertência
4- Incerteza

3- Reescreva cada frase a seguir, duas vezes, de maneira que uma versão denote **dúvida** e a outra denote **certeza**.

- Ele é o novo aluno.
Ele com certeza é o novo aluno.
Ele pode ser o novo aluno.
- A escola vai receber o prêmio.
A escola certamente vai receber o prêmio.
A escola provavelmente vai receber o prêmio.

c) A biblioteca vai ganhar novos livros.

es biblioteca pligmento vai ganhar novos livros.

A biblioteca pode ganhar novos livros.

d) Iremos assistir à palestra na outra escola.

Iremos com certeza assistir a palestra na outra escola.

Iremos talvez assistir a palestra na outra escola.

4- Reescreva as manchetes a seguir, usando termos que demonstram engajamento, responsabilidade do locutor sobre o que está afirmando, ou seja, **expressões que imprimam marcas de certeza.**

a) **Tiro pode ter levado helicóptero a pouso forçado em São Conrado**

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

Tiro deu helicóptero o pouso forçado em São Conrado.

b) **Produção de passaportes deve ser retomada hoje após quase 1 mês de suspensão**

Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/casa-da-moeda-deve-retomar-nesta-segunda-confeccao-de-passaportes.ghtml>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

Produção de passaportes foi retomada hoje após quase 1 mês de suspensão.

c) **Economia brasileira deve crescer 0,3%, avalia FMI**

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

Economia brasileira vai crescer 0,3% avalia FMI.

5-Dependendo da situação comunicativa, um mesmo enunciado pode ser expresso de diversas formas. Indique o sentido das expressões a seguir:

Possibilidade- Obrigatoriedade – Necessidade- Probabilidade – Incerteza – Dúvida - Certeza

a) **É possível** que os alunos não cheguem atrasados à aula. Possibilidade

b) **Certamente** os alunos não chegam atrasados à aula. Certeza

c) **Talvez** os alunos cheguem atrasados à aula. Incerteza

d) **Provavelmente** os alunos não cheguem atrasados à aula. Probabilidade

e) **É necessário** que os alunos não cheguem atrasados à aula. Necessidade

f) Os alunos **não podem** chegar atrasados à aula. Obrigatoriedade



ESCOLA ESTADUAL DOM LÚCIO
COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA – RENATA SOARES DIAS
TURMA: 9º ANO – RESPONSABILIDADE

Proletras
mestrado profissional

Nomes: A25 e A32

Atividades

1. Observe:

- ✓ Com certeza, ele foi aprovado.
- ✓ Provavelmente, ele foi aprovado.
- ✓ Felizmente, ele foi aprovado.

Nas sentenças acima, embora se trate do mesmo conteúdo semântico, os efeitos de sentido são variados. Isso ocorre devido o uso de diferentes elementos de modalização discursiva. Com base nisso, analise e responda: em qual enunciado o locutor:

- a) atribui como verdadeiro o conteúdo dito?
com certeza, ele foi aprovado
- b) não se responsabiliza pelo que é pronunciado?
provavelmente, ele foi aprovado
- c) demonstra um juízo de valor sobre a proposição?
felizmente, ele foi aprovado

2. Leia os trechos a seguir, analise e responda:

- ✓ Eles **podem** ir à biblioteca.
- ✓ **Posso** ir à biblioteca?
- ✓ Os alunos não **podem** chegar atrasados.
- ✓ O João **pode** ter ido ao banheiro.

Note que, nos enunciados acima, o verbo **poder** foi empregado para exprimir sentidos diferentes.

a) Explique com que intenção o verbo **poder** foi mencionado em cada um dos enunciados.

1. *para indicar*
2. *para pedir*
3. *para indicar afirmação*
4. *para possibilidade*

3- Reescreva cada frase a seguir, duas vezes, de maneira que uma versão denote **dúvida** e a outra denote **certeza**.

a) Ele é o novo aluno.

Sem dúvida ele é o novo aluno, certeza
Dúvida ele é o novo aluno, dúvida

b) A escola vai receber o prêmio.

Certamente a escola receberá um prêmio, certeza
Provavelmente a escola receberá um prêmio

- c) A biblioteca vai ganhar novos livros.

talvez a biblioteca vai ganhar novos livros - dúvida
certamente a biblioteca vai ganhar novos livros

- d) Iremos assistir à palestra na outra escola.

é possível que iremos assistir a palestra na outra escola
com certeza iremos assistir a palestra na outra escola

4- Reescreva as manchetes a seguir, usando termos que demonstram engajamento, responsabilidade do locutor sobre o que está afirmando, ou seja, **expressões que imprimam marcas de certeza**.

- a) **Tiro pode ter levado helicóptero a pouso forçado em São Conrado**

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

certamente o tiro pode ter levado helicóptero a pouso forçado em
nós conrado.

- b) **Produção de passaportes deve ser retomada hoje após quase 1 mês de suspensão**

Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/casa-da-moeda-deve-retomar-nesta-segunda-confeccao-de-passaportes.ghtml>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

sem dúvida produção de passaportes deve ser retomada hoje após
quase um mês de suspensão

- c) **Economia brasileira deve crescer 0,3%, avalia FMI**

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em 24 de jul. de 2017.

com certeza economia brasileira deve crescer 0,3%, avalia FMI

5-Dependendo da situação comunicativa, um mesmo enunciado pode ser expresso de diversas formas. Indique o sentido das expressões a seguir:

Possibilidade- Obrigatoriedade – Necessidade- Probabilidade – Incerteza – Dúvida - Certeza

- a) É **possível** que os alunos não cheguem atrasados à aula. possibilidade

- b) **Certamente** os alunos não chegam atrasados à aula. certamente

- c) **Talvez** os alunos cheguem atrasados à aula. talvez

- d) **Provavelmente** os alunos não cheguem atrasados à aula. dúvida

- e) É **necessário** que os alunos não cheguem atrasados à aula. necessidade

- f) Os alunos **não podem** chegar atrasados à aula. obrigatoriedade